

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

DOMICIO DA GAMA da Academia Brasileira	O capitulo das viagens. 315
E. ROQUETTE-DINTO do Instituto Hist. e Geographico Brasileiro	O Brazil e a antropogeo- graphia 322
SAMPAYO DORIA	Finalidade educativa . . 336
MARIO DE ALENCAR da Academia Brasileira	Poesia 348
ALBERTO DE OLIVEIRA da Academia Brasileira	Sonetos. 351
MONTEIRO LOBATO	A colcha de retalhos . . 354
JOÃO KOPKE	O Corvo 362
ALBERTO SEABRA	Os versos aureos de Py- thagoras. 373
FERMINO COSTA	Vocabulario analogico . 386
COLLABORADORES	Resenha do mez 395

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 12 - ANNO I

VOL. III

DEZEMBRO, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Dois pintores paulistas (com illustrações), *M. L.* — *Physica medica, L.* — Congresso Medico Paulista, *X.* — Defesa Nacional — Liga Nacionalista — Movimento literario — O Conselho do Estado no Imperio e na Monarchia (*Souza Bandeira*) — Fructas brasileiras (*Henrique Silva*) — A obra educadora de Eça de Queiroz (*João Luso*) — Os artistas francezes e a guerra (com illustrações) — A democracia e a diplomacia — As forças psychicas — O que fazem os escriptores francezes — O inventor do cinematographo — Os tolos classicos — Publicações recebidas — As caricaturas do mez.

As assignaturas começam em qualquer tempo

e terminam em Junho ou Dezembro.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO	15\$000
SEIS MEZES	8\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 - TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



RESENHA DO MEZ — Dois pintores paulistas (com illustrações), *M. L.* — *Physica medica, L.* — Congresso Medico Paulista, *X.* — Defesa Nacional — Liga Nacionalista — Movimento literario — O Conselho do Estado no Imperio e na Monarchia (*Souza Bandeira*) — Fructas brasileiras (*Henrique Silva*) — A obra educadora de Eça de Queiroz (*João Luso*) — Os artistas francezes e a guerra (com illustrações) — A democracia e a diplomacia — As forças psychicas — O que fazem os escriptores francezes — O inventor do cinematographo — Os tolos classicos — Publicações recebidas — As caricaturas do mez.

As assignaturas começam em qualquer tempo

e terminam em Junho ou Dezembro.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO

ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO	15\$000
SEIS MEZES	8\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 - TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscrito . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecera talão de cheques s quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3^o/_o ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

Auto-Geral

||| CASSIO PRADO



TODO E QUALQUER PERTENCE
PARA AUTOMOVEIS ::

Stockista MICHELIN

PREÇOS SEM COMPETENCIA

- Recebe pedidos do interior -

CAIXA N. 284

TELEPHONE N. 3706

End. Telegraphico "AUTO-GERAL"

Rua Barão de Itapetininga N. 17

S. PAULO



REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os juizes, promotores e delegados de pollicia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SÃO PAULO

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511
ESTABELECIMENTO DE 1.^A ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,
Filial: CAMPINAS- GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO





Para a Lavoura

Temos sempre em deposito **Machinas e Acessorios para a lavoura.**

Fabricamos: Machina "AMARAL", a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de inegualavel valor para o aperfeiçoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.

Importamos: Machinas agricolas em geral, arados, corréas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo enfim que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Officinas: Rua Lopes de Oliveira, 2
CAIXA N. 6

Endereço Telegraphico: "PROGREDIOR"
SÃO PAULO

Escriptorio: Rua da Boa Vista, 46
TELEPHONE N. 1180



BEBAM

WHISKY DEWAR

“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

e

AGUA MINERAL

Perrier

O
INIMIGO DO
ACIDO URICO



A
CHAMPAGNE DAS
AGUAS DE MESA

“WHITE LABEL” and “PERRIER”

AN IDEAL COMBINATION

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.

PIXOL

Alcatrão de hulha Beneficiado



É um preparado indispensavel em todos os estabelecimentos agrarios não sómente pela sua multipla utilidade como pela facilidade em sua applicação.

Não requer precauções ou conhecimentos para o seu emprego, basta um pincel e boa vontade do trabalhador.

Como o seu nome indica, é um derivado do Pixe, contendo todas as qualidades deste e outras ainda devido ao seu beneficiamento. É perfeitamente fluido e applicavel a frio.

Dentre os varios misteres a que se destina sobresa e o seu emprego nos materiaes que se acham expostos ao ar ou sujeitos á deterioração, substituindo com muita vantagem quer em qualidade ou custo, todas as tintas e preparados até hoje usados nos postes de madeira, madeiramento em geral, postes e vigas de ferro, pois que impede a ferrugem, destróe o cupim e preserva a madeira da acção destruidora do tempo, sendo ao mesmo tempo um excellente desinfectante.

MODO DE USAR: — Em madeira applica-se puro, mas para pintar **aço** ou **ferro** convém misturar uma parte de cimento com uma de kerozene e em seguida accrescentar dez partes de PIXOL.

Fornecido em caixas de 2 latas de 5 gallões cada uma, ou 35 litros por caixa.

Fabricado pela **San Paulo Gaz Company Limited**

AGENTES GERAES PARA O BRAZIL:

H. E. BOTT & COMP.

Rua Libero Badaró N. 10

SÃO PAULO



CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA

ARTIGOS PARA PRESENTES BRINQUEDOS

A QUALIDADE EGUAL,

OS PREÇOS MAIS BARATOS

CASA FRANCEZA

DE

L. GRUMBACH & C.^{IA}

RUA S. BENTO, 89-91 S. PAULO

Casa Paulista de

Moysés Gandelhman

*Vendem-se moveis, camas de ferro esmaltado, colchões,
tapetes e muitos outros artigos a dinheiro e em prestações*

Rua Barão de Itapetininga, 14-A Telephone. 3046 (Central)

O CAPITULO DAS VIAGENS

A J. Capistrano de Abreu

Relidas e analysadas sem indulgencia pessoal, estas impressões das minhas passagens e demoras entre gente extranha não parece contribuir grandemente para a instrucção da mocidade, nem mesmo para o repertorio, hoje tão pouco renovado, das bellas mentiras vindas de longe.

Falta o garbo narrativo a estas relações, falta-lhes a exuberancia admirativa, o *maravilhamento* abandonado e contagioso á força de sincero, a tenção de gosar a vida nova, ainda que, para o fazer melhor, seja preciso tornarmo-nos romanos nas Romas successivas da nossa jornada do mundo. Não se descobre nellas o homem prestigiado pelo muito que viu e aprendeu, que teve a fronte illuminada pelos sóes das terras distantes, de que nos fica a nostalgia para sempre, e o sangue enriquecido aos largos haustos das brisas oceanicas, que viu alteiarem-se no horizonte dos seus olhos religiosamente attentos os vultos tragicos dos monumentos do passado e as moles soberbas e sumptuosas onde pompeia a grandeza do presente, que pendeu a cabeça sob as abobadas solennes onde se ensinava a doutrina antiga e, peregrino em busca da revelação, remontou até ás origens as grandes correntes da vida civilisada.

Para todos estes effeitos esperados em livros de viagens era preciso o animo de dizer coisas novas, que nunca tive. Esta humilde segurança me seja contada no meu balanço intellectual, que nunca presumi de descobridor. O que as impressões directas do mundo exterior acordaram em mim de idéas ou de emoções raras sempre me pareceu que antes de mim outros os teriam tido.

O animo de dizer coisas novas nasce do caracter impulsivo e generoso, que as desillusões não modificam, porque exclue o senso critico, que dellas tiraria ensinamento. Nem mesmo pôde ser muito ensinado um espirito assim decidido a vêr as coisas como as imaginou, através dos seus desejos deformativos. Esta decisão capaz de nos apresentar realidades poeticas já inteiramente construidas para as nossas necessidades, emquanto outros ainda desenham penosamente a épura incerta da verdade deduzida, esta confiada e ingenua e simples visão pessoal dos espectaculos da vida promovem em nós a sympathia maxima com que lemos os livros de divertimento. Mas a honestidade logica, incompativel com a phantasia graciosa e facil, e a humildade espiritual do que não pretende o privilegio de aprender sem esforço — cedo extinguiram em mim o poder creador das verdades para uso proprio, cedo estancaram-me a fonte da poesia corrente cantando entre jardins de flores conhecidas. Do mal dahi provindo não sou culpado, que me não escolhi um caracter e assim me encontrei cauteloso e analysta. Cultivo, sim, essa terra secca da critica com o severo carinho de um amator de actos rebarbativos, considerando que ha lugar para esthetica até no trabalho ingrato das classificações abstractivas. Sómente, o divertimento tirado de taes contemplações costuma ser reservado e austero como as alegrias que de tão profundas nem chamam o sorriso aos labios.

Receio bem que o leitor destas notas avulsas seja ainda mais rigoroso que o autor e não encontre nellas merecimento para serem conservadas em volume. A justificação do volume presumpçoso seria o conselho instante dos amigos. Porém, ainda mesmo sem esse grato estimulo, eu sinto que era fatal a crise das saudades em que do remecher em jornaes velhos e cadernos resultaria o livro, falhado e escasso embora, dos itinerarios e registros de impressões recebidas pelas estradas e nos pousos do mundo. Será elle o *alpenstock* literario das minhas excursões de mocidade, omittidos os nomes evocativos das estações sentimentaes. Se coubesse em escriptos como este a completa expansão de memorias intimas, sobraria por ahi materia para novellas captivantes. Assim serviriam as viagens para justificar a mudança dos scenarios na comedia tragica que cada um de nós representa na vida.



Escasso e falho é o livro, mas a sua pouquidade não é impertinente. Quem o percorrer com paciência não achará aggressivo o seu personalismo, que não doutrina. E' que as minhas viagens foram feitas para aprender, não para ensinar. O mesmo é de certos livros que lemos para os ter lido, não para falar delles. Descrever paisagens classicas e contar emoções consagradas sempre me pareceu exercicio de poeta sem respeito pela imaginação alheia. Dahi a parcimonia das descripções nestas paginas descuidosas. Emquanto as esboçava ia pensando nos que antes de mim viram melhor e exprimiram melhor o que viram, com mais vibração, com a convicção communicativa. E resumia e schematisava e calava, com esse honesto medo de enfiar que impede tanta gente de ser engraçada em sociedade.

Tambem não era para ser guardado isso que a longos intervallos andei dando a jornaes e revistas, por enchimento. A primeira tenção de quem escreve é só publicar a obra fina, escolhendo ante as suas produções as mais valiosas, as perolas mais perfectas da sua sensibilidade, para engastal-as sob a forma definitiva no livro destinado aos seculos. As resmas de papel manuscripto que perdemos pelos escriptorios dos jornaes, nas gavetas e armarios dos hoteis ou em mãos de amigos descuidados representam a prodigalidade de quem julga inexaurivel o seu thesouro de idéas e emoções. Mas o tempo passa e as obras essenciaes não foram feitas e a sensibilidade teimosamente sadia e equilibrada cessou de produzir as perolas peregrinas da poesia. Lembra-se então o escriptor das suas paginas menores, desprezadas entre a palhada van do jornalismo. E reconhecendo-as e recolhendo-as com mão piedosa, não pôde deixar de pensar na série ou no capitulo em que ellas figurassem decentemente.

E' ainda este um dos casos em que melhor seria o livro que não foi escripto. Interessante, senão informativo, seria o itinerario ideal do menino sedentario e roido de desejos, cuja phantasia viaja sem repouso e sem destino, como num sonho ardente de liberdade e de poesia. Desembaraçado da realidade importuna, evadido das linhas certas dos roteiros frequentados, que gradeiam o horizonte ao viajante ordinario, esse peregrino das Mecas imaginadas teria a independencia de expressão e a autoridade de quem affirma cousas inverificaveis. O livro nume-



roso e profundo, e verdadeiro na sua imprecisão, não foi escripto, talvez porque não pudesse ser lido. Qualquer de nós é capaz de o conceber, embora lhe falte a fé para reduzi-lo a lingua clara e sympathica.

No começo é o poema da aspiração, a divina aventura da alma dispersa cada manhan aos quatro ventos do ceu, forrageando pelos campos do saber alheio, e regressando cada noite, exausta de fadiga, ajujada sob a carga da pilhagem vária destinada ao thesouro da futura urbs cerebral. Programma não ha, nem tenção formal, que a vida intensa é sem tenções e tudo espera do imprevisito: apenas o impulso do desejo, a projecção do individuo para a frente. Mas dos hymnos retumbantes de esperança acompanhando as sortidas e da surdina elegiaca das voltas se vae compondo a toada característica do homem feito, o seu thema pessoal e representativo nos concertantes da vida. E, premiada nas confirmações praticas das suas intuições e previsões, ou ensinada nos desenganos de que não resulta amargura, porque ainda são a lição da experiencia, esse ir e vir da alma aprendendo a viver encerra nos seus mil episodios desdenhados toda a infinita e inexplorada poesia das descobertas.

Aos dois annos de idade foi a passagem da casa natal na varzea para a morada no morro. Atraz ficavam os apegos materiaes, cousas amadas, outras detestadas, claridades familiares nas várias horas do dia, uma carranca apavorante na parede de um quarto escuro, e no salão, suspensas em baças molduras verdes, gravuras coloridas contando o romance do Filho Pródigo. Adeante era o não conhecido e não desejado. Havia apenas um campo a atravessar e uma ladeira a subir — quinze minutos para as corridas loucas no futuro. Mas, naquella tarde, ao menino que pela primeira vez transpunha a cerca do campo afigurou-se vastissima a pastagem rodeada de brejaes, dessorando pelas vallas sinistras a agua tinta, ainda mais escurificada pela sombra das arvores á beira. A altura do hombro materno que o carregava não lhe dava para dominar o horizonte hostile, cheio de vultos e de rumores novos. Pela estrada, que encobria uma cerca viva, passavam carros de bois cantando e rouquejavam gritos selvagens de carreiros, fóra da afinação com a serenidade da hora. A meio da ladeira foi a primeira



visão dos altos pennachos de espuma branca, franjando a moldura amarellenta das dunas, de onde vinha como um trovão surdo e continuo o estrondo temeroso da arrebentação do mar. Tudo parecia estreitar-se, aproximar-se, ameaçar. Era o mundo inimigo, o panico inexplicavel e invencivel, religioso. O braço forte e doce que o sustinha, a cabeça amiga apertada contra o seu coração agitado sentiram-lhe nas contracções do corpinho mais aconchegado, buscando amparo, a invasão do terror angustiante. E logo a voz segura e clara começou a fallar, espancando os medos vagos, ensinando a coragem, disfarçando as estranhezas da casa nova, promettendo bellezas, restabelecendo na alminha desnorteada o equilibrio perdido na emoção violenta, até á vinda do somno agazalhador e calmante.

Este drama fremente do primeiro desarraigamento mereceria ser contado com arte. Acaso revelaria elle á analyse dessa impressão profunda do horizonte mudado em torno, da illuminação differente, dos vultos e linhas familiares, que nos occupavam o ambiente e lhe definiam a physionomia obscura, substituidos agora por uma figuração antipathica na sua novidade, sem passado, sem uma acção que lhe dê prestigio e a personalize na breve e balbuciante e palpitante chronica dos nossos primeiros dias, acaso mostraria pela propria violencia dessa estranheza o resaibo pungente de toda sensação bastante nova e intensa bastante para que della nos fique a marca funda na memoria. E, ainda mais, comparando esse quasi espasmo da sensibilidde á primeira mudança com os choques cada vez mais fortes que soffremos de fóra e que cada vez menos nos abalam subjectivamente, mostraria na perspectiva invertida da nossa consciencia a degradação dos tons e o esfumado das figuras, diminuidas de nitidez e de relevo, vindo dos derradeiros planos para a frente e significando o estancamento gradual da fonte de emoções nascidas do substratum obscuro que é o terror do desconhecido. A conclusão seria que quando chegamos á perfeita segurança individual, que, só, nos permite a critica, tem desaparecido em nós o melhor do sentimento poetico, com a facultade de transmittir emoções vehementes e elementares.

Já a segunda grande viagem, aos cinco annos, para ir vêr o mar e a escola, sendo voluntaria, foi mais tranquillã e confiada. Já ahi se misturavam os arrepios do medo das ondas fragorosas com a curiosidade — não manifestada: as maravilhas



não querem ser explicadas — das causas e dos destinos de toda aquella agitação sem tumulto. E a casa mysteriosamente fechada (era á hora do crepusculo) da escola aonde se vae ganhar premios, ganhar respeito, ganhar saber nos livros que nos communicam com o mundo além, não era mais a terra incognita para o menino em cujo espirito já se firmara a certeza de que aprender é um modo de viver.

Foi assim, sem receio, ainda que não sem emoção, a partida para os estudos na cidade, passando por logares cujos nomes andavam sempre na bocca dos mais velhos, os viajados. Partida ao amanhecer, depois da noite de vigilia e anseio, coração tímido de pena e de alvoroço, estirões fatigantes de marcha, paizagens sempre mudando em perfis de montanhas, em espraiaidos de rios, sombras, perfumes, vozes, sensações exóticas em poucas leguas de distancia, tres cidades vistas no mesmo dia pelo mātuto de doze annos que apenas visitara um povoado, tudo mereceria registro no capitulo das viagens.

E finalmente dias antes de partir para o estrangeiro, a derradeira visita á casa paterna seria a viagem memoravel, cuja data assignala a entrada de um periodo novo da historia pessoal.

Certamente se combinaram em gravidade reflexiva e profunda e obscura demais para a analyse as emoções várias dessa despedida. Havia alli dois homens de mais de quarenta annos de differença, almas distantes de todo esse tempo, embora ligadas na communhão do affecto, pae e filho que se iam separar, talvez para sempre, e o filho trazia ao pae a noticia da sua ruina. Mas emquanto um se sacudia do atordoamento do golpe cuidando antes da partida do outro, substituição heroica da confiança em si pela esperança na aventura alheia, o filho, apazar seu, estudava no pae a physionomia nova que *devia ter o* homem que ao fim da vida assim cessava subitamente de ser dono de outros homens. E como a situação era pungentemente perturbadora, as phrases raras que trocavam mais pareciam ditas para velar o pensamento tormentoso.

Ultimo beijo de adeus na mão quente e segura, primeira amada e unica temida no mundo, olhar panoramico sobre o horizonte conhecido, amigo, em que sempre eramos centro e que por longos annos ainda, quiçá por toda a vida, vae a ser a paizagem dos sonhos de outra acção, premura no coração da



incerteza, da apprehensão dos dias futuros, que sentem á hora das decisões os pensativos, os leaes para consigo mesmos, sombra da saudade prévia que empanna o brilho da mais radiosa manhan de partida, quem vos pudesse contar com sinceridade não teria perdão se por sua escolha envelhecesse e morresse em terra extranha!

Mas ninguem póde, ninguem sabe dizer essas peregrinas angustias dos grandes momentos que nos revelam a nós mesmos. Ou, se sabe e póde, não encontra logar para ellas entre as descripções da realidade corrente e impessoal, que querem que sejam as narrações de viagens. O "capitulo dos livros" seria mais apropriado para taes dissecções. Sómente, a quem fazer lêr tal capitulo, senão aos escriptores, que têm "a intelligencia"? Tanto vale deixal-o por escrever.

E no entanto de quanta deformação critica, de quanta injustiça na apreciação das coisas exóticas é causa esse apego irreductível ao ambiente patrio, revelado em paroxismo pela creança pavorada á sua primeira sahida de casa, e quão facilmente se póde retrazar á sua origem estreitamente nativista a impermeabilidade, a inibição da alma errando sempre fechada na sua couraça de antipathia isoladora! Assim viaja a maior parte da gente sincera.

O leitor dirá se assim viajei.

DOMICIO DA GAMA.

Petropolis, 11 de Maio, 1906.



O BRASIL E A ANTHROPOGEOGRAPHIA ⁽¹⁾

Abelha estranha, e mais velha entre vós, meus jovens amigos, não vos trago senão o mesmo conhecido mel do perenne amor à nossa terra e ao nosso povo; algumas gottas desse patriotismo firme e modesto que na vossa "Colmeia" também se elabora. O que vem commigo é antes temperado de experiencia; mas não fará, eu o espero, grave damno ao vosso proprio, perfumado de entusiasmo. Porque ambos, o vosso e o meu, são matizados de esperanza.

A virtude da esperanza é o maior bem da Terra; só quem espera pôde ser bom; só quem espera pôde ser sabio, e consegue ser forte.

Um punhado de maus brasileiros, filhos ingratos ou reprobos enteados do Brasil, anda espalhando, na alma deste povo ingenuo, a crença desalentadora, a religião do pessimismo.

Para os tristes sacerdotes do rito infeliz o esforço desinteressado é uma tolice; o estudo ardente, é uma "fita"; a moral publica, uma mentira. A patria é uma commandita sem prestigio; a gente deve cuidar de si... Não. O Brasil não é um terreno baldio, campo sem dono aguardando energias estranhas. Habita-o um povo que, para vencer suas difficuldades historicas, apenas precisa que se lhe digam palavras toniccas, capazes de lhe infundir a suggestão do valor proprio. Patriotismo gera-se pelo exemplo; mas a palavra propaga o exemplo.

Fazem obra de maldade os que apregoam a fallencia dos nossos destinos, desalentando as massas, espalhando, systematicamente, o desanimo, suggestionando, diariamente, a ruina da nacionalidade, como se este povo pudesse morrer assim, depois de ter vivido a historia que possue.

(1) Conferencia realisada na "Colmeia", em 25 de Setembro de 1912.

A "Colmeia" é uma sociedade de propaganda nacionalista, constituída por um grande numero de estudantes das escolas superiores do Rio de Janeiro.

Cumprindo o seu programma, esta sociedade organisou para 1916 uma série de 3 conferencias sobre o Brasil. Esta foi a primeira realisada. Medeiros e Albuquerque e Olavo Bilac encarregaram-se das outras. — N. da R.



Se existe um traço psychico colectivo no povo brasileiro, essa característica é uma extraordinaria suggestibilidade, comprovada pelos episodios religiosos que têm revestido formas de loucura colectiva na Bahia e em Santa Catharina. E' um povo de que as classes dirigentes, que são as classes que sabem lêr, farão o que entenderem. Embora aceitando a justa critica do que aqui se vê, nós nos affastamos inteiramente dos demolidores; e vamos hoje reaccender dentro de nós mesmos, mais uma vez, uma luz de esperança.



A questão que desejo examinar comvosco apenas pôde ser esboçada no aperto desta hora; nem eu pretendo mais que formular as bases de um programma de estudos capazes de vos interessar a todos. Porque, em geographia humana ha sempre lugar para quem queira trabalhar; e o Brasil é um assumpto virgem. Para servil-o, antes de mais nada, é preciso conhecê-lo. Tão perigoso e tão mau quanto aquelle pessimismo interesseiro de que vos falei ha pouco, é o ingenuo entusiasmo côr de rosa dos commodistas preguiçosos, que se limitam a repetir a fama de nebulosas **riquezas naturaes**, cuja descripção viram em livros estrangeiros subvencionados...

Ora, o que venho prégando, desde que iniciêi a minha vida publica, já lá vão quasi 12 annos, é a individualisação das pesquisas, a objectivação brasileira das observações.

E' preciso estudar o Brasil, com os seus encantos e as suas tristezas, para o amar conscientemente: estudar a terra, as plantas, os animaes, a gente do Brasil.

Terra de tão forte ascendente sobre os homens, deve ter influido de um modo proprio sobre o povo que a habita; qual foi essa influencia?

Esse povo "laborioso e manso", tal como o pintou Rio Branco, deve ter transformado esse torrão americano; qual foi essa transformação?

Eis ahí o que a anthropogeographia, applicada ao Brasil, procura deslindar.



Anthropogeographia — foi uma designação creada em 1882 por Friedrich Ratzel, professor em Leipzig, espirito que impulsionou, de um modo extraordinario o estudo descriptivo das populações da Terra. Sua ideia dominante foi mostrar a correlação existente, por toda parte, entre os factos historicos de um povo e as características geographicas de sua região.

A anthropogeographia, escreveu esse allemão de espirito latino, traça nas cartas a densidade da população, os estabelecimentos humanos, e os caminhos. E, onde a humanidade fôr representda por diversas raças, povos ou grupos de natureza e de historia diversas, ella pesqui-



zará a extensão dessas dessemelhanças e a documentará nos mappas.

Todavia, Ratzel é o primeiro a mostrar o processo evolutivo dessa concepção, que não surgiu de um jacto no seu cerebro. Ella nasceu no grande seculo 18. Montesquieu, mostrando que a actividade humana é regida por leis naturaes; Condorcet, escrevendo a primeira historia philosophica da civilisação, em meia duzia de paginas; Buffon, traçando a historia natural do homem, permittiram a formação de um **critério anthropogeographico**. Depois, em 1809, Lamack, pregando que o meio modela os organismos, teve uma grande influencia na evolução dessas pesquisas, que receberam subsidio decisivo de Humboldt, o principe dos viajantes, e Karl Ritter, fundador da geographia comparada.

Sobre a systematisação de Ratzel pesou, porém, bastante, a philosophia de Augusto Comte; e o geographo allemão não esconde a funcção que teve, na sua obra, a concepção da humanidade como organismo integral, o Grão-Ser dos positivistas.



Todavia, pôde-se dizer que o trabalho de tal escola foi se conservando quasi alheio á maioria dos geographos; seu grande sopro não chegou ás massas empenhadas no magisterio. Continuou-se a ensinar e a aprender a geographia como se o factor humano fosse o menor dos accidentes de uma região. Quando muito eram apontadas as cifras da população, a fórma de governo, o numero das dioceses ou bispados...

Porém o genio da cultura franceza não dormia. E, desde 1877, F. Le Play imaginava uma verdadeira technica de investigação social, baseada no estudo monographico, pratico, documentario, dos phenomenos humanos. Em muitas das suas pesquisas, essa escola, vulgarizada aqui por Silvio Roméro, faz puramente o que os francezes chamam — **geographia humana**. Desse ponto de vista Ed. Desmolins é o maior vulto dessa escola. Mas, quanto aos fins dessa disciplina, os francezes têm-se transviado, abandonando um pouco a directriz primitiva, confundindo **geographia humana** com **geographia economica**, que é coisa muito differente.

Ratzel era, antes de tudo, ethnologo; sua orientação ethnographica é visivel em todos os seus escriptos e foi seguida pelos seus discipulos.

O methodo seguido pelo professor Brunhes, do Collége de France, não se propõe a deslindar os phenomenos humanos senão na medida de sua extensão geographica. E' relativamente modesto e, por isso mesmo, mais accessivel e mais realisavel. Porque, a critica que se poderia fazer aos outros, da interessante escola de Le Play, é precisamente esta: para sociologia, as suas monographias têm sciencia de menos; para geographia ou demographia... têm demais.

Anthrogeographia e ethnographia são segmentos connexos de um mesmo saber.



Cada phenomeno humano pôde ser considerado de dois pontos de vista. O primeiro ligado ao conhecimento do **meio cosmico**; o segundo, preso ao exame do **meio social**. Ambos interessam por igual aos que pretendem comprehender a vida dos povos. Para mostrar a orientação positiva do espirito moderno, basta ver como a exigencia de documentos é cada vez mais accentuada nesses estudos, para os quaes, outr'ora, a facundia supria o conhecimento e as phrases... eram factos.



Nenhum outro paiz apresenta, como o Brasil, aspectos anthropo-geographicos tão interessantes. Aqui, por toda parte, os elementos humanos postos em contacto foram, mais ou menos, os mesmos; porém, os typos resultantes não se espalham de maneira equivalente pelo territorio. Uma carta da população actual mostra tres zonas mais ou menos nitidas, cada qual correspondente a uma das raças fundamentaes aqui reunidas. A primeira mancha irregular, delimitando a **zona do caboclo**, cobre Matto Grosso, Amazonas, Pará, Norte de Goyaz, e os Estados do Nordéste, até as visinhanças da fóz do S. Francisco.

Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Minas, Sul de Goyaz, E. Santo, Rio de Janeiro, Norte de S. Paulo, formam a **zona de influencia africana**.

A fita littoranea e os Estados do Sul, a partir da Capital da Republica, constituem a **zona de influencia europeia**. Evidentemente, é preciso dar a essas denominações uma significação relativa...

Os numeros censitarios de que se pôde dispôr para estes estudos, embora incompletos e precarios, concordam com a observação de quem viaja pelo interior do paiz.

Observa-se desde logo que a distribuição dos afro-americanos se faz na porção de territorio em que a população é mais densa, dando a impressão geral de sua predominancia no paiz todo, o que não é real.

Grupados, assim, entre os maiores nucleos de população, os descendentes da raça negra, sem a qual não haveria, hoje, aqui, nem união e nem progresso, são absorvidos e transformados rapidamente, porque não foram insulados por nenhum preconceito. Essa distribuição geographica é, pois, um dos factores mais importantes no desaparecimento dos negros, o qual se vai apressando, por outro lado, por causas puramente sociaes, extranhas á geographia.

Em 1872 formavam cerca de 16 por cento da nossa população global; em 1890, já desciam a 12 %; em 1912 deveriam andar por 9 %. Emquanto os brancos subiam de 38 % em 1872, a 44 % em 1890 e cerca de 50 % em 1912.

Porém, aquella distribuição nasceu de determinantes geologicas e agricolas particulares; foi a terra que impoz a repartição dos negros pelo Brasil.



A cultura da canna, ao Norte reclamou-os desde o meado do seculo 16; o ouro e o diamante fizeram levar os africanos, no seculo 18, até o interior de Minas e Goyaz. S. Paulo os recebeu em maior numero quando, ainda no seculo 18, a cultura do café precisou de braços. Já os adquiria, porém, muito antes, quando os Jesuitas começaram a entrar a escravisação dos indios. A unica porção do Brasil que produzia; as unicas regiões onde a agricultura e a industria durante muitos annos foram praticadas; o Brasil que armazenou riquezas para custear, mais tarde o progresso do seu organismo inteiro, foi essa porção de terra que bebeu o suor do negro. E' uma justiça que lhe devem as gerações que o não conheceram trabalhando e soffrendo.

Como um actor cujo papel findou na peça do nosso caminhar historico, elle se recolhe aos bastidores, vindo morrer nas cidades onde a concorrência o esmaga. Salvo aquelles, em numero mui limitado, que conseguiram um "sitio" proprio, os do interior do paiz vivem em condições quasi idênticas ás dos indios. Sempre individoados para com os proprietarios, ficam presos, numa semi-servidão desmoralizadora. O colono de origem africana, numa fazenda de Minas, do Estado do Rio, que, perto da Capital da Republica, vive mergulhado na bruta ignorancia dentro da qual um homem, no mundo moderno, é um bipede quasi imprestavel. A dez kilometros desta sala sumptuosa (1) treme de paludismo, devorada pela febre, que um farrapo de instrucção permitiria evitar, uma população que é só pequena amostra de um grande povo á espera de um minimo de educação. Quantos são os negros brasileiros que se casam regularmente, constituem familia, têm filhos legitimos e se mantêm durante toda a vida num ambiente verdadeiramente domestico? Quantos são capazes, por essas roças a fóra, de declinar os nomes dos proprios progenitores, com segurança? Nas classes populares, mesmo na maior das nossas cidades, quasi todas as pobres mulheres nacionaes são "Maria da Conceição", sem mais nada... porque a ignorancia de sua origem não lhes diz mais nada; são filhas de um povo, e não de casaes legaes. Forma-se, assim, sempre pela deficiência de educação, uma população de bastardos. Não exaggero, nem invento.

Repito apenas o que se vê nas classes populares da Capital. Perito do Serviço Medico Legal, em 1908, medico da "Sala do Banco", na Santa Casa, ha 8 annos, diariamente soffro o attricto do meu pobre povo. E' nesse contacto que angario os meus elementos de estudo. E nem quero me valer de documentos colhidos no interior do paiz.

E' preciso, pois, meus amigos, ensinar ao nosso povo, primeiro, a produzir riquezas para sahir de sua miseria e comprar as balas de que precisar, ou aprender a torneal-as pelas proprias mãos, quando a fatalidade assim o exigir.

(1) Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Augmento de producção, defeza nacional... tudo isso, sem educação?

E' muito claro que nem todos, coitados! poderão esperar pelo trabalho de **moralisação systematica**, que a educação trará no fim de alguns annos; esses estão destinados, pela sua triste sorte, a acabar seus dias como seus progenitores. Porém, resta a grande massa das crianças, dos adolescentes, mesmo dos jovens e até adultos mais prendados, que é possível salvar.

O exemplo norte-americano mostra, positivamente, o que pôde fornecer o negro quando a cultura consegue apagar as deleterias influencias que a condição de seus antepassados creou no seu animo. Em 1900 os negros formavam 11,6 % da população norte-americana; em 1910, essa porcentagem desceu a 10,7.

Pois apezar desse decrescimo, estão cada vez progredindo mais, moral, intellectual e praticamente. Naquelles 10 annos a taxa do analphabetismo cahiu muitissimo. Em 1900, mais da metade dos negros norte-americanos não sabia lêr; hoje, são analphabetos cerca de 30 %.

A mortalidade diminuiu entre elles. O valor das propriedades ruraes dos negros, nos Estados-Unidos, em 1900, era de pouco menos de 500 milhões de dollars; em 1910, subia a mais de 1 bilhão.

Já é um progresso...

George Harvey, estudando o problema negro na sua patria, mostra que, na condição de agricultores, elles adquirem riqueza mais depressa do que o resto da nação.

O elemento de origem africana, no Brasil, offerece á anthropogeographia, como se está vendo por tudo isso, uma serie de questões. Muitas vezes taes estudos têm sido pretexto para simples litteratura.

Por outro lado, o estudo anthropologico da raça negra no Brasil, esboçado pelo professor Nina Rodrigues, na Bahia, offerecerá grandes surpresas, que já tive, eu mesmo, occasião de vislumbiar, em pouco tempo de observação.

A maneira pela qual o meio anthropogeographico modificou essa gente, só poderá ser posta ás claras por indagações minuciosas, que ainda não foram realisadas. Modernamente, as questões referentes aos cruzamentos receberam um impulso innegavel pelo rejuvenescimento da theoria do abbade Mendel, formulada em 1865, depois de 8 annos de estudos, nas actas da Sociedade de Historia Natural de Brünn e, ha pouco, exhumada.

De 1900 até hoje as ideias do frade austriaco têm transformado inteiramente o conceito da especie em biologia, e alterado tudo quanto se admittia como dogma em materia de transformação de typos. A **herança dos caracteres** interessou todo mundo; antes da guerra, na Europa e nos Estados Unidos as pessoas do bom tom procuravam obter cruzamentos de flôres e de aves, para observar os resultados,

concorrendo, dest'arte, ao esclarecimento das questões da "Genetica", nome novo creado para baptisar velhas coisas...

Na especie humana não é possível, por uma serie de razões, verificar as **manifestações mendelianas**, que se podem provocar á vontade entre os animaes: a prole é muito reduzida, ha muitos caracteres individuaes que mascaram os especificos, a gestação é muito longa... e a moral, em taes assumptos, não permite experiencias. Nas explicações da theoria do abbade ha, mesmo, demasiada metaphysica...

Porém, espontaneamente, o Brasil está sendo, neste momento, um immenso laboratorio de anthropologia; e os casos de herança mendeliana que pessoalmente tenho observado nas familias populares, aqui, são já numerosos e documentados. Mostram que, mesmo sem intervenção de outro elemento branco, o cruzamento de mestiços fornece prole branca, que a anthropologia é incapaz de separar de typos europeus. Todavia, não esqueçamos, por amor ao preconceito disfarçado ou manifesto, que o problema nacional não é transformar os mestiços do Brasil em gente branca... O nosso problema é a educação dos que ahi se acham.



No cruzamento da raça negra com a raça branca certos caracteres desta ultima, em muitos casos, dominam: côr da pelle, typo de cabellos, etc. Porém nos cruzamentos de brancos e indios, a raça americana resiste mais; e os **caboclos** têm muitos traços puramente americanos.

Elle predomina naquella zona que apontei ha pouco; todavia, é grave erro acreditar que, no grande sertão central e na baixada amazonica o sertanejo seja só o caboclo. Tanto nas chapadas do Nordéste, quanto nos seringaes, ha muitos **cafúzos** ou **caborés**, representantes de uma parte de sangue africano. Muitos escravos fugiam para se **aquilonbar** nas mattas, na vizinhança de tribus indias. A fuga das mulheres era mais difficil; de sorte que o rapto das indias foi largamente praticado pelos pretos quilombolas.

Não apparecem muito os traços africanos nesse cruzamento; o indio é dominante. Mas o folk-lore do paiz inteiro mostra quanto foi extensa a influencia ethiopica.

A **zona do caboclo** é naturalmente dividida em duas regiões: a Amazonia e o Grande Sertão.

Na Amazonia a actividade humana encontrou obices sem conta á sua natural expansão. O homem pôde viver debaixo de todos os parallelos; porém, ha **climas humanos**, sectores de planeta em que a vida da especie corre mais á feição de seu progresso; e ha pedaços de terra cujo clima contraria o organismo, por diversos modos.

Por patriotismo mal entendido ninguem deve deixar de reconhecer que aquelle clima gera a matta contínua, e a matta cria os insectos que martyrísam, mesmo quando não transmittem doenças. Os allu-



viões seguidos, as erosões formidáveis, os mururés, tornam precária a construção da casa, primeiro passo para um trabalho longo e systematico. A casa, na Amazonia, é uma edificação palafitta, typo das lacustres, capaz de dominar as enchentes.

C. F. Hartt escreveu, em 1872, com a segurança que fazia d'elle um scientista dominador, que o **Amazonas é o destruidor da Amazonia**. Para os geologos, numa phrase feliz de Euclýdes da Cunha, aquelle rio "é um continente em marcha". Terreno ainda em formação não tenta colonisação estavel.

A flora ajura a vida; mas a exuberancia das hervas más perturba as plantações e o calor faz o homem preguiçoso como um gato de luxo...

A fauna é uma concorrente. Para fugir das **formigas de fogo** a população de Aveiros, no Tapajóz, abandonou suas moradas no começo do Seculo XIX.

Liberta do paludismo, do béri-béri, da febre amarella, da leishmaniose e de tantos outros factores anti-occumenicos — (no sentido de Ratzel) — (ainda assim não será, tão cêdo, **região de localisação**; permanecerá **terra de exploração**, de população oscillante.

O **tapúio** — é o typo corrente da Amazonia; filho de indio, ou indio amansado, vive pescando **pirarucú**, **peixe-boi**, ou **tartaruga**. O tempo vai dando cabo d'elle; a civilisação, syphylis e aguardente, auxiliam o tempo"...

O **paroára** — é o seringueiro; nasce no Nordéste e vai morrer na Amazonia.

E' um typo ethnico que principiou a se tornar definido em 1877, quando a grande secca escorraçou do Ceará seus filhos abstemios e ousados.

A fome e a doença, então, mataram cerca de 500.000 pessoas. O exodo systematico começou; e o **paroára** foi desbravar aquelle "inferno". E' o garimpeiro do extremo Norte; não vai até lá para permanecer; se não volta, é que a dívida o prende ao seringal, escravizando-o. Assim, as condições anthropogeographicas da região: população escassa, deficiencia de meios de communicação, suggestibilidade do povo, fazer reviver o trabalho servir no Brasil.

Fala-se muito da escravisação do seringueiro do Amazonas, pelo processo das dividas, reaes ou phantasticas; porém, esse é um phenomeno social muito mais espalhado aqui. Em Matto Grosso nós o testemunhámos. E, a verdade é que elle só não existe nas regiões de população densa, dotadas de vias de communicação. Fóra dahi, a condição do trabalhador rural, no Brasil, é mui precária, senão desgraçada.

Em Matto Grosso o seringueiro encontra um meio mais favoravel. A terra já ganhou feição definitiva e os nucleos de população surgiriam mais rapidamente, não fosse o antagonismo de gentio, aliás, cada vez mais brando.





No centro desta zona achamos o grande sertão, a chapada onde se gerou o typo ethnico mais representativo do Brasil, onde se esboçou uma raça.

O mais interessante é que os caracteres somaticos, corporaes se quizerem, dos habitantes dessa enorme extensão não são uniformes: physicamente o **cuiabáno** e o **cearense** não são mui parecidos. No caboclo do sertão de Cuyabá a estatura é mais elevada pela interferencia de sangue bororó.

O **jagunço** do Nordéste é de estatura menor. Assim a fórma geral do craneo, os tons da pelle, o cabelo, as proporções do corpo.

Porém, se differem tanto no physico, a sua **alma** é uma alma só; de sorte que, se existem differentes typos anthropologicos no grande sertão espalhados, ha um só typo ethnographico, admiravelmente individualisado.

Certo que a casa em Sergipe é coberta com as folhas do gravatá, em Matto Grosso com as do uauassú ou com o couro do boi, em toda parte com sapé. A technica da construcção, conforme a região e o material, tambem varia; mas, isso é imposto pelas condições locaes secundarias e não importa ao caso.

Os aparelhos de pesca, herdados directamente do gentio, seguem feitio commum.

E o sertanejo, assim, vai sendo o intermediario forçado entre os antigos e os futuros colonisadores do interior. As poucos, sem que ninguem perceba, muitos costumes indigenas vão passando para os ranchos do nosso povo ainda hoje, quasi debaixo dos nossos olhos.

Tiro das minhas notas uma informação relativa á apicultura, que dcumenta isso luminosamente. Do mel de certas abelhas do Brasil, da **bojuí**, da **jatí**, e de outras, não é possivel dizer o que é melhor, se o gosto ou o cheiro; parece que as abelhinhas concentram naquellas gottas a alma de todas as flôres da floresta. O indio pensou em aproveitar essa fortuna, talvez por influencia de civilisados; então imaginou um systema de colmeia que permittisse a utilização do mel e o transporte do enxame.

E' colmeia feita de uma cabaça, segundo o modelo que vos mostra a photographia que vos apresento, e o sertanejo vae aproveitando o systema.

Estou certo de que a "Colmeia" estimará conhecer essa collega...

Em outros lugares a transição é ainda mais interessante. De Arrojado Lisboa, bom conhecedor da **zona secca**, ouvi que no sertão de Canindé, no Piahy, obtem-se fogo pelo processo dos bastões ignigenos, esfregando, um contra o outro, dois pausinhos de imburana.





Porém, certas creações individuaes do sertanejo estão desafiando estudo urgente. E são puramente questões de geographia humana.

E' claro que não posso aqui senão apontar esses phenomenos.

Assim, os **praiheiros** do Rio Grande do Norte inventaram um processo de pesca sem anzol e sem rêde... para apanhar os peixes voadores.

"Da praia, diz o Dr. Domingos Barros, o pescador avista ao longe a manta de voadores, correndo e voando em certa direcção. Rapido, apresta a jangada e a larga. Nas visinhanças do cardume esmaga e esfrega nos bordos da embarcação os intestinos de peixes anteriormente apanhados."

Então os peixes voadores se precipitam sobre a jangada, attrahi-dos pela carniça; e os jangadeiros os vão collocando dentro de cestas, sem mais trabalho. Porém ás vezes succede que a jangada corre risco de virar; porque outros voadores vêm se atirar sobre os primeiros, ultrapassando o peso que comporta a embarcação. Então, o caçador começa a fugir da caça... o jangadeiro trata de ganhar a costa, perseguido pelo bando.

E, para collocar ao lado de um processo inventado pelo praiheiro, outro, que tenha nascido no sertão secco, apontemos a **agricultura nocturna**, cultura que se realisa no leito secco dos rios, para aproveitar as gottas de humidade que o sub-solo retém. E' a **cultura de vasante**.

Muitas vezes é feita a dois metros abaixo da superficie, onde existe humidade. E o trabalhador não dorme de noite, para empregar o tempo na cultura que o Sol não permittiria fosse feita durante o dia.

Como esses factos, que são, por um lado, verdadeira, pura e boa ethnographia do Brasil, quantos não existem por ahi além?

No Museu Nacional inauguramos uma collecção para onde deverão entrar todas as peças que documentam a vida do nosso povo: utensilios, instrumentos proprios, material applicado, etc. Chamei a essa collecção: **Ethnographia Sertaneja**, porque o sertanejo é, como estamos vendo, o mais typico dos nossos elementos ethnicos.

O indio, sob cujo aspecto muitas allegorias querem representar o Brasil, não é um typo brasileiro: é simplesmente americano. Todos os indios que tenho encontrado falando a nossa lingua sempre deixaram isso bem claro: brasileiros somos nós outros. Elles são **Karajás**, **Bororós**, **Parecís**, etc.



Um facto geral traduz vigorosamente a influencia do homem sobre a terra, no Brasil, é o costume de queimar as mattas e os campos. Por toda parte o fogo destruiu florestas de essencias como se fossem touceiras de capim á toa.

Em Minas, em S. Paulo, para fazer roças de cereaes, á moda india, e plantar café; em Matto Grosso, para afugentar os repteis e os insectos tenazes; nos arredores do Rio de Janeiro... para fazer lenha.

Feito o campo de criar, a queima se justifica, até certo ponto, emquanto não houver outra coisa além do campo espontaneo. Mas, no interior, o sertanejo queima sem necessidade, queima por desmazel-o, ou por distracção, para gozar daquelle fogo de artificio que custa a vida de muitas especies vegetaes e animaes.

Felizmente que as plantas se defendem, engrossando o seu revestimento suberoso, encouraçando-se de cortiça, ou mesmo mergulhando pelo chão a dentro como faz a *Andira laurifolia*.

Warming, o fundador da geographia botanica, cujos trabalhos foram, em parte vulgarisados no Brasil por A. Loefgren, resumiu admiravelmente a influencia das queimadas sobre a vegetação do paiz. Ellas apressam a quédia das folhas e influem sobre a forma das arvores, despertando a ecclosão de brotos adventicios, dos quaes se formam ramos caprichosos que dão ás plantas o aspecto torturado. Arvores do campo, viram arbustos; certos arbustos parecem fórmas florestaes degradadas.

Lund considerava os **cerrados** e os **campos limpos** typos derivados da matta primitiva do planalto, a **catanduva**, existente no tempo da fauna desapparecida. Acreditava que foram as queimadas que transformaram a vegetação.

Se isso não é verdade para todos os cerrados, se a theoria de Lund, encontra opposição dos maiores botanicos, Reinhardt e outros, todavia, a impressão que deixa ao observador o exame comparado dos cerrados e das florestas visinhas, é toda favoravel á sua opinião. Seja como fôr, a acção transformadora do gentio continúa-se hoje pelos seus successores.

E, no meu sentir, a propaganda pela conservação florestal, ainda mui tímida aliás, é mais digna de animação do que tem parecido aos responsaveis pelos destinos da nossa terra.

✽

Na terceira zona de influencia ethnica encontra-se hoje transplantada, quasi pura, a cultura européa. Ratzel chamava — **povos periphericos** — os que occupm as margens do Oceano, limitando, assim, uma fita exterior. Os europeus, aqui, não formam ainda um verdadeiro povo peripherico; mas se as correntes do nosso destino não forem desviadas, as regiões centraes hão de soffrer cada vez mais a influencia dominadora da costa, como é de regra; e o que o Brasil ainda tem de individual, conforme ficou demonstrado, irá cedendo e morrendo.



Se ainda a colonisação fosse homogenea, os perigos seriam muito menores.

Porém, o resultado da acção imprevidente do passado, nesse particular, creou aqui um viveiro de graves questões futuras, mergulhando a região onde reside o elemento director do paiz em um ambiente cosmopolita extremamente prejudicial. Mais uma vez fica provado que **politica e historia** não podem andar divorciadas. Nem mesmo a desculpa da ignorancia teriam os antigos politicos que encantoaram, lado a lado, nucleos tão diversos, facilitando, por todos os meios seu isolamento do ambiente nacional. Voltando de sua viagem por São Paulo e Santa Catharina, A. de Saint-Hilaire escrevia conceitos magistraes sobre o problema anthropologico do Brasil futuro. O que elle previa foi se realisando. As massas immigratorias não se nacionalisaram. Filho de allemão permanece allemão, na maioria dos casos, e filho de italiano, é italiano. E se nós, brasileiros de origem varia, porém já nacionalisados, não fizermos a propaganda das puras tradições do Brasil, para que esses moços as conheçam, as respeitem, as estimem e as abracem, quem velará pela sorte desse patrimonio moral?

O matuto, o sertanejo, o capira, o jagunço, o gaúcho, sabem de cór as veredas do terreno, conhecem de longe os typos da flora e são donos acabados dos segredos da fauna; mas, tudo isso, elles conservam na **casa forte** do seu analphabetismo. Não reagem, portanto, sobre os que chegam de fóra. No Rio Grande do Sul, que eu percorri em 1906, o gaúcho poderia ter dominado com os seus costumes os colonos europeus, se já tivesse educação indispensavel. Em Santa Cruz, cidade de vida inteiramente allemã, vi, num domingo, numerosos cavalleiros teuto-brasileiros, montados á gaúcha classica, de **apeiros** de prata, chapéo de abas largas, calças de botões de prata, laço, tudo emfim quanto póde servir para ostentar um desejo de **ser assimilado**. E, apezar disso não o são, porque os antigos habitantes da terra não se aproveitaram, a tempo, de taes disposições.

Agora a difficuldade ainda cresceu, por influencia da luta theorica entre Portugal e Allemanha. Porque é certo que os colonos allemães hão de fazer tudo por impedir que seus filhos aprendam a lingua portugueza: o que se tem publicado em jornaes da região colonial, cujos retalhos conservo, diz isso mesmo claramente.

O momento nacional em que se iniciou a politica de **colonisação** no Brasil, no seculo passado, era muitissimo precario.

Quando os primeiros prussianos chegaram ao porto de Desterro, em 1825, Portugal acabava de conceder á nossa terra a mais elementar das liberdades: a liberdade de trabalhar. Ainda em 1808 eram queimados em publico os teares em que o nosso povo fabricava o panno grosso com que se vestia.

A cultura da oliveira, do trigo, o trabalho da ourivesaria, foram prohibidos até aquelle anno, para não limitar os lucros do reino. Pois

foi nesse mesmo anno que se resolveu a concessão de terras aos estrangeiros.

Ha quasi um seculo que a immigração européa systematisada começou a trazer para o Brasil o seu concurso. Seria arrombar uma porta aberta procurar demonstrar a importancia das modificações que tal corrente imprimiu ao territorio. As nossas regiões meridionaes são hoje forças economicas sem par, a principiari pelo Estado de S. Paulo. Por outro lado ha modificações anthropologicas já esboçadas nos **teuto-brasileiros**, gente de aspecto mui differente dos sertanejos do Norte, mas igualmente prendada.



Foi precisa uma somma de energias que só podem avaliar os que se têm mettido pelo interior para conservar, apezar desses factores ethnicos e geographicos, um todo harmonico, sem rivalidades regionaes accentudas, como é a nossa patria.

Entre os antigos corria a opinião que a Terra, em sua maior parte era inhabitada, ou inhabitavel; e a pequena porção do globo, faixa por onde se espalhou a especie humana, foi chamada pelos gregos — **Oikoyméne**.

O fundador da anthropogeographia reanimou a expressão, conservando-lhe o valor. Pelos calculos actuaes a densidade media da população, nessa **Terra humana** é, ou antes... era, antes da Guerra, de 12 individuos por kilom. quad.

Na America a proporção é de 4 habitantes por kilometro; na maior parte do Brasil desce a 2.

Nossa população é, pois, muito escassa.

Ora, duas leis anthropogeographicas regulam a distribuição das populações escassas: 1.º — as populações escassas sempre se espalham de maneira irregular; 2.º — uma população escassa, em terra que permitta sua expansão, apodera-se logo dos pontos mais favoraveis.

Esses principios, formulados por Fred. Ratzel, permittem considerar sem desanimo o futuro do paiz, mesmo quando outras razões não houvesse para tanto.

A distribuição irregular facilita a exploração do interior, e mesmo a colonisação, espalhando pontos de apoio pelo territorio, tanto mais quanto os pousos, que as explorações vão marcando, são condicionados pela existencia de **cabeceiras**, fontes, em geral, numerosas e proximas.

A localisação inicial em pontos favoraveis, realisada com admittivel tino politico pelos portuguezes, justiça lhes seja feita, permittel lutar, si fôr preciso, nas melhores condições.

Quanto ás raças já mostrei que porção de questões aqui existem, capazes de gerar discordias; quanto á terra, por todos os lados são elementos de separação. Distancias infindaveis, rios enganadores, que



parecem largas estradas lisas e têm, mais além, quedas e cachoeiras intransponíveis.

Quanto á divisão politica, uma lastima!

Estados, como o Espirito Santo, como o Rio de Janeiro, banhados pelo Oceano em todas as latitudes abrangidas pelos seus territorios; e outros, como Goyaz e Minas, sem uma bocca para respirar mais tarde, quando o crescimento exigir trocas mais numerosas.

E, apesar de tudo, de tantos elementos contrarios, ha no Brasil, hoje, uma **alma colectiva**. Ha um espirito nacional que só espera, para gritar, que um homem chame por elle. Resurgisse Floriano ou Rio Branco, e as forças da nacionalidade haveriam de se reunir, a seu chamado, como a limalha do ferro se congrega, se um imán passa perto.

O reducto de Tamanduá, em Santa Catharina, repetiu em proporções menores, o reducto de Canudos, mostrando a identidade psychica dos brasileiros do interior. Um detalhe muito importante é que, no ultimo paroxismo fetichista dos sertanejos de Santa Catharina, tomou parte mais de um filho de allemão.

O meio social, pois, ao contrario do meio cosmico está agindo para nacionalisar como puder os europeus que os erros da Corôa, aggravados pela Republica, collocaram em condições de pessima assimilação.

Porém, esta acção espontanea é muito mais lenta do que seria preciso, para não comprometter o futuro do paiz. E' tempo de auxiliar-a, levantando o nivel moral e intellectual dos atrasados, pela educação, e propagando, entre todos, a bellissima historia da nossa formação.

Se a organização das pequenas patrias é uma lei fatal, que ellas se formem neste solo, quando fôr o seu momento historico, porém sem quebra do laço antigo, como as familias que se fundam, quando se casam irmãos gêmeos.

Esse laço antigo tem a sua personificação mais pura na mãe brasileira. Por ella a população vai se uniformisando; desaparece o negro, cuja missão historica findou aqui, nacionalisam-se Portuguezes, Italianos e Allemães. Senhores da "COLMEIA": — Essas palavras que ahí ficam são de um estudioso que nunca foi exaltado... e nunca será vencido pelo desanimo.

A campanha em que nos empenhamos é, talvez, maior do que foi a luta pela liberdade dos captivos. A preocupação nacionalista, nobre e elevada, dentro desses principios scientificos, precisa bem do vosso esforço sadio.

Continuae. Essa virtude da Esperança é o maior bem da Terra.

E. ROQUETTE-PINTO



FINALIDADE EDUCATIVA

(CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLOGIA)

“O que é normalidade. Sua expansão ou superioridade. O ideal de formar o espirito, criar profissionais, e lograr uma cultura geral.”

De todos os problemas pedagogicos, o mais serio e primeiro, á luz do qual se desenvolvem os outros, é o da finalidade educativa: que deve ser o homem, em que a educação vae converter a criança?

Nem sempre se tem revestido de segurança o criterio, sob que se vão formando as gerações novas. O educador costuma tomar-se por modelo, a cuja imagem envida assemelhar os educandos. Mas, sem menoscabo ao primor de seus sentimentos, que proposito esclarecido, escoimado e seguro, lhe inspira e dirige a acção educativa?

E' força que o tenha. O professor se amesquinaria da nobreza de sua missão, se se deixasse levar, sem exame, pela rotina, sob cujos auspicios o tenham educado. Por outro lado, a nenhum pae seria prudente fiar o destino de seus filhos ás manias professoraes, e ás incertezas do accaso. A escola, por mais afamada, não o exime da superintendência sobre o que lhe estão a fazer dos filhos.

Sob a inspiração de que ideal, pois, se deve realizar a educação?



Toda gente sabe que, si forem anormaes os educandos, o dever primeiro da educação é normalizal-os, e, depois, como a todos os normaes, desenvolvel-os. Em torno, pois, da idéa de normalidade giram todas as preocupações de finalidade educativa.

Mas que se pôde entender por normalidade? Fala-se em crianças normaes e precóces, em deficiencias somaticas, physiologicas e psychicas, em homens de bem e criminosos natos, em ortopedia mental e moral, em pedagogia emendativa e colonias correcionaes. Toda esta



linguagem, porém, todo este dicionario pecca por impreciso, vago e fluctuante, emquanto se não fixar claramente o que é normalidade.



Para a determinação da normalidade, o criterio em voga tem sido a média das maiorias. Em, digamos, duas mil crianças, ou dois mil adultos, da mesma idade, do mesmo sexo, de condições sociaes paralelas, se procede a exame sobre a saude e vigor do corpo, sobre as funções phisiologicas e psychicas mediveis. Supponha-se que mil novecentos e noventa e cinco se irmanam em um mesmo typo, e, apenas, cinco se desgarram em differenças accentuadas. Logo se apregoam por normaes os primeiros, e anormaes os segundos.

Este processo se eiva, porém, de um vicio radical entre as malhas de um sophisma: é a identidade entre maioria e normalidade. Maioria e normalidade serão, de facto, uma e a mesma cousa? Onde a prova desta identidade? onde a segurança de que não seja normal, precisamente, a minoria? Quem ousaria lançar a coima de anormalidade, no seu sentido pejorativo, a uma entidade apostolica, só porque symboliza a minoria nos agrupamentos de qualquer especie? Nem porque quasi sempre coincidem, por influencias secretas da selecção natural, a normalidade com a maioria, se ha de concluir, legitimamente, não poderem co existir normalidade e minoria.

Si não está, pois, na média occasional da massa indistincta e amorfa, onde e como buscar o criterio verificador da normalidade humana?



Comecemos por uma verdade axiomatica: todos os homens querem viver.

Si alguém apparecesse affirmando de si o instincto da não-existencia, facil seria confundil-o, oppondo o seu procedimento ao que apregoasse. Sabeis que as palavras não têm a sinceridade e o vigor dos actos, como expressões do que vae pelo espirito. Alguem vos declara não ter o instincto supremo da vida? Porque, então, se alimenta nas horas de fome, e dorme nas horas de somno, e se agasalha das invernias, dos aguaceiros e do frio, e se defende do tigre, do leão, da serpente? Não será por uma exigencia fatal do corpo, um inflexivel impulso do organismo? Pois é a este impulso de buscar o que favorece, e repellir o que contraria a vida, que se dá o nome de instincto da vida.

Todos queremos viver. Mesmo o suicida, no desespero do seu suicidio, affirma, com energia desmedida, o seu irreductivel apego á vida. Porque, para cada homem, a vida é o que sobre ella elle concebe. Não ha outro meio de se verem as cousas, senão através dos estados



conscientes, o conjunto dos quaes sobre a vida é o que a vida é para nós. Ora, o suicida tem, na sua exaltação emocional, a sua concepção da vida, que sente conforme com as realidades exteriores. E porque, em dado momento, se lhe depare um bôco sem sahida, elle retrocede num arranco violento, pela escura porta do suicidio, das adversidades extranhas á vida que concebia. O suicidio é a tresloucada affirmacão do immenso mor á vida, concebida, pensada, sentida.

— Para a realisacão da vida, a natureza dotou a todos os seres vivos de orgams, de aparelhos, de systemas apropriados e aptos. Todo o nosso organismo é uma complicada machina de transformar as influencias do ambiente em reacções uteis á conservacão e desenvolvimento da vida. Que é, no seu traço mais caracteristico, o aparelho digestivo, sinão um transformador de alimentos em elementos da vida organica? que é o aparelho respiratorio, sinão um absorvedor de oxygenio, precioso á vida, e expulsor de gaz carbonico, prejudicial ao organismo? que é o aparelho circulatorio, sinão um vehiculo que leva a todas as celulas organicas os elementos de que precisam, e de todas ellas traz os detricos inutilizados pela funcção? que são os orgams secretorios, sinão filtros purificadores do organismo e fornecedores de necessarios á chimica da vida organica? que é o systema nervoso, senão um conjuncto harmonico de orgams, que solidariza todas as partes do corpo, coordenando-lhe as funcções? e, sobre todos, que é o cérebro, senão, principalmente, o maravilhoso orgam das idéas, das emoções, da vontade, mercê das quaes se concebe e se realiza a vida?

— O homem, pois, quer viver, e a natureza o dotou, como a todos os seres vivos, de meios aptos a realizar a vida.



Na longa e dolorosa campanha pelo dominio da Terra, o homem tem vencido, até hoje, os seus mais formidaveis competidores. Não o puderam abater os colossos antediluvianos, como não o podem hoje as mais possantes feras.

E' verdade que, nesta luta, aspera e titanica, muitos e muitos homens caíram vencidos, como não é de admirar que, ainda hoje, pereçam por acaso, por descuido, por surpresa, nas garras afiadas dos animaes ferozes. Mas estes perecimentos parciaes não significam incapacidade dos vencidos para triumphar na vida. São os heroicos sacrificios pela selecção natural dos mais capazes, pela victoria definitiva da especie humana.

A que deve o homem a sua posse e dominio sobre a Terra? Não foi a força bruta de seus musculos que venceu as feras indomaveis, e as vence, ainda hoje, nos sertões bravios. Que pôde fazer mesmo um athleta, face a face de um leão, ou tigre, em campo razo, só com



sua força physica? Na lucta, corpo a corpo, que travar, será dilacerado e amassado até aos ossos pelo adversario faminto. O instrumento assegurador da vida humana, nos embates com as brutas feras, tem sido a sua agilidade, a sua destreza, as suas traças, as precauções da sua prudencia, as criações maravilhosas do seu engenho. E' a supremacia da intelligencia sobre a cegueira dos impulsos, a supremacia do cerebro, que pensa, sobre os musculos, que agem, a supremacia da força divina do espirito sobre a força cega da materia.



Como tem, porém, actuado, e actua esta supremacia? Como se manifesta, praticamente, nos dias que correm?



O homem vive em dois ambientes, a que não pôde esquivar-se: o ambiente physico e o ambiente social.

Mercê de seu systema nervoso, o homem converte em reacções uteis á sua vida as influencias ambientes, que o excitam. O homem busca e acaricia, ou combate e foge a acção do meio physico, segundo é propicia ou adversa. O calor ardente, como o de uma braza sobre o corpo, ou o frio excessivo, que gela e quebradiça orgams, a luz fulgurante, que deslumbra e fere, ou as trevas densas, que cegam e desesperam, são violencias cruas do ambiente physico, contra as quaes o homem reage a todo o poder que possa. Ao contrario, a frescura das manhans, a transparencia macia da luz, a doçura e sabor dos alimentos, o conforto, o repouso, o somno, são favores do ambiente, com que o homem sonha, solicita e procura.

E' que as primeiras influencias são nocivas, e as segundas são beneficas á conservação da vida.

Comtudo, nem sempre o reconhecimento da favorabilidade e da prejudicialidade dos factores ambientes se impõem tão facilmente, com a só intuição instinctiva. Ha cousas de consumo agradável, e até solicitadas por tendencias e habitos, e que, todavia, debilitam, corrompem e destroem o organismo e a vida. Tal o alcool, o fumo, o morfina, os excessos da carne. Algumas ha, insidiosas, das quaes o instincto não nos pôde preservar. Assim os bacilos da tuberculose, da syphilis, da morfea, da fabre amarella e typhoide.

As reacções humanas contra estes inimigos invisiveis, sem numero e sem piedade, se fundam no conhecimento das leis physiologicas, violadas por elles, e dos meios especificos, com que possam ser destruidos. Só, então, o homem pôde lograr a sua subsistencia victoriosa, pelos annos afóra, propiciando o ambiente physico á mantença prospera da vida. E' assim que molda seu procedimento pela hygiene

mais rigorosa, purificando os ares das cidades, combatendo a proliferação dos microbios, filtrando aguas suspeitas, assentando redes subterraneas de esgotos, construindo vivendas arejadas, na boa face do sol cheias de frescura e saúde.

Sem a propiedade do ambiente, os homens tendem a perecer. Os hospitaes, as Santas Casas regorgitam de degenerados pelo alcool, pela morfina, corroidos pela tuberculose, pela syphilis. Si investigardes as causas das loucuras nos hospicios, as causas remotas, os germens onde as demencias comecam, haveis de encontrar muitas nas degenerescencias paternas, criadas pelos vicios, pela incuria, pela ignorancia.

Como é possivel, pois, a sobrevivencia victoriosa dos mais fortes na ambiencia physica?

Primeiro, pelo conhecimento dos factores propicios, e dos factores nocivos á vida humana. Segundo, pela constancia em submeter-se á influencia dos primeiros e a energia em repellir, sem treguas, a dos segundos. E', de um lado, a capacidade intellectual, para conhecer as condições elementares da vida physiologica, e, do outro lado, a capacidade moral, para realizal-as sem cochilo ou fraqueza. Uma e outra constituem a capacidade de adaptação ás condições da vida humana dentro da ambiencia physica. E', sob este aspecto, o elemento substancial da normalidade.



Considere-se, agora, o homem nas suas relações com o ambiente social.

Mais que em todos os seres gregarios, o instincto da sociabilidade domina na especie humana. Figurae um homem a sós, numa ilha deserta, uma especie de "Trindade", batida asperamente pelos ventos nevados, repleta de animaes damninhos, em pleno oceano, nada possuindo que derive da civilisação. Como se ha de elle poupar ás inclemencias do tempo? vencer os seus competidores á posse da ilha? As horas lhe hão de correr amargas e cruéis, na dôr sem repouso do insulamento sem defesa. A misantropia é toda relativa, porque ao misantropo envolvem os beneficios indirectos da civilisação. A hypothese de um contracto social entre homens, que vivessem fóra da sociedade, é uma fantasia revolucionaria, sem realidade nem observação. Em todos os tempos, o homem foi, fatalmente, um animal social. E' este um principio basico de sociologia, por sobre o brilho de cuja verdade passam os seculos, sem lhe sombrear a vivacidade.

— Mas, na convivencia social, a diversidade dos interesses cho-ca os homens contra os homens. As desintelligencias e aggressões reciprocas sempre reinaram por toda parte. E' uma das fórmulas da lucta pela vida. E qual teria sido e será sempre o instrumento seguro da victoria nesta nova fórmula da lucta pela vida?



A força bruta? A força corporea?

Si a força bruta fosse o arbitro supremo do destino humano, a sociedade viveria eternamente em guerra, a si mesma se acabando. Si todos pudessem fazer o que lhes viesse á cabeça, ficae certo que perderiam todos as cabeças. Por sobre a Terra reinariam as trevas e as feras.

Dahi este segundo principio elementar da sociologia: a conservação e prosperidade da vida humana requerem limites na actividade individual.

A difficuldade está em saber quaes são, e até onde chegam, estas restricções ao poder de fazer tudo. Algumas de tal maneira interessam á conservação da sociedade, que já ninguém vacilla em admittil-as. Tal o respeito á vida humana, ao trabalho, á inteireza physica e moral dos homens. Já se não póde o mesmo dizer do imposto de sangue para as guerras de conquista, da instituigão dos escravos, do confisco da propriedade, dos privilegios e foros de nobreza. A soluçãõ deste problema exhaustivo é a conquista progressiva do Direito.

Uma vez, porém, determinadas, com verdade, as restricções ao poder de fazer tudo são condições da vida collectiva. Si ninguém as respeitasse, a sociedade estaria desfeita e annuillada, e, com ella, a possibilidade da vida humana. Logo, para que se effectue a essencia mesma do destino humano, que é viver, cumpre a cada homem adaptar-se ás condições da vida social.

A capacidade desta adaptação suppõe dois factores: a intelligencia que descobre, ou, pelo menos, comprehende as condições assentadas da vida collectiva, e a vontade disciplinada, que as realiza custe o que custar. Um e outro constituem a capacidade da adaptação ás condições da vida humana dentro da ambiencia social. E', sob este aspecto, o elemento essencial da normalidade.

— Acontece, comtudo, que certas restricções ao poder individual de fazer tudo, impostas pelo Estado aos seus subditos, sejam antes condições negativas da vida collectiva. Tal, entre nós, longo tempo, a instituigão servil; tal a pena de morte; tal o militarismo. A causa do mal reside na complexidade do problema, na fraqueza da intelligencia, ou no arbitrio governativo de superpor aos interesses publicos as paixões individuaes. O ambiente social em taes condições, em lugar de beneficiar a vida, a contraria, estorpece e annulla. Dahi, por vezes, commoções revolucionarias contra os abusos e trahições do poder politico. Pode, então, acontecer que os revoltados contra as condições negativas da vida social sejam, em dado momento, vencidos e condemnados, sem que deixem, comtudo, de ter, no mais alto grau, a capacidade de adaptação ás condições verdadeiras da vida social. A derrota delles, como a de muitos homens nas luctas prehistoricas contra as feras, não prova inferioridade para a vida social, mesmo em relação aos arbitos do poder, senão, precisamente, o contrario. Em

verdade, o sacrificio dos bons, nas luctas contra as tirannias, são escalas de dôr para a victoria definitiva dos mais capazes. Ao contrario, quem só pudesse viver com abdicacão da liberdade no altar das tirannias, viveria na estagnacão pantanosa da servilidade, como vivem as sangue-sugas, á custa do soffrimento e sangue dos subjugados sem defesa pelo despotismo.

Para que, pois, o ambiente social offereça propiedade á vida humana, necessario é que as restricções ao poder individual de fazer tudo sejam as minimas necessarias á coexistencia harmonica e prospera dos homens. Tudo o que exceder ao estrictamente necessario, dá ensejo ás luctas pela liberdade. Serem minimas as restricções ao poder de accção dos homens, para a composicão da ordem juridica, é um terceiro princípio de sociologia, que do caos das accções individuaes extrahe a liberdade, o poder de fazer tudo o que não violar as condições da vida social.



Nessa altura, considerae o homem nas suas duplas relações com o ambiente physico e o social.

Tomae de exemplo o factor ambiente do alcool. O embriagado, que o ingere, sabe que o alcool lhe corroe o organismo num lento suicidio de tristeza, maldade e demencia. Mas o prazer de agora em beber-o lhe adoça de tal encanto os dias, que não se sente com forças para lhe resistir á tentacão. Podem falar-lhe em incapacidade de adaptacão ás leis physiologicas da saude, em fraquezas de character. Que ha de fazer? Segue a fatalidade de sua natureza tarada.

Quanta gente sabe que o desperdicio do dinheiro e da saude em jogo, em noitadas, em desregramento do copo e da mesa, lhe prepara, ainda apenas na madureza, uma velhice precoce, achacada, andrajosa. Mas já não pôde reagir contra a vehemente sollicitacão dos sentidos inflammados. Que quereis? E' a sua triste sina, a inexorabilidade do que está escripto no livro negro dos habitos fataes.

Assim tambem os delinquentes perversos. Sabem que os crimes corroem o organismo collectivo, quebrando-lhe a ordem juridica, emiasmando os ares sociaes como nuvens de microbios nas estações calmosas. Mas insistem nos seus delictos por amor ás suas paixões malsans. Nem ameaças de cadeia, nem de forza não bastam a lhes neutralizar os impulsos que lhes assomam das entranhas, como lavas de um vulcão, ou cantos de sereia. E' a incapacidade subjectiva de adaptacão pratica ás leis juridicas, ás leis da vida social, ás condições da vida humana.

Que é, de outro lado, o homem de bem, senão aquelle cuja vida se desenvolve na mais rigorosa conformidade comsigo mesma? E' o que subordina a sua vida physiologica ás leis da saude. E' o que regula a sua vida social pelas leis juridicas e moraes. E' o que não faz mal a



ninguem. E' o que se condoe da miseria do proximo. E' o que é casto e o amor, e polido na linguagem, nas maneiras e nos actos. E' o que, em summa, praticamente se adapta ás condições essenciaes da vida.

No ambiente physico, pois, como no ambiente social, pôde o homem assumir duas situações: a de adaptação e a de rebeldia ás condições da vida. No primeiro caso, a existencia lhe corre direita e sadia, conforme com a essencia mesma da vida, que é viver e prosperar. Logo, a capacidade da adaptação ás condições da vida é a essencia da normalidade humana.

Porque se consideram anormaes o imbecil, o morfina-maniaco, o assassino, o impulsivo?

O imbecil, o cretino, o demente, o louco, é anormal, porque, na sua incapacidade de attenção continua, lhe fallece a intelligencia capaz de conhecer as condições mais elementares da vida. O morfina-maniaco, o assassino, o impulsivo, são anormaes, porque, sem embargo de uma intelligencia, provavelmente esclarecida, lhes fraqueia o sentimento e a vontade da obediencia a condições essenciaes da vida physica e social.

Senão, imaginae, si é possível, um anormal talentoso, de sentimentos puros e bons, de vontade energica e disciplinada, um anormal com a mais completa capacidade de adaptação a todas as condições da vida. Ou, então, imaginae um normal em guerra declarada com a hygiene, co mo direito, com a moral, com a pollidez, com as condições da vida, seja por ausencia de cerebro capaz, seja por falhas irremediaveis da vontade. Bem vêde: seriam duas hypotheses inconcebiveis. Esvasiada da intelligencia que comprehende as condições da vida, e da vontade que as possa realizar, a normalidade humana deixaria de existir.

Eem a menor duvida, pois, **normalidade é a capacidade de adaptação ás condições da vida.**



A educação pôde, neste sentido, fazer muito, já normalizando as anomalias, já ampliando a normalidade. Desobrigada de criar, manter e progredir as normalidades do corpo e do espirito, a educação usurparia criminosamente um nome sagrado, asselvajaria as almas, animalizando-as até os irracionaes, em vez de as humanizar até os genios e os santos. Outr'ora, como hoje, a má organização do ensino, com uma pratica que não olha a principios, tem estragado a personalidade propria da criança que estuda. E, comtudo, ninguém ha, tão desalmado, que menoscabe a correcção e desenvolvimento do corpo e do espirito de seus filhos, que desestime, para a educação, o alto ideal de **normalizar as anomalias, e ampliar as normalidades, corporeas e psychics, dos normaes ou normalizados.**



Como, entretanto, se realizará, praticamente, este ideal?

Todo elle gira em torno da idéa de normalidade ou capacidade de adaptação ao ambiente physico e social, harmonizados com as condições da vida humana.

Ora, esta capacidade se compõe de intelligencia sufficiente a comprehender as condições da vida, e de vontade firme e resoluta em realizal-as.

— Mas inintelligencia é attenção inconstante ou voluntaria, superficial ou penetrante; é memoria prompta ou tarda, duradoura ou fugaz; é percepção rapida ou vagarosa, segura ou falha; é imaginação fecunda ou estéril, brilhante e original ou eclipsada e commum; é linguagem abundante ou escassa, expressiva ou obscura; é raciocinio logico ou sofisticado, profundo ou comesinho. E' toda uma actividade de analyse e associação, cujo principio é a philosophia da intelligencia.

Todas estas forças da intelligencia, por menores e mais precarias que a principio sejam, podem ser desenvolvidas e melhoradas, mediante exercicios apropriados. Não se trata de encher a cabeça de conhecimentos abundantes e variados, mas de revigorar e ampliar a intelligencia. Não se trata de formar eruditos, mas de formar intelligentes, já pela aquisição de conhecimentos, obediente ás leis mentaes, já pelo exercicio directo. A formação directa da intelligencia, pelo desenvolvimento equilibrado das forças mentaes, ainda que hoje vagamente se imagine, será, mais dias menos dias, a preocupação dominante e comesinha dos paes, dos professores, do Estado.

— Formada a intelligencia, cumpre attender ao segundo factor: a formação da vontade. A mór parte desta tarefa já se logra na formação mental. E isto por dois motivos: O primeiro é serem os estados mentaes antecedentes necessarios das emoções, e o segundo é ser a vontade uma resultante da intelligencia e da sensibilidade. Si a intelligencia se forma, resta, para educar a vontade, a formação sentimental, a disciplina dos instinctos, o habito de realizar as emoções boas. Os defeitos, as fraquezas, as incoherencias da vontade, as suas anomalias, a sua incapacidade póde ser supprida, arredada, e substituida pela energia, pela constancia de uma vontade clarividente, ao serviço obstinado da verdade e do bem.

— E' tudo formar, praticamente, o espirito. Incidiríeis em lamentavel erro, si acreditasseis na sua preformação nativa. O que vem do passado são meras predisposições, forças latentes, que desabrocham o espirito, com a reciprocidade das acções entre ellas e as forças do mundo exterior.

Que é, para mim, por exemplo, este objecto? E' uma fórma, é uma côr, é um peso, é uma utilidade... Retirae estas impressões, e



este objecto não existirá ao meu sentir. O conjunto dos estados conscientes, a que elle me dá ensejo, é o que, para mim, elle é.

Supponho hoje que tal individuo é A. Para mim, elle é a realidade que se reflecte nos meus estados de consciencia sobre elle. Acontece, porém, um dia, surprehendel-o a proceder por fórma, de que eu nunca o suppuzera capaz. Deixa, então, de ser A. para ser B. Soffro uma desillusão, um desengano. A minha supposição, até este momento "verdadeiro", inquinada agora de falsidade, se substitue pelo que agora me attesta a consciencia. Podia acontecer, ao contrario, que a minha concepção primeira sobre A. não mudasse jamais, ou por falta de occasião, ou porque, desde o começo, tivesse eu tido idéa exacta, clara e completa sobre elle.

Não são estes factos trivialidades, que nos enchem os dias? Pois, ampliado o caso, si aquelle objecto e aquelle homem são, para mim, nem mais nem menos, do que aquillo que sobre elles eu penso, todas as cousas e todos os individuos, a vida, o cosmo, o universo inteiro é, para cada homem, a realidade que elle entrevê nos seus estados de consciencia. De accordo com elles, vê, e, como vê, sente, e, como sente e vê, quer, repelle e solicita.

Ora, a verdade e o erro, a clareza e a obscuridade dos estados conscientes dependem do valor da intelligencia, que percebe, concebe e raciocina, e do feitio emocional ou temperamento, que dá á intelligencia o ponto de vista, de onde ella observa.

Logo, a educação que orthopediar e crescer a intelligencia, corrigir e disciplinar as emoções e os instinctos, terá criado o acerto, a energia e a providencia da vontade, e, como a vontade é uma confluencia da sensibilidade e da intelligencia, terá, em ultima analyse, formado o espirito.

— Que mais cumpre á educação?



A sociologia, ainda aqui, nos fornece um terceiro principio sobre que se baseia a sciencia da educação. E' o da especialisação das funcções para maior prosperidade social.

Si cada homem se abalançasse a fazer tudo, nada faria que pres-tasse. Imaginae um professor, que fosse tambem cocheiro, lavrador e ferreiro, medico e negociante, padre e marinheiro, magistrado e engraxador, e mais o que mais lhe viesse á cabeça tresloucada. Na sua demencia de intentar tantas e tão variadas actividades, nada conseguiria de merito real, o pouco que de tudo fizesse, seria ainda de má qualidade. Si a nação se compuzesse de factotos desta ordem, toda ella balbuciaría apenas o abc da civilisação.

Supponde, porém, que cada individuo se especializa em dada funcção. O que fôr professor é só professor, e, ainda, não enciclope-

dico. O que fôr medico é só medico, e ainda na medicina, é só operador, ou só clinico, ou só aurista, ou só oculista. O advogado é só advogado, e, especialmente, commercialista, ou civilista, ou canonista, ou criminalista. O lavrador, o commerciante, o industrial não se desviam das suas especializações. A consequencia seria, para cada profissional, resultados abundantes e dos melhores, e, para a nação, assim composta de especialistas em todos os ramos, um progresso que orlaria pela maravilha. Teria de tudo, a bom preço e do melhor.

Accrescentae a estas considerações, as vantagens a mais, si as especialisações profissionaes se fizerem de accordo com as preferencias individuaes, com as vocações ou aptidões. A psicologia já possui, hoje, processos praticos, para a determinação das vocações individuaes. Desde então, os beneficios, para os individuos e para a nação, ultrapassariam, sem conta nem medida, aos horizontes mais optimistas.

Ao lado, pois, da formação do espirito, ou superiorização das normalidades, releva á educação ensejar a cada educando habilidades profissionaes de accordo com as aptidões de cada um.



Ainda, para realizar vida completa, indispensavel é accrescentar á formação do espirito e das habilidades profissionaes, uma cultura geral, exigida pela posição social do homem.

Esta cultura já em parte resulta daquella actividade mental que adestra o espirito. Tal, por exemplo, a literatura grega e latina no cultivo do bom gosto e elegancia da linguagem, da finura do perceber, da belleza do imaginar, da doçura do sentir. Tal a mathematica, a analyse logica e a logica doutrinaria, no cultivo do raciocinio acertado, seguro e profundo.

Independente, porém, deste cabedal, haurido na actividade formadora do espirito, o homem bem educado não se dispensa uma certa cultura desinteressada, que o distinga, o apure, o aprimore.



Por fim, como corolario ou condição da formatura do espirito e da eficiencia profissional, se impõe a educação do corpo, normalizando e melhorando as funções physiologicas.

Ha, para isto, duas razões.

A primeira é a inseparabilidade do corpo e do espirito na formação da intelligencia e do character. E' um solido principio de psychologia, e devera ser, hoje em dia, um dogma de educação: as funções espirituaes se condicionam ás actividades cerebraes. E a vida inconsciente do cerebro é alternativamente decomposição da sua sub-



stancia no exercicio, e recomposição della durante o repouso. Ora, o sangue é o conductor dos elementos, com que a massa cerebral se reconstitue, e dos detritos que elle inutiliza com a funcção. Por sua vez, o valor do sangue depende principalmente do que valer a respiração, a alimentação e as secreções. Logo, o bom funcionamento do corpo concorre efficazmente para a boa formação do espirito.

A segunda razão é ser em si mesmo a educação physica um admiravel exercicio formador da intelligencia e das habilidades profissionaes. Assegura ao homem a calma, a serenidade, a presença de espirito, desenvolve a attenção voluntaria e a promptidão executoria, cria habitos moraes, como a paciencia, o respeito da autoridade, o dominio sobre si mesmo.

A' parte, porém, estas duas razões, que collocam a educação physica em situação subsidiaria da formação do espirito, ella é, em si mesma, na ambiencia moral contemporanea, um fim legitimo.

Porque, na mantença da ordem juridica, o Estado não pôde assegurar, praticamente, a tempo e hora, a garantia da lei aos individuos aggredidos. Os aggredidos succumbiriam, si se limitassem a invocar a protecção das leis, do Estado, da força publica. Prudente será que disponham, nesta eventualidade, de poder proprio, pessoal, de reacção, no momento, contra as aggressões que lhes assaquem, si não quizerem perecer, de surpresa, ás mãos dos mais ousados, dos mais valentões, dos mais possantes, animalizados no culto da força bruta.

Só a educação physica pôde criar e desenvolver a elasticidade, a flexibilidade e o vigor dos musculos, a firmeza e rapidez do passo, a presteza e precisão dos movimentos, o donaire do porte, a segurança e animação do olhar, toda uma flora de frescura, saude e força, gerando espontaneamente alegria, felicidade e desejo forte de viver. Sem o desenvolvimento dessas energias do corpo, a confiança do homem em si mesmo, no seu braço, na sua agilidade, na sua serenidade, na sua destreza, o abandonaria nos momentos em que só ella o poderia salvar.



Em resumo, a educação se propõe:

- 1) formar o espirito da criança;
- 2) criar, no adolescente, habilidades profissionaes;
- 3) aprimorar o adulto com uma cultura desinteressada.

E' tudo normalizar as anomalias do corpo e do espirito, e superiorizar o homem normal ou normalizado. E' um alto ideal não só legitimo, mas cabivel em todos os tempos, e superior a todas as vicissitudes.

SAMPAIO DORIA.

(Da "Educação", cap. II).

POESIA

SEM PAR

*São uns olhos scintillantes,
Que os outros olhos offuscam;
Se pousam alguns instantes,
Ai dos que os raios lhes buscam!
Nunca mais sabem de si.
Pois a esses olhos eu vi
Que andavam á tôa, incertos,
Como dois anjos perdidos;
Como de nevoa envolvidos
Dois céos, sem calor, desertos;
Buscando, buscando em vão,
Um coração!*

*Labios vermelhos, pequenos,
Que amor e desdem expiram;
Ai dos que um dia os sentiram,
Antes haurissem venenos,
Com que acabassem a si!
Pois a esses labios eu vi,
— Antes, quentes, entreabertos
Na florescencia de um beijo,
Mas esquivos ao desejo
De tantos labios desertos —
Pois os vi, os vi sem côr,
Buscando amor.*



*Braços niveos, longos, lentos,
 Que o infinito em si fechavam;
 Ai dos que um dia os tocavam!
 Em ancias de amor, sedentas,
 Já não cabiam em si.
 Pois a esses braços eu vi
 Entreabrirem-se cansados,
 Como azas de ave que vôa,
 Em remigios alongados,
 Errante, perdida, á tóa,
 Nas incertezas do ar,
 Buscando o par.*

A UMA ESTATUA

*Feliz, perfeita, és tu, alva figura,
 Do marmore surgida sob o escopro
 De milagroso artista.* *silva*
*Não te formára o genio da esculptura,
 Sem o divino sopro
 Que a alma te deu, tão viva, que se avista,
 Se apalpa e se ouve e calida se exhala
 Da tua ondeante carnação desnuda.*

*Ouçõ-te a crebia e cristallina fala,
 Que em riso a cada syllaba se muda:
 Sinto a ardentia dos teus olhos humidos,
 Negros, profundos...*

Em tua mão alçada
A taça o hausto promette do aureo masto *b*
Dar á ditosa bocca desejada.
*Mas inclinas um pouco ao lado o rosto,
 Finges não ver... não vês teus seios tumidos
 Com que, nós, sequiosos olhos tentas,
 Olhos e as boccas inda mais sequiosas
 Delles do que do masto que ha na taça,
 Delles e mais de tudo mais sedentas.
 Finges não vêr que és vista e que as flexuosas
 Curvas o olhar dos outros te devassa,*

*Desde os setineos pellos da cabeça,
Desde as axillas á cintura e ás ancas
Que se arredondam, se avelludam brancas.
Mas nem tudo descobre o olhar, sómente
O que o teu impudor sagaz consente,
E antes que o olhar insaciavel desça
O declive suave da barriga.*

*Eis que a nudez te abriga
Subita dobra da capa imprevista;
Suspensa ou resvalada só té onde
O principal, por que mais valha, esconde
A' devassante vista.*

*E a mão, que o véo recolhe, ou por ventura
Vae deixal-o afinal cahir inteiro,
Menos cuidosa da nudez, segura
O chocalhante, vivido pandeiro,
Ouve-se já o tilintar dos guizos,
Cadenceias os passos indecisos,
E do marmore irrompe a onda estuante
Da musical luxuria em que fluctua,
Como uma flôr de espuma, a forma nua
Do teu fulgido corpo de bacchante.*

*Feliz, perfeita, és tu, forma immutavel!
A multidão dos homens apascentas
De goso, e o goso dás insaciavel
Na lascivia ideal da carne pura.
Lubricos olhos que enlevados miram
O corpo nú que sem pudor ostentas,
De geração a geração expiram
Na cava confusão da sepultura...
Teu proprio creador,
Quem foi? que importa o nome d'elle? Gloria,
Gloria é sómente a tua,
Nessa nudez que forma e perpetua
A vida enganadora e transitoria
Da belleza e do amor!*

MARIO DE ALENCAR.

SONETOS

AGUA LUSTRAL

*Lá no pincaro azul da serra
Ao pé das nuvens, ha uma fonte pura,
Onde, antes de subir do Céu á altura,
E' costume banhar-se a nevoa fria.*

*Sae então, como sae a luz do dia,
Limpida e nua; eleva-se e mistura
Dos transparentes ares á brancura
Sua brancura casta e fugidia.*

*Assim tambem, quando o fatal momento
Chegue, alma peccadora, de mais bella
Região buscares, na ascensão extranha,*

*Sejam-te preces e arrependimento
Agua em que os erros laves, como aquella
Em que se lava a nevoa da montanha.*

POBRE LUIZA!

*Vae, tu que mal viveste o curto prazo
De uma illusão, ó doce e combalida
Pomba! vae descansar da grande lida,
Se é somno a morte, se ha descanso acaso.*

*Vae, aos adeuses deste sol no occaso,
Onde uma cruz a repousar convida,
Segreda-lhe o que foi a tua vida,
Do teu infausto amor o triste caso...*

*Vae! Ninguem te entendeu esse mysterio,
Em que abafavas lagrimas e dôres,
Sorrindo embora em tanta desventura...*

*Se em flores tens de abrir no chão funereo,
Que flores tristes, que maguadas flores
Hão de nascer em tua sepultura!*

NO ALBUM DE UMA POETISA

*Deixa, nadando, o cysne a penna leve
Que o gyro delle á flôr da agua recorda,
Folhas e espuma — o rio que transborda,
Lume de espelho ao sol — fundida neve.*

*Deixa o perfume a flôr a alguém que a leve,
Som, que é soluço — da harpa a tensa corda,
Rastro de luz — a aurora, quando accorda,
E a mão de Rosalina, quando escreve.*

*Aqui te deixarão rimas e flores,
Sorrindo-te rivaes, outras Camenas,
Pincéis, pennas e lapis, á porfia...*

*Eu, que já vou perdendo, com os amores
Perdidos, arte e gosto, deixo apenas
Estes quatorze versos sem poesia.*



LEANDRO E HERO

*Cingindo o peito ao nadador ousado:
— “Não partas!” Hero, em lagrimas, pedia,
E mostrava-lhe em baixo, da sombria
Tôrre, o Hellesponto remugindo irado.*

*— “Que importa! de saudades afogado
Posso morrer, não de ondas á porfia,”
Leandro, adeus lhe dizendo, respondia,
Prestes o estreito a atravessar a nado.*

*Dá-lhe a chorosa amante o beijo extremo,
(Beijo, Amor, com que todo nos invades,
Queimando, o intimo peito) e lhe replica:*

*— “Se assim é, — vae! sómente as ondas temo,
Que afogar-te não pôdem as saudades,
Pois todas ficam na alma de quem fica.”*

ALBERTO DE OLIVEIRA.

1916.



A COLCHA DE RETALHOS

— Upa!

Cavalgo e parto.

A natureza por estes dias de Março accorda tarde. Passa as manhãs embrulhada num roupão de neblinas e é com espreguiçamentos de mulher madraça que despe os veus para o banho de sol. A cerração esmaia o relevo da paisagem, desbotalle as cores, e tudo parece coado atravez dum cristal despolido.

Vejo a orla de capins tufados á laia de debrum pelo fio dos barrancos; vejo o roxo-terra da estrada descorar passos adiante; e nada mais vejo senão, a intervalos, o vulto lavado d'alguns angiqueiros marginaes.

Agora uma porteira.

Aqui a encruzilhada do Labrego.

Torno á destra, em direitura ao sitio do José Alvorada.

Este sujeito mora-me a talho de pegar um roçado no capoeirão convisinho á sitioca dos Periquitos, nata de terra que pelas boccas do cahetê legitimo, da unha de vacca e da caquéra está a clamar foice e covas de milho.

A puxada não é difficil; com cincoenta braças de carreador bóto a roça no caminho velho.

Tres alqueires, só no bom. Talvez quatro. A noventa por um são — nove vezes quatro trinta e seis — tresentos e sessenta alqueires de oito mãos. Descontadas as bandeiras que o porco estraga, e o que comem a paca e o rato... Será a filha do Alvorada?

— Bom dia, menina. O pae está em casa?

Esta é a sua filha unica. Pelo geito não vae em mais de quatorze annos. Que ar sadio! Lembra os pés d'avenca viçados nos sombrios noruegas. Mas arredia e itê como a fruta do gra-



vatá. Olhem como se acanhou! D'olhos baixos finge arrumar a rodilha. Veiu pegar agua a este cor'go e é milagre não haver-se esgueirado por detraz daquella moita de taquarys ao me avistar.

— O pae está lá? insisti.

Respondeu com um “está” enleiado, sem erguer os olhos da rodilha.

Como a vida do matto asselvaja estas veadinhas! Note-se que os Alvoradas não são caipiras. O velho quando comprou a situação dos Periquitos vinha da cidade; lembro-me até que entrava em sua casa um jornal.

Mas a vida alli lhe correu dura na lucta contra terras ensapesadas e seccas onde se encurtam as colheitas dobrando o trabalho. Foram-se rareando as idas á cidade e, ao cabo, de todo se supprimiram. Depois que lhes nasceu a menina, rebento floral em annos outoniços, e que a geadá queimou o café novo — uma tamina, tres mil pés — o homem amou e nunca mais espichou pé fóra do sitio.

Se o marido ficou assim urumbeva, a mulher, essa enraizou de peão para o resto da vida. Costumava dizer: mulher da roça vae á villa tres vezes, uma a baptisar, outra a casar, e outra a enterrar.

Com taes casmurrices na cabeça dos velhos a pobresinha do Pingo d'Agua — tinha esse appellido familiar a Maria das Dores — era natural que se tolhesse na desinvoltura ao extremo de ganhar medo á gente. Fôra uma vez á villa, com vinte dias, para baptisar. E já lá ia nos quatorze annos sem nunca mais ter-se arredado d'alli.

Ler? Escrever? Patacoadas, falta de serviço, dizia a mãe. Que lhe valeu a ella ler e escrever que nem uma professora, quando casou, se desde então nunca mais teve tempo de abrir um livro? Na roça como na roça.

Deixei a menina ás voltas com a rodilha e embrenhei-me por um atalho conducente á morada.

Que ruínia... Da casa antiga aluira uma aba e o restante, além da cumieira sellada, tinha o oitão fóra do prumo.

O velho pomar roido de formiga succumbira de inanição; tres ou quatro laranjeiras brocadas, macillentas, sopesando o docel retrançado da herva de passarinho abrolhavam ainda rebentos novos, ouriçados de espinhos, na ancia de sobreviver.

Fóra disso uns mamoeiros altissimos, a silvestre goiaba, e aracás, promiscuamente com o matto invasor que só respeitava o terreirinho batido fronteiro á casa. Tapera quasi e enlurados nella, o que é mais triste, almas humanas em tapera.

Bati as palmas: ó de casa?

Appareceu a mulher.

— Está o seu 'Zé?

— Inda agorinha saiu, mas não demora, foi queimar um mel na massaranduva do pasto. Apeie e entre.

Amarrei o cavallo a um moirão de cerca e entrei. Acabadinha a Nhanna Rosa. Toda rugas na cara, e uma cor... Estranhei-lh'o.

— Doença, respondeu, estou no fim. E' estomago, é figado, uma dor aqui no peito que responde na cacunda... Casa velha é o que é.

Surgiu da cosinha a mãe della, uma velhota bem apessoada, no cerne já, rija e tesa embora tremula. Depois dos cumprimentos:

— Está espantado do geito da Nhanna? Esta gente de hoje não vale nada. Olhe que eu com 70 annos não me troco por ella. Criei a minha neta, inda lavo, cosinho e coso. Admirase? Coso sim!...

— Mecê se gaba porque nunca padeceu doença, nem dor de dente! Mas eu? pobre de mim! Só me admiro de inda estar fóra da cova. Ahi vem o Zé.

O Alvorada ao ver-me expandiu-se.

— Ora viva quem se lembra dos pobres! Não pego na sua mão porque estou assim! E' só melado. Bonito, hein? Estava difficil, n'um ôco muito alto e sem geito, mas sempre tirei. Não é jity não, é mei de pau.

Depôz a cuia de favos n'um mocho e foi á janella lavar as mãos sob a caneca d'agua que a mulher despejava.

— Hoje veiu no picaço... Bom animal! Eu sempre digo: animaes aqui no redor são este picaço e a ruana do Izé de Lima. O mais é cavallaria de moenda.

Neste momento entrou a menina, de pote á cabeça. O pae apontou a cuia de mel.

— Está ahi, minha filha, o doce da aposta. Perdi, paguei. Negocio é negocio. Que aposta? Ah! ah! Brincadeira. A gente na roça quando não tem serviço com tudo se diverte. Vinha



passando um bando de maritacas. Eu disse atôa: são mais de dez. O Pingo negou: não chega lá. Apostamos. Eram nove, ella ganhou o doce. Doce da roça mel é. Esta songuinha só vendo, não é o que parece, não.

A loquela do Alvorada não desmedrou com o atrazo da vida. Em se lhe dando corda tagarellava como gente da cidade.

Expuz-lhe o meu negocio. O homem refranziu a testa e reflexionou um bocado, de queixo preso. Depois:

— Eu hoje, franqueza, não valho mais nada. Des'que cahi naquella peste de mundeu da ponte preta fiquei assim como quebrado por dentro. Não escóro serviço nenhum, e para lidar com camaradas no eito não basta ter bocca. Sem puxar a enxada de par com elles a coisa não dá certo. Lembra-se da empreitada do anno retrazado? Pois sahi perdendo. O tranca do Mina me quebrou um machado e furtou uma foice. Com esses prejuizos não livreí o jornal. Desde então fiz cruz em serviço alheio. Se ainda teimo neste sapesal é por via dessa menina, senão largava tudo e ia viver no matto como bicho. E' o Pingo que inda me dá um pouco de coragem...

A velhinha sentou-se á luz da janella e abrindo uma caixeta se poz a coser, de oculos na ponta do nariz.

Approximei-me della admirando-lhe o lavor, para a lisonjear.

— Sim senhora! Com setenta annos!

Ella sorriu-se.

— E' para ver. E isto aqui tem coisa! E' uma colcha de retalhos que venho cosendo ha quatorze annos, desde que o Pingo nasceu. De cada vestidinho della cada isca que sobeja vou-as guardando nesta caixa e um dia as emendo. Veja que galantaria de serviço.

E estendeu-me ante os olhos um panno variegado, de quadradinhos maiores e menores, todos de chita, cada qual de um padrão.

— Esta colcha é o meu presente de noivado. O ultimo retalho hade ser do vestido de casamento, não é Pingo?

Pingo d'Agua não respondeu. Mettida na cosinha percebeu a espiar-me pela fresta da porta.

Mais dois dedos de prosa, um cafesinho ralo — escolha com rapadura — e:

— Bom, rematei levantando-me do mocho de tres pernas, nesse caso, Seu José, não podendo ser paciencia. Apesar disso acho que deve pensar mais um bocado. Olhe que este anno se estão pagando os roçados a oitenta mil réis. Dá para ganhar, não?

— Dar eu sei que dá, mas sei tambem para quem dá. Um perrengue como eu não pensa mais nisso. Quando era gente muitas peguei a sessenta e não me arrependi. Mas hoje...

— Nesse caso...

Transcorreram dois annos sem que eu tornasse aos Periquitos. Nesse intervalo Don'Anna se foi. Era fatal a dor que respondia nas costas. E me não mais aflorava á tona da memoria a imagem daquella pobre gente quando chegou até meus ouvidos o zum-zum corrente no bairro, uma coisa apenas crível: o filho de um sitiante visinho, rapaz de todo pancada, furtára o Pingo d'Agua aos Periquitos.

— Como isso? Uma menina tão acanhada!...

— E' para ver! Desconfiem das sonsas... Fugiu e lá rodou com elle para a cidade — e não para casar nem para enterrar. Foi ser "moça", a pombinha.

O incidente me ficou a azoinar o bestunto. De noite perdi o somno revivendo as scenas da minha ultima visita ao sitio, e disso brotou a ideia de lá tornar. Para? Confesso, mera curiosidade, para ouvir os commentarios da triste velhinha. Que golpe! Desta feita ia-se-lhe a rijeza de cerne.

Fui.

Setembro abrolhava gommos tenros em cada plantinha. Neblina nenhuma. A paisagem desenhava-se nitida até aos cabeços dos morros e ás distantes serras azues. Por amor á symetria montava eu o mesmo picaço. Transpuz a mesma porteira. Atalhei pelo mesmo trilho.

No correjo vi com os olhos da imaginação o vulto da menina envergonhada com o pote descansado na lage e toda ás voltas com a rodilha. Mais uns passos e a tapera antolhou-se-me desolada. As tres arvores do pomar extincto eram já galhaça resecca e estonada. Só os mamoeiros subsistiam, mais crescidos e apinhados de fructos. O resto peorára descamban-



do para o lugubre. O oitão ruiu e o terreirinho pintalgava-se de moitinhas de guanxuma, cordão de frade e jóas.

— O' de casa!

Silêncio. Tres vezes repeti o appello. Por fim surgiu dos fundos a velhinha, mais acurvada e mais tremula.

— Bom dia! Está o seu Zé?

Não me reconheceu. O Zé fôra á villa vender aquillo para se mudar de terra. Fez-me entrar pedindo escusas da má vista logo que me dei a conhecer.

— Tem coragem de estar aqui sosinha?

— Eu? sosinha estou em toda a parte. Morreu-me tudo, a filha, a neta... Sente-se, disse apontando-me o mocho de dois annos atraz.

Sentei-me com um nó na garganta. Não sabia que dizer. Por fim:

— O que é a vida, nha Joaquinha! Parece que foi hontem que estive aqui. Apesar das doenças iam vivendo felizes. E hoje...

A velhinha limpou no canhão da manga uma lagrima.

— Viver 72 annos para acabar assim... Felizmente a morte não tarda. Já a sinto aqui dentro.

O coração confrangia-se-me alli naquelle ermo onde tudo era passado, a terra, as laranjeiras, a casa, as vidas, salvo, tremulo espectro sobrevivente como alma da tapera, a triste velhinha encanecida cujos olhos poucas lagrimas ainda estillava, tantas derramara.

— Que mais agora? murmurou pausadamente em voz de quem já não é deste mundo. Até á *desgraça* eu não queria morrer. Velha e inutil inda gostava da vida. Morreu-me a filha, mas restava a neta que é duas vezes filha e era o meu consolo. Desencaminharam a pobresinha... Agora, que mais? Só peço a Deus que me tire logo e logo.

Relanceei o olhar pela sala vazia. A caixeta de costura ainda estava sobre a arca, no lugar de sempre. Meus olhos pousaram nella, marasmados.

A velha adivinhou-me o pensamento, e erguendo-se pegou da caixa com mãos tremulas.

Abriu-a. Tirou de dentro a colcha inacabada, contemplou-a longamente, e depois, com tremuras na voz, me disse:

— Dezeseis annos! E não pude acabar a colcha... Ninguem imagina o que é para mim este panno. Cada retalho tem sua historia e me lembra um vestidinho do Pingo d'Agua. Aqui leio a vidinha della des'que nasceu. Este, olhe, foi da primeira camiseta que ella vestiu.

Tão galantina! Estou a vel-a no meu braço, tentando pegar os olhos com a mãosinha roliça. Este azul de listras lembra um vestido que lhe deu a madrinha aos tres annos. Ella já andava pela casa inteira armando reinações, perseguindo o Romão, que um dia, por signal, mettu-lhe as unhas. Chamava-me *óó aquina*. Este vermelho de rosinhas foi quando completou os cinco annos. Estava com elle por occasião do tombo na pedra no correjo donde lhe veiu aquella marquinha no queixo, não reparou? Este cá de xadrezinho foi pelos sete annos; eu mesma o fiz, e fiz de sainha comprida e paletó de quartinho. Ficou tão engraçada, feita uma mulhersinha! Pingo d'Agua já sabia temperar um virado quando usou este, de argolinhas roxas em fundo branco. Digo isto porque foi com elle que entornou uma panella queimando as mãos. Este roxo usou-o quando tinha dez annos e cahiu com sarampo, muito malsinha. Os dias e noites que passei ao pé della a contar historias! Como gostava da Gata Borrallheira!

A velha enxugou lagrima na colcha, e calou-se.

— E cá este? perguntei apontando um retalho amarello, para avival-a.

Pausou um bocado a triste avó, em contemplação. Depois:

— Este é novo. Já tinha 15 annos quando o vestiu pela primeira vez n'um mutirão do Labrego. Não gosto delle. Parece-me que a desgraça começa aqui. Ficou um vestido muito assentadinho no corpo e galante, mas pelas minhas contas foi elle o culpado de o Labreguinho engraçar-se da coitada.

Hoje sei disso. Naquelle tempo de nada suspeitava...

— Este, disse-lhe eu fingindo recordar-me, é o que vestia quando cá estive.

A velha sorriu.

— E' engano seu. Era, quer ver qual? era este de pintas vermelhas, repare bem.

— E' verdade, é verdade, menti, agora me recordo, era isto mesmo. E este derradeiro?



A pobre creatura sacudiu a cabeça, e balbuciou após uma pausa dorida:

— Este é o da desgraça. Foi o ultimo que lhe fiz. Com elle fugiu... e me matou.

Calou-se, a lacrimejar, tremula.

Calei-me tambem, oppresso d'um apertão d'alma. Que quadro immensamente triste aquelle fim de vida machucado pela mocidade louca!...

E ficamos ambos assim immoveis, de olhos pregados na colcha. Ella por fim quebrou o silencio.

— Era o meu presente de noivado. Deus não quiz. Agora será a minha mortalha. Já pedi que me enterrassem com elle.

E guardou-a, dobradinha, na caixa, envolta n'um suspiro.

Um mez depois morria, e soube que lhe não cumpriram a ultima vontade. Que importa ao mundo a vontade ultima d'uma pobre velhinha? Pieguices...

MONTEIRO LOBATO.

O CORVO

(EDGAR POE)

I

Emprehender a traducção de "O CORVO" é tomar a si a demonstração da praticabilidade do impossível, desde que esse poema haja de ser interpretado á luz da "**Philosophia da composição**", magistral artigo de critica literaria, em que o autor explicou os meios de que se valeu para alcançar o objectivo mirado, e tão completa, brilhante e applaudidamente attingido na elaboração dessa incomparavel joia da literatura do novo hemispherio.

Comquanto presumamos muito conhecida a "**Philosophia da composição**", não podemos deixar de aqui lhe expôr a summa, afim de justificarmos o desempenho dado á difficilima empreza de produzir em vernaculo as impressões, que, na sua lingua, quiz vehicular, e vehiculou, o insigne e originalissimo poeta — sem traduzir, nem trahir a sua obra-prima em verso, isto é, apresentando-a na versão paraphrastica, que aqui offerecemos.

Tomando para explicação do seu **modus operandi** na producção literaria — "O CORVO" — diz Edgar Poe que o primeiro ponto, que considerou, foi o da extensão do poema a escrever, parecendo-lhe que deveria elle ser breve, porquanto a demasia acarreta prejuizo á unidade; e, por exigencia psychica, a excitação intensa, que eleva a alma, não comporta longa duração.

Fel-o, pois, de maneira a ser lido de uma assentada, projectando-o de cerca de cem versos, numero apenas excedido em oito na realisação dada ao trabalho.

O segundo ponto considerado foi a escolha da impressão a transmittir com o intuito de tornar o poema **universalmente** apreciavel; e a preferencia não podia deixar de recahir sobre o "**bello**", o qual, sem condemnar a "**verdade**" que requer "**precisão**", e a "**paixão**", que



requer "**familiaridade**", é precipuo na excitação ou elevação deleitosa da alma, que deve ser função da poesia promover.

Qual, porém, o "**tom**" da belleza a tomar per objecto? Eis o terceiro ponto; e a "**tristeza**" se afigurou ao philosopho como o mais conveniente, porque a belleza, qualquer que seja, leva invariavelmente, no seu supremo desenvolvimento, a alma sensível, ás lagrimas, sendo, em consequencia, a "**melancolia**" o mais legitimo de todos os tons poeticos.

Passando, uma vez determinados a extensão, o objecto e o tom, áquillo que entendeu chamar mais propriamente os "**pontos**" no sentido theatral do termo, o estribilho, pela universalidade do seu emprego, foi o primeiro, que estudou, chegando á conclusão de que o deveria adoptar, mas modificando-lhe a forma primitiva, isto é, conservando-lhe a **monotonia do som** e variando a do pensamento.

Neste proposito, pois, preocupou-o a natureza do seu estribilho; e, como tinha assentado a variação constante, da qual é condição a "brevidade", decidiu-se pelo estribilho de uma só e unica palavra.

Estudando, então, o character ou natureza da palavra a empregar nessa função, a **sonoridade** e a possibilidade de **protrahida emphase** se lhe afiguraram essenciaes, levando-o inevitavelmente, como o declara, ao o longo, por ser a vogal mais sonora, em connexão com o **r**, a mais produzível das consoantes, condições realisadas pela primeira palavra, que se lhe apresentou e fecha todas as estrophes: "**Nevermore**".

Que emprego dar á palavra assim escolhida? foi a interrogação, que, em seguida, se lhe formulou no espirito. Attribuil-a a um ente dotado de razão, era crear difficuldades insuperaveis. Impoz-se-lhe, portanto, um ente sem ella, que veiu a ser o corvo, como o mais em correspondencia com o tom acceto, visto que o papagaio, o garrulo e tradicional arremedador da fala humana, só a um effeito comico se prestaria.

Um corvo, consequentemente uma ave de mau agouro, deveria repetir a palavra sonora e funebre "**nevermore**" ao cabo de cada estrophe em um poema de tom melancolico, que não excedesse de cem versos. Ahi estava o arcabouço da construcção.

Restava fixar qual dos "**tons melancolicos**", segundo o consenso universal, era "o mais melancolico". A morte, sem duvida. De quem? De uma pessoa formosa. Lamentada por quem? Pelo amante, que a perdera. Tudo se encadeiou assim logicamente.

Dahi á idéa de que o estribilho seria empregado em resposta ás perguntas do amante desolado, foi um passo: — a pergunta do amante seria a **variação constante**; a resposta do corvo, a **nota monotona**; e, do embate entre a pergunta e a resposta, surgiu, comprehende-se que tão facil quanto logicamente, o jogo entre o comico momentaneo, o medo supersticioso despertado em mente quebrantada, e a indignação



em furia exasperante, que alternativamente se desenrolam nas estrophes em successão de crescente interesse até culminarem no desfecho, que tão bem remata o poema e foi o principio de sua execução, pois affirma o poeta tel-o começado a reduzir a escripto pela decima sexta estrophe, assim regulando melhor a variedade e gradação das precedentes interrogações do amante, definitivamente tambem estabelecendo o rhythm, o metro, a extensão e arranjo geral das estrophes precedentes, de maneira que nenhuma dellas excedesse a essa em effeito rhythmico.

Quanto á versificação escolhida, diz o poeta que procurou, como em tudo que fazia, a originalidade — excellencia que conseguiu, não pela invenção de metro ou rhythm, mas pela combinação dos trocheus em versos successivos de oito, sete e meio, oito, sete e meio, sete e meio e tres e meio, combinação essa que nem remotamente tinha até então sido tentada, e cujo effeito esthetico se realçou pela rima e alliteração.

O **local**, um quarto, teve preferencia, porque pareceu ao poeta que um incidente isolado ganha relevo num espaço restricto, que o realça como a moldura ao quadro; a entrada do corvo pela janella impoz-se depois que fez o amante interpretar como bater á porta o que fôra roçar de azas contra os batentes, e, ao espanto da surpresa, suggeria o espirito da amada; a noite foi tempestuosa, já para justificar a entrada do corvo, já para oppôr um contraste á serenidade do quarto; o contraste determinou tambem a preferencia do busto para pouso do corvo, cuja cor sobresahiria no fundo pallido do marmore; a personificação de Pallas não só se coadunava com o genero de occupação do amante como tambem a sonoridade do vocabulo aproveitava ao effeito; ainda o contraste foi intencionalmente concretisado no humor jocoso e expressão consequente, despertados pela maneira por que entrou a ave — humor e expressão, que se vão cambiando em tranquillidade e medo, e preparando ao mesmo tempo o leitor para o desenlace, que se lhes segue tão rapida e tão directamente quanto possivel.

Summariada assim a marcha da elaboração do poema, conclue o seu autor:

“Com o **denoûment** propriamente tal — com a resposta do corvo: “Nunca mais”, á ultima pergunta do amante, que delle inquireia si lhe seria dado encontrar a sua amada em um outro mundo, pode-se dizer que teve complemento final o poema na sua phase obvia: a de uma simples narrativa. Até esse ponto, tudo está dentro dos limites do applicavel, do real.

Um corvo, tendo aprendido de cór as unicas palavras “Nunca mais” e tendo escapado á guarda do seu dono, é impellido, á meia-noite, pela violencia da tempestade, e procura abrigo, guiado pela luz que coa a janella de um homem de letras occupado no estudo de antigos volumes, meio a sonhar na amada, que a morte lhe havia arre-



batado. Aberta a janella em razão do ruido, que contra ella produziu o bater das azas da ave, esta entra e se empoleira no lugar que mais a geito achou, fóra do alcance de quem lh'a abriu, e que, achando graça no incidente e na singularidade do que fez o visitante extranho, pergunta-lhe, por gracejo e sem esperança de resposta, o seu nome. O corvo, porém, responde-lhe á interrogação com as suas costumadas palavras: "Nunca mais" — palavras que acham logo echo no coração melancolico do amante, o qual, repetindo, absorto, em voz alta, certos pensamentos suggeridos pelo facto, de novo se surprehende com a insistencia de resposta por parte da ave. Adivinha, então, o amante, a verdade do caso, mas, impellido por aquella sêde que tem o homem de se considerar victima de imaginarios tormentos, e, em parte, pela superstição, propõe novas interrogações, que lhe tragam o cumulo do deleite da dor na resposta antecipada: "Nunca mais".

Com a indulgencia até o extremo desta automartyrisação, a narrativa, no que chamei a sua primeira e obvia phase, termina naturalmente sem que, na sua deducção, sejam ultrapassados os limites do real.

Em assumptos tratados por esta forma, por habilmente que o sejam, ou qualquer que seja o apparato do incidente, ha sempre uma certa dureza ou nudez, que repulsa o olho artistico. Duas cousas se requerem invariavelmente: — primeiro, certa somma de complexidade, ou mais propriamente, adaptação; e, segundo, certa somma de suggestividade, alguma contracorrente do sentido, por indefinida que seja. E' esta ultima, especialmente, que dá a uma obra de arte tanto daquella riqueza, que nós nos inclinamos a confundir com o ideal. E' o excesso do sentido suggerido — é o facto de fazer deste a corrente, em vez da contracorrente, do thema, que converte em prosa (e da mais baixa especie) a assim chamada poesia dos assim chamados **transcendentalistas**.

Sustentando estas opiniões, ajuntei as duas estancias, que concluem o poema, fazendo com que a suggestividade domine toda a narrativa, que as precedeu. A contracorrente do sentido torna-se, pela primeira vez, apparente nas linhas:

"Tira o teu bico de meu coração e o teu vulto de sobre a minha porta".

Disse o corvo: "Nunca mais."

Observar-se-á que as palavras: "**do meu coração**" envolvem a primeira expressão metaphorica do poema. Ellas, com a resposta: "Nunca mais" dispõem o espirito a procurar a moral de tudo que previamente se narrou. O leitor começa então a considerar o coryo como emblematico. Mas não é senão no ultimo verso da ultima estancia que a intenção de o tornar emblematico da **lutuosa e eterna recordação** se deixa ver claramente:



“E o corvo, sem se mover, está ainda pousado, pousado ainda está sobre o pallido busto de Pallas bem por cima da porta do meu quarto; e seus olhos têm toda a apparencia dos olhos de um demonio, que está sonhando; e a luz da lampada, que sobre elle desce como um olhar cupido, atira-lhe no chão a sombra; e minha alma, dessa sombra, que está sempre a fluctuar no chão, nunca mais se erguerá!”

Expostas assim as razões por que o poeta elaborou, como o fez, o seu poema, claro é que, si, na lingua em que o escreveu, a todas lhe foi possível attender, adaptando meticulosamente a expressão ao molde, que adoptou, aquelle que emprehender dar, em outra lingua, á expressão ao seu alcance, a correspondencia exacta com o original, terá de supprir, pelos recursos a tal intento mais conducentes, a deficiencia, em que fique a composição pela differença, que haja entre o idioma de que verte e aquelle para o qual traslada.

Ora, sob o ponto de vista da **sonoridade** e **protrahida emphase**, que o poeta quiz conseguir para realce do poema e encontrou na palavra unica do estribilho, graças á concorrência da vogal **o** e da consoante **r**, formando a resposta constante do corvo, “Nevermore”, vocabulo a que incontestavelmente se imprime na dicção ingleza a nota lugubre de tamanho effeito e tão em consonancia com o tom melancolico, elemento obrigado porque calculado como essencial na genese da composição, sob esse ponto especialissimo e necessario para a consecução do objectivo visado, o “Nunca mais” do nosso portuguez não possui o som, nem é susceptivel da emphase, que tanto realce dão á symbolisação extraordinária de uma vida inteira, qual a que, no dizer de Gustavo Karpeles na Historia Universal da Literatura, se encarna neste poema “notavel pela sua melancolica belleza e fascinante espirito tragico.”

Percebendo de entrada esse obice e ponderando bem no modo por que o poeta deduziu a sua narrativa, pareceu-nos a nós que era nesta mesma narrativa que se encontrava o expediente a adoptar, desde que o estribilho com o “Nunca mais” por fecho falhava ao effeito buscado com a sua introdução.

O amante, cansado e cheio de tedio, ao ouvir á porta do seu quarto as pancadas repetidas, que extranhou pela hora adiantada dessa vigilia fatigante, procura tranquillisar-se do sobresalto, em que o deixam, insistindo, pela **repetição**, nas affirmações balbuciadas, como para se mostrar convencido da naturalidade do facto, que intimamente, todavia, o apavora. Quando, aberta a porta, verifica que ninguem a ella está batendo, a sua extranheza, dando entrada á suspeita do sobrenatural, que a toda a alma humana se impõe fatalmente diante de factos destoantes da norma da vida usual, o amante **repete** ainda as suas



afirmações, já sob o receio, que lhe torna hesitante o espirito, já pela intenção de asseverar a si mesmo a posse de si proprio, em que, entretanto, não está evidentemente. Por fim, quando a resposta do corvo, que attribue ao acaso de ter elle sido propriedade de um infeliz, a quem muitas vezes ouviu como desabafo o vocabulo inconscientemente reproduzido a qualquer proposito — quando essa resposta calha á pergunta, mas em sentido contrario ao desejo de quem a faz, a exasperação do amor indignado contra a insistencia da negativa á esperanza de rever a amada, leva novamente o amante a **repetir** as palavras, em que traduz as invectivas da sua revolta.

A **repetição**, pois, a **repetição**, que tão apropriadamente põe o poeta em jogo para photographar as alternativas subitas do estado psychico do amante saudoso e inconsolavel, se torna evidente desde logo como um elemento imprescindivel nas situações creadas; e, para a conseguir, o poeta não hesitou em rimar seis vezes “Nevermore” com “door”, e quatro com “Lenore”, quando, entretanto, a rima em “ore” é riquissima. Tão necessaria, tambem, para o effeito alludido a entendeu Machado de Assis, que, na sua traducção, tres vezes rimou “Nunca mais” com “taes”, duas com “immortaes”, duas com “fataes” e duas com “portaes”, quando, por sua vez, na nossa lingua, a rima em “ais” não menos opulenta é.

Nós, no nosso trabalho, des que vimos a inutilidade de querer fiar da rima do estribilho o que della fiou o original, demos compensação a tal deficiencia com as **repetições** do amante: 1.º — quando extranha o facto das pancadas á porta e procura convencer-se de que nada de extraordinario ha nelle; 2.º — quando se deixa avassalar pelo medo supersticioso; e, 3.º — quando a revolta do affecto inesquecivel pela mão da saudade inconsolavel se insurge contra a insistencia da negativa á realisacão da sua sonhada esperanza.

Afigurou-se-nos que essa **repetição** assegura, de facto, ao poema o effeito, que lhe não pôde dar a constituição phonica do vocabulo estribilho, e cremos que nos não enganámos. Dissentirão talvez os leitores da impressão, que sentimos como resultante da realisacão por nós dada á que, travez do original, recebemos e não atinámos em melhormente transmittir. Questão de temperamento.

Quanto á metrificacão não nos ficou livre a escolha: o assumpto e o modo por que o desenvolveu o poeta impuzeram-nos o alexandrino, que a cesura hemistichial torna solemne ao mesmo tempo que a rima aos pares toca de uma monotonía perfeitamente adequada ao tom lugubre, que, no original, se condensa incontestavelmente no vocabulo-estribilho, cuja sonoridade melancolica e dicção habil, qual a que lhe imprimia, segundo o testemunho de contemporaneos, o autor, accentuada e efficazmente realça pela emphase protrahida, facil de lhe imprimir.

Afim, porém, de dar maior destaque á **variedade** do estribilho,

que o poeta fiou da **diversidade** do thema em cada estrophe, a rima se fez alterna nos ultimos quatro versos de cada uma.

Si é verdade ter a traducção paraphrastica, em que nos pareceu podermos melhor integrar na composição os elementos combinados pelo poeta para obter os effeitos attingidos pelo seu poema — si é verdade ter essa traducção dobrado a extensão do mesmo contra a sua idéa fundamental e primeira de brevidade, pensamos, entretanto, que, bem consideradas as cousas, a differença entre o original e a nossa versão, nesse ponto, não é grande: o autor lhe encurtou a extensão em **comprimento** porque a augmentou em **largura**; nós, porque a encurtámos em **largura**, lhe augmentámos o **comprimento**.

A conjugação em um só verso de versos de differente metro em outras composições empregados isoladamente, não nos abalancámos nós a fazel-a, qual a fez o original para compensar pelo numero de syllabas o que perdera pela diminuição do numero de versos. Pelo menos, não nos animámos a tal ousadia, que, aliás, nos pareceu excusada quando é certo que, mesmo com a extensão com que ficou, pode sem fadiga ou quebra de unidade, ser o poema lido de uma assentada.

No que ahí fica exposto, não é nosso empenho justificar qualquer pretensão, que tenhamos a haver feito obra que não desmereça do original; sim, só, deixar explicitos os fundamentos, que nos levaram a dar á nossa translação a forma sob a qual apparece, e que, a nosso ver e sentir, é a mais apropriada a produzir a impressão com que foi escopo do poeta emocionar o leitor.

Si em tal concepção nos enganámos, é isso culpa de deficiência intellectual ou de temperamento, que não estava em nossas mãos fazer manifestar-se de modo diverso.

A' semelhança das de Chladni, a figura traçada em nossa estrutura psychica pelo estímulo do poema original sobre a sua vibratili-dade especifica não podia furtar-se a ser a que aqui se estampa.

Uma observação ultima.

Nunca vimos recitar "O Corvo", a não ser em theatro desta capital por actor cuja interpretação nos deixou claramente ver que de todo em todo não comprehendeu nem o que o poeta nitidamente exprimiu, nem o que a intelligencia e o coração tem forçosamente de ler nas entrelinhas.

Alguem que ouviu Machado de Assis recitar a sua traducção, referiu-nos que elle o fazia em tom de conversa, o que é evidente, sem comtudo ferir a nota comica, em que fala a "Philosophia da Composição", como sendo um dos contrastes, que contribuem poderosamente para o effeito proposto á sua composição.

Temos ouvido dizer que Olavo Bilac e Alberto de Oliveira lhe dão uma interpretação magistral; mas, reportando-nos ás apreciações feitas, cremos que bem diversa era a que impressionantemente lhe dava Edgar Poe.



Por isso, pois, aqui transcrevemos as palavras que, a respeito do originalíssimo poeta, consagra James H. van Sickle, em biographia inserta no 8.º volume da série dos Riverside-Readers, a pagina 148:

“Pouca poesia, escreveu Poe; mas esse pouco nunca o esquecemos. Tinha elle o dom de escolher os mais bellos sons e combinal-os em musica perfeita. “O Corvo” é prova desta maravilhosa habilidade na arte de esgrimir com as palavras. Recitava o poeta por vezes este extranho poema, e aquelles, que o ouviram, falam da sua maneira cheios de enthusiasmo. O rosto moreno e formoso com seus olhos scintillantes, — a voz bem timbrada e clara fazendo fluir as longas linhas e modulando o tristonho estribilho “NEVERMORE”, punham nos ouvintes a convicção de que o poema e o poeta pertenciam a um mundo mysterioso, que as pessoas vulgares apenas confusamente entreveem. Na realidade, porém, “O Corvo” não tem mysterio nenhum. O proprio Poe, num artigo intitulado “A Philosophia da Composição” explicou como o compoz — cuidadosamente como se construe uma casa, pondo pedra sobre pedra com o projecto á vista desde o inicio. Parte delle é **comedia, e assim deve ser lido**. O todo é belleza. Nenhum conto que escreveu o autor tem um tecido mais logico.”

O estado de animo do protagonista atravez do desenrolar dos factos, que constituem a narrativa do poema, dados os antecedentes de sua vida e o momento psychologico, em que se verifica o facto inicial, não deixa latitude á interpretação.

Tem o interprete de se adstringir á extranheza causada pela anormalidade da occurencia sobre o espirito cansado e saudoso do amante, que a procura disfarçar formulando primeiro a mais natural hypothese explicativa, mas para logo se perturbando com medo supersticioso, que igualmente busca occultar lançando mão do ludibrio simulado, de que fia a demonstração a si proprio de sua superioridade, de facto apenas apparente, porque depressa se transmuda em contemplação extatica, supplica fervorosa e indignação revoltada — por movimentos successivos de uma alma, que se embate entre a repugnancia a confessar-se dominada pelo terror, que um facto simples suggestiona, e a saudade inesquecivel, que lhe traz preso o pensamento á triste sombra e eterno luto de um tumulo prematuro.

O ludibrio constrangido, pois, contrastando com a seriedade solemne da paixão devem ser as características da recitação, que se proponha a traduzir pela voz a escala de sentimentos, que o poeta concretisou nas estrophes do seu maravilhoso poema.

Si eu fôra actor, ou para o desempenho de tal papel tivesse o talento, que é dom natural, recitaria “O Corvo” no tom de quem se dirige a um amigo para lhe fazer a narrativa de um facto, que o impressionasse funda e cruelmente. Começaria, pois, revelando, na estrophe 1.ª, a tristeza e o cansaço, que me abatiam no momento inicial,

deixando-me insensivelmente dominar de um medo supersticioso, mas que se procurava disfarçar ao repetir a reflexão mudamente feita, quando o bater da porta áquella hora adiantada me sobresaltara.

Na estrophe 2.^a, alludindo ás inclemencias da estação e ao fogo da lareira prestes a extinguir-se, repassaria o meu tom de um desanimo profundo, qual quem, por alta noite e solidão, suspira por ver-se liberto de uma obsessão, que o acabrunha, e tocal-o-ia de um timbre de saudade affectuosissima, quando me referisse á causa da minha vigilia sobresaltada pelo bater desusado.

Com o tom primeiro de sobresalto e medo crescente desceria ao da naturalidade mais chã na estrophe 3.^a, ao repetir as conjecturas, que formulara na 1.^a para me convencer da normalidade do facto, que, entretanto, extranhara.

Já tranquillizado por taes conjecturas, assumiria, na estrophe 4.^a, o tom decisivo de perfeita convicção; e, polida, mas comicamente ludibrioso, endereçaria ao supposto visitante as palavras de excusa, estampando, numa brusca transição, a surpresa de que fôra tomado ao escancarar a porta e não ver a ella ninguem.

Cahindo, nesse ponto, em ponderação longa e cruciante, sob a suggestão das idéas evocadas por tal surpresa, recitaria a 5.^a estrophe de modo a traduzir esse estado da alma, meigo e ternissimo quando alludisse á memoria da amada, que me assediava a mente.

O primeiro tom da estrophe 6.^a seria o que exigem as palavras **“com a alma em fogo a arder”**, que, para logo, descahiria da naturalidade da conversa commum com a narrativa do novo incidente.

A convicção da normalidade desse facto, influenciada pelo medo, que se accentua no “escancarar” brusco da janella, dictaria o tom da estrophe 7.^a, sem demora volvido ao **débit** da conversa normal, já, entretanto, preparando o tom de ludíbrio, que novamente apparece e pervade toda a 8.^a estrophe, na qual, a fantasia anteriormente suggerida, se **“transmuda em riso”**.

A 8.^a estrophe, novamente, pois, assumiria o tom francamente ludibrioso, culminando no extremo do sarcasmo com a apostrophe endereçada ao extranho visitante.

A justificação feita nas estrophes 9.^a e 10.^a ao pasmo, que a primeira resposta, embora **“sentido não tivesse, ou pouco ou nullo alcance”**, reconduziria o tom ao da narrativa simples, que se anima e aviva pela logica dos fundamentos apresentados como irrecusaveis para dissipar as duvidas levantadas por aquelle mesmo pasmo. Continuará, na estrophe 11.^a, a narrativa como antes, tocando-a, porém, no final, de uma nota melancolica á lembrança dos **“amigos, que se foram sem retorno”**, e diante da certeza de que **“com o dia, que vem, este irá como os outros”**.



A sequencia da narrativa, impressionada por novo acesso de humorismo, determinado pela constancia da resposta, assignalando-se tambem na attitude, seria feita no mesmo tom de conversa, modificado, todavia, pela soffreguidão que a esperança de **“achar um sentido”** no que havia de extraordinario na oportunidade da replica, poria no timbre da voz, dando-lhe mais vivacidade e, ao movimento, maior acceleração.

Em tom capaz de dar idéa da profundeza de uma meditação aturada e movida pelas saudosas recordações, presas ao movel posto em frente á mysteriosa ave, correria a estrophe 13.^a.

E, naturalmente, a transição desta para o tom da estrophe 14.^a levaria ao arroubo de veneração extatica e religiosa, que a lembrança da amada evoca no amante; e que, de todo em todo, o avassalla e afunda em magua, passando ao da indignação da Providencia, quando esta o vê perseverar num luto sem tregua em vez de se consolar com os lenitivos, que lhe offerece, e aparelhando essa passagem o tom da estrophe 15.^a, onde uma supplica tanto mais instante e humilde quanto é a affirmação do proprio Corvo, que a determina, aguarda, em resposta melhor, o allivio ao mal, que lhe causou a resposta anterior.

Mais instante ainda a supplica, que, na estrophe 16.^a, termina pelo grito **“oh, dil-o, corvo, dil-o!”** fal-a-ia eu num tom de humilhação plangente e commovedora de quem espera enternecer pelo appello e conseguir menos cruel acolhimento ao seu almejo de consolo e lenitivo para uma recordação ineludivel e esmagadora — tom esse a contrastar pela energia da meiguice com a exacerbação da revolta, que explode na estrophe 17.^a.

Nesta, então, a invectiva vehemente e irrefreavel contra a indiferença ao appello humilimo e caricioso — invectiva, que esquece, sob a pressão irritante da fleugma imperturbavel, todas as conjecturas, em que a razão buscara a explicação real e natural do facto extranho — attingiria o maximo do desespero a traduzir pela attitude aggressiva, pelo gesto imperativo e inflexivel, e pela voz em grita, que chegaria á extenuação suprema, denunciada por notas cavas e arrancadas, para cahir decrescentemente na angustia supplice, lacrimosa e implorativa do remate: **“Deixa-me em paz! Oh, vai-te!”**.

Finalmente, a estrophe 18.^a daria a idéa do despertar lento e extenuado de um pesadelo horrivel, traduzindo a convicção calma e resignada da triste realidade, a que conduziram as emoções passadas, e a certeza da significação exacta e positiva, unica e irrefragavel, dos factos, a que se rende a mente, suggestionada pelas preoccupações e pelos transeis crueis da saudade inconsolavel, que se derrama em seio amigo, e abafa e cala na irrupção violenta e incoercivel das lagrimas e dos soluços.



Comquanto lembrado da lição do fabulista:

..... le suffrage d'un sot
Fait plus de mal que sa critique,"

este prefacio sem pretensão a autoridade foi aqui posto por des-
cargo de consciencia.

JOÃO KOPKE.

(Continúa).



OS VERSOS AUREOS DE PYTHAGORAS

IV

Tambem o Erro tem, como a Verdade assecclas.
Prudentemente approva ou reprova o philosopho;
e, se o Erro triumphá, elle recúa e espera.

O Erro tem os seus partidarios. O seu nome é Legião. Os homens não procuram a verdade, que dizem amar. Ao contrario, geralmente a tememos e evitamos. Dizemos: a verdade sobrenada, a verdade é como o azeite. Tudo isso é falso. A verdade se conquista pelo esforço perseverante, quando as paixões não obscurecem o intellecto. A razão, a intelligencia é o orgam do conhecimento da verdade, se o interesse lhe não inutiliza o instrumento. Quando, porém, acontece isso? Mui raramente. Pensamos com o nosso grupo, com o nosso partido, com a nossa aggreiação. A propria vida nos enlaça; o interesse nos amarra. Porisso é que certas idéas caminham lentamente. Que logica, que argumento, que força de raciocinio podem demover alguem das idéas, dos sentimentos, das acções que lhe dão o salario e o pão? Assim é que temos a verdade que nos convem, que seleccionamos as idéas que nos agradam ou que nos interessam. O habito, a rotina, a preguiça de pensar e de agir segundo modelos novos, o medo de se contrapôr ás idéas correntes são obstaculos á marcha da verdade.

E no entanto e apezar de tudo, a verdade caminha. O progresso da sciencia é uma liquidación continua das idéas do passado. Algumas verdades de hontem pelas quaes se bateram com ardor gerações remotas não passam de erros facilmente indicados por estudantes do gymnasio.

Dar-se-á, porém, isso mesmo com as verdades moraes?



UNIDADE DA MORAL

Não. Essas são verdades permanentes, verdades definitivas, de todos os tempos, de todas as raças. Ha perfeita unidade de ensinamento em todos os systemas de moral religiosa. São puramente formaes as divergencias existentes. Luctas, antagonismos de opiniões, discussões se travam sobre os mais variados assumptos; sobre crença, sobre formas do culto, sobre attributos da divindade, sobre principios de educação, sobre tudo o que é humano. Sobre os preceitos moraes, não; porque elles não são sujeitos a demonstrações scientificas e sim a provas de sentimento. As provas de sentimento se impõem. Podemos ser inaccessiveis a uma demonstração scientifica, a do movimento da terra, por exemplo, ao passo que damos assentimento immediato, intuitivo aos preceitos de bondade, de caridade, de justiça, de fraternidade. E' facto que, entre o puro assentimento do intellecto e a pratica do preceito ha um abysmo. Como ha conhecimentos scientificos que permanecem exteriores á nossa pessoa, como existem noções de cuja verdade não duvidamos, mas que não pomos em pratica, assim tambem ha verdades moraes que accetamos intellectualmente e que não se incarnam em nossa vida. Ora, essas verdades moraes, velhas como o mundo, estão expressas desde o mais remoto passado, desde as mais antigas civilizações. Temos a illusão de que ellas são recentes e de que o seu melhor patrimonio veiu ao mundo com o fundador do Christianismo. Puro engano. O propheta de Nazareth nada mais fez do que renovar velhos preceitos. Todas as grandes religiões do passado têm maximas, mandamentos que se equivalem; identicas no fundo, variaveis na fórma.

E são algumas vezes expressas com grande belleza de linguagem.

O perdão das offensas, por exemplo, está poeticamente aconselhado no *Zend-Avesta*: "Se o homem vos irrita por suas palavras, por seus pensamentos ou por suas acções, ó Deus, maior do que tudo o que é grande, e se se humilha deante de vós, vós o perdoaes; da mesma fórma, se o homem me irrita por seus pensamentos, por suas palavras ou por suas acções, eu o perdôo."

O Código de *Manou* ensina igualmente: "Não offendas a ninguem mesmo se fôres provocado. Não faças mal a pessoa alguma, pela acção ou pelo pensamento. Não pronuncies palavra alguma que possa offender o teu proximo."



São da litteratura sagrada dos persas os seguintes preceitos: “Não creias que o merito de um homem consista unicamente em sua coragem e em sua força. Se pelo perdão vos eleverdes acima da colera, vossa virtude adquirirá valor inestimavel.”

Nos disticos de *Hafiz* encontramos o seguinte conselho de encantadora belleza: “Apprende com a conchinha dos mares a amar o teu inimigo e a encher de perolas a mão que te faz mal. Não sejas menos generoso que o duro rochedo; faze resplandecer de pedras preciosas o braço que te rompe os flancos. Vês lá embaixo aquella arvore alvejada por uma chuva de pedras? Sobre os que a apedrejam cáem somente fructos deliciosos ou flôres perfumadas. Clama-nos a voz da natureza inteira: será o homem o unico sêr que se recuse a curar a mão que se feriu, ferindo-o? a abençoar aquelle que o ultraja?”

Conta Fabre d’Olivet que o mesmo preceito está em substancia num discurso de Lysias; que foi expresso claramente por Thalés e Pittacus; que Kong-Tzeé o ensina nos mesmos termos em que o ensinou Jesus; que se encontra no Arya, escripto ha mais de tres seculos antes de nossa éra estes versos que parecem feitos de proposito para inculcar a maxima e pintar a morte do justo que nol-a dictou:

L’homme de bien, paisible au moment qu’il expire,
Tourne sur ses bourreaux un oeil religieux,
Et bénit jusqu’au bras qui cause son martyr:
Tel l’arbre de sandal qui frappe un furieux,
Couvre de ses parfums le fer qui le déchire.

Assim é com effeito. No proprio Islamismo, que por lhe desconhecermos o fundo esoterico, julgamos ser religião atrasada, encontramos uma parabola que visa o mesmo preceito. “O Sufismo ensina como deve marchar na senda. O livro é dividido em tres partes: Shariat, a lei; Tarikat, o caminho; Hakikat, a verdade. Ellas são assim caracterizadas: tendo um homem perguntado a um Shaikh, um mestre espiritual, — que eram os tres estadios, respondeu-lhe: Vae bater um por um dos tres individuos que vês alli sentados. O homem foi, bateu o primeiro que se engalfinhou com elle, pagando-lhe na mesma moeda. O homem bateu o segundo; subiu-lhe o sangue ao rosto do offendido; ia levantar-se, cerrou os punhos, mas conteve-se. Bateu o terceiro personagem que lhe não prestou attenção. “O primeiro,



declarou o Shaikh, está na Lei; o segundo no Caminho; o terceiro, na Verdade." (1)

Preceitos, maximas, verdades moraes estão expressos ha milenios em todas as grandes religiões historicas. E' somente o ardor proselytico, o desejo de fazer irradiar o seu proprio credo religioso, ou preconceitos derivados do conhecimento imperfeito das religiões, de sua unidade fundamental, somente a estreiteza do nosso horizonte mental que nos leva a deprimir a fé alheia para exaltar a nossa.

Não é da imperfeição dos systemas de moral religiosa que provêm as falhas da conducta, mas de que os preceitos morrem nos labios de seus adherentes e não se lhes integram na vida como verdades experimentaes.

Certamente a fórmula em que o propheta de Nazareth vasou a sua sentença de amor ao proximo é mais expressiva do que qualquer outra: "Amae aos vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm odio, e orae pelos que vos perseguem e calumniam; para serdes filhos de vosso Pae que está nos céus, o qual faz descer o seu sol sobre justos e injustos. Porque se não amaes senão os que vos amam, que recompensa haveis de ter? não fazem os publicanos tambem o mesmo?" O preceito é mais expressivo, a fórmula mais brilhante; o significado é, porém, o mesmo. Encantamos a sua grandeza, mas não penetram o nosso intimo. São meros ornatos verbaes, exteriores. O homem interior subsiste com sua maldade, como a lama nas aguas dormentes. Agitemol-o e veremos em erupção a lava subterranea.

O que fica em nós é simplesmente o écho de um sonho generoso. Elles não chegam a modificar a nossa concepção da vida como lucta. Porque a idéa da concurrencia domina, dita a lei de acção e a conducta pratica, e impelle ao esmagamento dos fracos, á oppressão e á injustiça.

São verdades moraes que apenas nos embalam no silencio das horas tranquillias, dos dias felizes, mas que se dissipam como fumaça mal penetramos o campo do labor social.

No entanto, ellas não supprimem a lucta, senão que lhe mudam unicamente a direcção e o espirito. Ellas querem que a lucta se volte para dentro, onde se deve travar a maior das batalhas, a que deve sagrar-nos vencedores de nós mesmos. Ma-

(1) Annie Besant. — Des Religions pratiquées actuellement dans l'Inde, pag. 310.



temos a féra das paixões que existe em nós e que nos devora, e saíamos armados cavalleiros para as luctas da vida. Porque já então, se as paixões são servas submissas, o terreno da lucta social estará deslocado e travar-se-á dentro da associação que multiplica as forças humanas, da cooperação que implica concepção mais alta da vida, da solidariedade que unifica, que focaliza todas as energias, da fraternidade que lima todas as asperezas. Esses grandes preceitos ensinados por varios codigos religiosos provam ainda uma vez a unidade das religiões. São maximas verdadeiras, e comtudo não são verdades para todos os homens.

Isto porque cada sêr occupa um ponto na escala infinita da evolução.

Lembre-se alguem de pregar o perdão das offensas a tribus servagens que praticam a vingança por sentimento de dever. Que aconteceria? Teria pregado no deserto, querendo tirar fructos antecipado de terreno que ainda não foi lavrado para isso. E' o que dizia Pythagoras quando preceituava: "Nem todas as materias são proprias para fazer uma estatu de Minerva". Ou conforme a metaphora christan: "Não deis cousas santas aos cães."

O que se dá com tribus atrasadas dá-se egualmente com toda a humanidade tomada em sua massa. O sentimento e a idéa da justiça são uma ascensão perpetua, uma conquista progressiva do homem. Se julgássemos o passado com sentimentos que os seculos vêm lavrando em nós, o que haveríamos de pensar de Aristoteles, do grande Aristoteles que, no entanto julgava a escravidão um factu natural, justo e necessario, e que nem siquer podia conceber um tempo em que ella tivesse desertado a face do planeta? O que se dava com Aristoteles dá-se hoje com os melhores dentre nós, com os mais altos representantes de nossa evolução moral e espirital que estão na infancia do pensamento, que são verdadeiras crysallidas, puros germens do que serão na hierarchia dos mundos e dos sêres.

Grava fundo em tua alma o que passo a dizer-te:
— Nunca julzo algum preconcebas, nem sigas,
em tal, o alheio exemplo e, agindo por ti mesmo,
consulta, verifica, e livremente escolhe.

Acabamos de lêr um conselho de grande alcance philosophico. O mais ferrenho dos homens, a mais apegado ás suas opiniões e crenças, julga-se sempre espirito livre. accessivel,



aberto á germinação das melhores sementes. Nasceu com os preconceitos de sua patria; tem o patriotismo aggressivo, sem nada comprehender da mensagem e da missão de outros paizes. Enfaixaram-no desde o berço umas tantas idéas religiosas, e sem inquirir da crença alheia condemna-a, sem estudal-a em seu fundamento e em seu espirito. Como o havia de inquietar esta idéa: de que quem conhece uma só religião não conhece nenhuma, e de que uma religião que condemna é uma religião condemnada? Educou-se em certa escola medica, e repudia sem exame a escola adversa. Satisfeito, vive com a maioria. O numero lhe decide das idéas e opiniões. O numero virá tambem dictar-lhe o procedimento.

Oxalá possam os alumnos desta Universidade libertar-se de semelhante escravidão, tanto mais malefica quanto mais inconsciente, tanto mais funesta quanto mais despercebida, fazendo victimas, que se presumem destituídas de preconceitos e que estão, de facto, envoltas na voragem de idéas recebidas sem critica, de opiniões fabricadas sem estudo, sem elaboração pessoal!

Possa a controversia leal e franca fazer-vos cidadãos do Universo, dilatando-vos a visão mental para além das fronteiras nacionaes, para além do espirito sectario, para além do regionalismo scientifico ou religioso integrando assim o pensamento de *S. Paulo*, irmão gêmeo do conselho de *Pythagoras*:

“Examinae tudo e acceptae o que é bom”.

E’ assim praticando que póde alguém “consultar, deliberar, escolher livremente”.

Encarado por seu aspecto exoterico, deparamos aqui com um simples conselho de prudencia: formular o seu ideal de vida, escolher a acção boa, segundo o melhor modelo; sopitar o instincto, não agir sem ter reflectido. A vida apresenta ás vezes casos terriveis de hesitação, de duvida, de collisão de deveres. Porque a difficuldade maior nem sempre consiste no adquirir o animo de praticar o dever, e sim na de escolher entre deveres que nos solicitam simultaneamente. O preceito pythagorico appella para o homem integral: recto de pensamento, de palavra e de acção.

Por seu aspecto esoterico, elle tem em vista a necessidade do Destino, de que temos fallado, e o poder da Vontade, no sentido pythagorico daquellas expressões, e então significa o seguinte:

Qualquer que seja a situação em que o destino nos tenha



colocado, importa medir as consequencias dos actos, porque a vontade é livre e o futuro está contido em germen no presente.

E assim passamos suavemente aos commentarios dos versos seguintes:

Pondera que é loucura agir á toa, a esmo,
— e que o futuro nasce e vive do presente.

PREVISÃO DO FUTURO

Ha, porém, no conteúdo destes versos alguma cousa de mais profundo. O que acabamos de indicar não lhes exgotta a significação. Em todos os antigos *Mysterios*, ensinava-se a previsão do futuro, derivada da astrologia e da genethliologia. Dizia-se, e entre os modernos *Nietzsche* o presentiu sob fórmulas indecisas; e bem assim *Lebon* e *Guyau*, dizia-se que o homem percorre através dos tempos caminhos que elle já transpoz e que sua vontade modificou. Dá-se com o homem o mesmo que com a terra: em sua viagem através do espaço, fazendo e refazendo sua orbita em torno do sol, ella atravessa as mesmas regiões, repete o seu panorama cosmico. Assim sendo, o homem poderia prever os seus encontros, se guardasse memoria dos factos. Combinando este principio com o da homogeneidade da natureza, expresso nos versos concernentes á *Perfeição*, as portas do futuro se abriam á contemplação dos iniciados.

Grave problema que não sabemos aprofundar. Os antigos sempre julgaram possível a previsão do futuro e a ensinaram nos seus *Mysterios*. Della afastavam o vulgo, por não julgar-o capaz de fazer bom uso de semelhante saber. Isso, porém, não quer dizer que elles pensassem ser o futuro alguma cousa de inevitavel e fatal. Não. O seu aphorismo o prova; *astra inclinant, non necessitant*, — os astros predispõem, mas não obrigam. O futuro é um *canevas* sobre o qual a Vontade se pode exercer. Porisso dizia *Tiresias*, o mais famoso hyerophante da Grecia, o unico sabio no dizer de Homero: "O que eu vejo acontecerá ou não acontecerá". Estas palavras não são comprehendidas. Ellas indicam tão somente um novo aspecto das relações entre a vontade e o karma. O que eu vejo, acontecerá, está na necessidade do Destino, a não ser que a Vontade intervenha e mude o arranjo das cousas que se esboçam e então não acontecerá.

Não se veja antinomia entre as limitações aqui estabelecidas e os casos authenticos de previsão do futuro referidos nas confe-

rencias sobre phenomenos psychicos, previsões obtidas por clarividencia, por leituras astraes ou manifestações transcendentes de outra natureza. Importa bem discriminar, separar problemas e phenomenos dissimilhantes. Se o não soubermos fazer, é que estamos a pedir as luzes dos versos que seguem :

Não te mettas jámais a fazer o que ignoras :
— com persistencia aprende, e primarás em tudo.

Grande lição, na verdade, que os proprios sabios devem aprender, é o conhecimento exacto do que se ignora.

Tão grande é ella, que poucos homens o conseguiram. Saudemos entre os gregos, coroemol-os vencedores deste feito, os nomes immortaes de Pythagoras, Platão e Socrates.

“Blasphemam tratando de coisas que ignoram”, diz a Biblia. E o bello preceito escripturario estende-se triumphante de verdade ás cousas profanas, aos conhecimentos leigos. Porque nós cremos saber o que na verdade não sabemos. E se erigimos a nossa ignorancia em saber, a nossa insciencia é incuravel. Porisso é que os annos correm, e nos deixam incrustados como a ostra, sobre a rocha de nossos preconceitos, contentes com os nossos erros que nos parecem verdades, a separar por meio de bullas as terras do saber: até aqui a verdade homeopathica; a partir deste limite a sciencia occulta se perde em devaneio; começa aqui o delirio do mystico, e alli terminam as realidades de suas visões; neste ponto os vôos do genio são pura degenerescencia nervosa, como são degenerescencias os conhecimentos supra-sensoriaes do Alchimista. E assim decretamos sem labor os limites do saber, que só o labor adquire, e julgamos sem criterio horizontes de percepção simplesmente porque escapam ao nosso proprio horizonte.

A sabedoria consiste no sentimento da medida, no sentimento da proporção, no justo meio, tão claramente aconselhada nos versos finaes do ensino cathartico de Pythagoras :

Trata de ser sadlo. — Assim com parcimonia
dá pão ao corpo, e dá descanso ao teu espirito;
mas dá de modo tal, que de mais nunca sejam,
nem de menos, — que a inveja surge nos dois casos.
E como da avareza e do luxo os effeitos
podem-se confundir por sua similhaça
— escolhe um melo termo em tudo justo e bom.

Moderação, sobriedade, medida. Se soubessemos realizar em nossa vida, integrar em nossas acções, o conteúdo exacto, o espi-



rito vivificante que aquelles vocabulos na realidade significam, soffreriamos mudança radical.

Moderação, sobriedade, medida, ahi estão a hygiene e a moral de Pythagoras.

Morto o philosopho, e com o correr dos tempos, muitos de seus discipulos perderam a noção do justo meio, e impuzeram regras e disciplina severa, de character ascetico, que foram attribuidas ao seu mestre.

Na realidade, Pythagoras não prohibia em absoluto o vinho, nem a carne, nem o peixe, como se tem dito e escripto. Elle não tolerava a embriaguez nem a intemperança. Preferia e aconselhava o regimen vegetal, preconizando-o especialmente aos discipulos que almejavam a perfeição, o que o não impedia de provar o vinho e a propria carne para mostrar que os não considerava impuros.

Impuros não o eram, com certeza; mas improprios, inadequados para quem almeja a perfeição: obstaculo, talvez, para a alta iniciação.

Existem relações inequivocas entre o regimen da carne e a appetencia para as bebidas alcoolicas; são habitos que se entrelaçam e que se predispõem mutuamente. Laços de dependencia ligam estes dois regimens ao instincto genésico. *Eros* soffre o contragolpe da excitação geral do systema nervoso, e dado o abuso, a sequencia seguinte se apresenta facilmente: carne, alcool, luxuria.

Demais Pythagoras queria a actividade san, ordeira, methodica, disciplinada, e similhante actividade não se coaduna com os excitantes. A san actividade não quer oscillações do tonus vital; a ordem pede serenidade; o methodo exige egualdade de humor, e a disciplina não existe sem o dominio sobre a natureza inferior. Além disso a alimentação animal predispõe á colera e Pythagoras recommendava a calma.

VEGETARISMO

Vemos, portanto, que é o momento adequado para estudar o vegetarianismo dos pythagoricos. Verificamos que, em nossos dias, por muito que faça a propaganda, a sua marcha não é rapida. E não nos consta que, numa cidade populosa como a nossa, exista um unico restaurante vegetariano. Para vencer a



resistencia do meio, para formar adeptos aqui ou alli, a propaganda vegetariana faz esforços incessantes e que não correspondem aos resultados obtidos. Se para impor um producto ao consumo uma casa commercial necessitasse de esforço correlato ao grande labor proselytico dos vegetarianos de nossos dias, ella entraria em fallencia. E se chamamos a attenção para a realidade dos fructos da propaganda é com o intuito exclusivo de render homenagem ao seu desinteresse, ao seu espirito de sacrificio e ainda para destacar este aspecto do problema no tempo de Pythagoras. Que razões tão fortes teria o iniciador dos gregos para pregar a alimentação vegetal, e fazel-o com successo? E' bem de crer que essas razões não correspondem aos argumentos scientificos de uma boa parte dos modernos vegetarianos. E de facto, ellas não correspondiam. Pythagoras não podia falar da composição chimica dos alimentos; não podia provar a excellencia do regimen appellando para a sua riqueza em calorias, como fazem os modernos escudados na chimica actual. As razões de Pythagoras prendem-se a tradição esoterica e é o esoterismo, unicamente elle que pode restituir-nos o pensamento daquelle extraordinario philosopho. Não o procuremos, portanto, nos tratados de philosophia que, alli, em vão o procuraremos.

Comtudo, essas razões são um tanto subtis para a nossa sciencia occidental, habituada á medida, ao peso, á quantidade. Ella requer a materialidade das cousas para acceital-as como facto. Os argumentos pythagoricos não são desta ordem e estão porisso arriscados a não serem assimilados pelo nosso intellecto, que o regeitará então como pura manifestação de um mysticismo inconsistente. Ainda assim serão aqui rapidamente esboçadas para que se procure fielmente interpretar o pensamento dos pythagoricos.

Lembre-mos que o homem faz parte de uma cadeia hierarchica de seres cujos extremos se perdem no absoluto. A idéa póde ser symbolizada pela figura geometrica do circulo que tambem não tem começo nem fim. A monada divina involúe na materia: é o mundo da manifestação.

Onde quer que materia exista, a sciencia lobriga ao mesmo tempo a força. Força e materia, ou para dizer em linguagem moderna — a energia — é o fundamento do mundo ao vêr da sciencia contemporanea. Onde o saber exoterico divisa energia, a tradição esoterica lobriga vida e consciencia: rudimentares na



materia densa, essas vidas e consciencias crescem, desenvolvem-se, individualizam-se progressivamente, á medida que evoluçionam do mineral até o homem.

O homem é a expressão mais completa da vida, da consciencia, do espirito encarnados na materia densa. Mas elle não é o ultimo termo da evolução, que prosegue no seio da materia fluidica, astral, e em outras fórmias mais subtis da materia.

A' medida que a vida se individualiza no homem, a vontade desperta.

Latente na materia mineral, vaga, indeterminada, mas já esboçada no vegetal, ella se manifesta no homem desigualmente desde a vontade escrava do anthropoide e do selvagem até ás suas expressões heroicas e superiores, — ás do santo, do yogui, do iniciado.

Com o apparecimento da vontade, isto é, da auto-determinação consciente, apparece o elemento de disturbio na natureza. Todas as vezes que a vontade não age de conformidade com a Lei, todas as vezes que ella interfere perturbando a harmonia, a reacção se manifesta sob a fórma de soffrimento. O homem sofre, e soffre até que sua conducta se ponha de harmonia com a Lei. Para isso a natureza tem o tempo á disposição: dahi a palingenesia para a restauração da Lei.

E já começamos a perceber uma das primeiras razões da abstenção da carne por parte dos pythagoricos que, provavelmente echoará no deserto de muitos de nós, ainda que pareçam accetaveis a muitas intellectualidades do occidente.

A vida é divina; é a involução da monada divina, e o homem perturba a harmonia dos mundos, destruindo a vida: mata por prazer, mata para enfeitar-se com despojos animaes, mata para alimentar-se, mata por odio ,mata por vingança, mata pelo prazer de matar. O animal foge espavorido ao divisar nos bosques ou nas mattas o seu algoz; a população dos matadouros exprime angustia e terror conforme os seus limitados meios de expressão. A confiança ingenua da vida que respeita a vida, morreu com S. Francisco de Assis, ou com os yoguis da India, que convivem serenamente com os seus irmãos inferiores.

Aqui está, pois, uma primeira razão dos pythagoricos para que se abstivessem da carne, razão que se quebrará no deserto de nossa consciencia sem despertar echo em nossa conducta, ainda quando se faça ouvir pelo intellecto. Porque ha cousas a



que o intellecto dá assentimento e que não modificam, comtudo, a nossa maneira de agir.

Outras cousas existem e que estão acima da percepção commum. O mundo astral é uma dellas. Ha pessoas que tem conhecimento directo das cousas do mundo astral. Trata-se de um conhecimento pessoal, derivado da experiencia, como todas as noções humanas. Negam-no os que vivem fóra desse circulo de relações experimentaes, como o camponez pode negar signaes algebricos e calculos differenciaes. Chama-lhes mysticos e allucinados. Assim pareceria igualmente allucinado o individuo normal que se apresentasse em um paiz composto de uma população destituída de olfacto e que se puzesse a dizer pelo perfume a natureza das substancias contidas em frascos diversos. A iniciação desenvolve os poderes latentes e permite aos discipulos travarem experiencias astraes. Ora, taes sensitivos percebem a luz astral impregnada de imagens de pavor, que deriva dos sacrificios animaes. Elles sentem as vibrações maleficas que se communicam ao mundo physico nas proximidades de uma cidade como a de Chicago, séde do maior matadouro do mundo, onde a raça bovina é immolada aos milhares diariamente para saciar a voracidade do Moloch humano. E porque sentem-na, a sua sensibilidade mais delicada afasta-os naturalmente do regimen da carne.

Demais, a tradição prega a fraternidade universal, o sentimento da unidade com todos os sêres vivos, e não querem porisso matar para comer, destruindo a vida, já individualizada e consciante, de animaes em evolução. Não fazer mal a outrem é um cuidado que se estende além dos limites puramente humanos. Mas já na esphera social, encontram-se razões para bridar a voracidade animal. Ellas derivam da situação em que se encontram certas profissões, — a do açougueiro, por exemplo. Não são vistos com um largo sentimento de sympathia, antes com prevenção. Em certos paizes, como nos Estados Unidos, são excluidos das funções de jurado. Pensa-se que o officio endurece. Assim é que os vegetarianos culpam os comedores de carne de provocar a degradação moral e espirital de seus semelhantes. São motivos de abstenção que só podem falar ao altruismo, ao nosso sentimento de humanidade. Não ha, portanto, ridiculo nelles: o que ha é simplesmente alguma cousa que excede a nossa fraca medida, ao nosso viver rasteiro, á nossa sensibilidade gros-



seira. Escutemol-a ao menos, como quem escuta uma musica longinqua que não perturba os nossos affazeres. Uma vez que não podemos affinar as cordas do coração por esta delicada vibração de amor de todos os sêres, não zombemos á maneira do ouvinte inculto que regeita com desprezo a grande orchestração musical e corre a escutar attento a modesta sanfona, que o embala.

Os pythagoricos eram uma sementeira de homens superiores. Era seu dever disciplinar as paixões, depurar a herança animal e desenvolver os germens do divino, formando o character segundo o melhor modelo. O corpo, instrumento de acção da alma, devia passar pela mesma decantação de suas escorias. O alcool degrada-o; a alimentação animal torna-o menos malleavel ás forças espirituas. O regimen vegetal inclina-o a calma, isto é, fal-o vehiculo mais propicio aos que procuram evitar o máu humor, a irritação e a colera.

Elles viam no mundo a ascensão perpetua do *fiat* divino. A evolução é a lei do mundo e dos mundos. A criação é incessante: ella não teve começo num momento da eternidade. A idéa divina trabalha sempre e está no coração das cousas. A vida do pythagorico, como a de todo iniciado deve ser uma offerenda continua, por seus pensamentos, por suas palavras e por suas acções, á melhoria do mundo.

Ahi estão alguns dos motivos esotericos que pleitêam pelo regimen vegetal. Se fosse do nosso intuito justifical-o do ponto de vista da sciencia actual, não trepidariamos em dizer que elle é mais nutritivo, mais salutar, menos propicio a molestias diversas, mais producteur de força, mais economico. Isso obrigaria a considerações de hygiene que nos levariam muito longe dos *versos aureos*, que é o nosso thema.

ALBERTO SEABRA.

VOCABULARIO ANALOGICO

Aos cultores do nosso idioma deve ser grata a noticia da publicação de um *Vocabulario Analogico* por Fermino Costa, não só pela novidade da obra, como tambem pela autoridade do autor.

Que se saiba não ha, no genero, nenhum trabalho em nossa lingua.

Ao primeiro relance evidencia-se a grande utilidade deste para os que manejam com carinho o idioma materno. Ahi se revela a-la-par a exuberancia e a belleza onomatopaica de nosso lexico.

Não só o escriptor principiante, senão os já provecos nas lides literarias encontrarão, nesse precioso repositario de vocabulos analogicos, inestimavel thesouro, que á farta lhes virá em auxilio nas descrições dos variados aspectos de nossa luxuriante natureza.

Já o velho Candido Lusitano entrevira, em seu Diccionario Poético, a alta conveniencia de amparar o estro incipiente de poetas e oradores com uma vasta e exemplificada synonymia.

Com a mesma intuição, porém com intuitos mais praticos e valiosos, Fermino Costa compendia e exemplifica grande copia de vocabulos de notavel valor descriptivo, que se quedariam vedados á maioria de nossos escriptores, pela difficuldade de rebuscal-os em nossa literatura ou encontral-os em nossos dictionarios.

O excellente trabalho do illustre professor mineiro, é methodico, claro, de facil manuseio para aquelles mesmos que dispõem de escasso tempo.

Mas o que sobre tudo recommenda a obra é o nome do autor. Fermino Costa, sobre educador emerito, é eximio vernacu-



lista. No movimento pedagogico de Minas, seu nome laureado se destaca, como um dos mais sabios, abnegados e competentes educadores. São disto testemunhas os luminosos relatorios, que annualmente dirige ao governo de seu Estado.

Quem jámais teve a ventura de visitar o grupo escolar em Lavras, de que é elle director, sentiu, em sua personalidade chã, em sua iniciativa pratica, em seus planos educativos, na explanação erudita de suas idéas, o pedagogista emerito, a alma generosa e paternal, aberta, de par em par, ás nobres e infindas virtualidades da puericia.

No conversar diuturno dos bons classicos portuguezes e de poetas e escriptores nacionaes, tem elle adquirido incontestavel competencia entre os sabedores do nosso idioma.

Em sua *Grammatica Portugueza*, curso superior, 13.^a edição (1907), presta João Ribeiro devida homenagem a seu "antigo e illustre collaborador, Fermino Costa", transcrevendo suas notas classicas e sensata critica.

E', pois, com segura confiança e intima satisfacção, que aos estudiosos apresento o *Vocabulario Analogico* de tão operoso e competente, quão modesto patricio.

EDUARDO CARLOS PEREIRA.

I

VOZES DE ANIMAEIS

Abelha e mosca: azoinar, sussurrar, zoar, zubar, zumbir, zunir, zum-zum, zunzunar.

Andorinha: grinfar, trinçar, trinfar, trissar.

Araponga: serrar, tinir, retinir.

Aves: apitar, assobiar, atilar, cantar, chalrear, chilido, chilrar, chilrear, corruchiar, dobrar, esgarbrichar, estribilhar, galrar, galrear, gabrejar, gargantear, garrir, gorrular, gazillar, gorgear, gra-

lhar, gralhear, grasnar, gri-gri, gritar, guinechar, modular, papear, piar, picuinhar, pipiar, pipilar, pipitar, quebro, ralhar, redobrar, re-gorgear, requebro, rouxinolar, rouxinolear, soar, suspirar, taralhar, trillar, trinar, ulular, vozear.

Bode: berrar, bodejar, gaguejar.

Boi: arruar, berrar, bramar, mugir.

Burro e jumento: azurrar, or-

near, ornejar, rebusnar, resbunar, zornar, zurrar.

Cabra: barregar, berrar, berregar, bezoar.

Camelo: blaterar.

Cão: acuar, aulido, balsar, barroar, cainhar, cuincar, esganicar, ganir, ganizar, ladrar, ladrido, laidrar, latir, maticar, roncar, rosnar, uivar, ulular.

Cavalo: bufar, bufido, nitrir, rinchar, relinchar, rifar, trinar.

Cegonha: gloterar.

Cigarra: cantar, chiar, chichiar, chirriar, cíciar, estridular, fretenir, garritar, rechiar, rechinar, retinir, zangarrear, zinir, ziziar, zu

Cobra: assobiar, chocalhar, sibilar, silvar.

Corvo: corvejar, cras-cras, crocitar, grasnar.

Crocodilo: bramir.

Cuco: cocular.

Cysne: arensar.

Elephante: barrir.

Estorninho: palrar, pissitar.

Gafanhoto: chirriar, zie-zie.

Gallinha: cacarejar, carcarear, carcarejar, gaguear.

Gallo: amiudar, cantar, clarinar, cocoriar, cocoricar, cucuritar, gallicanto, gallicinio.

Garça: gazear.

Gato: bufar, miar, resbunar, resmunear, roncar, ronronar.

Grillo: chirriar, cri-cri, cricrilar, estridular, estrillar, guizalhar, tic-tic, trilar.

Grou: grugrulhar, grugrujar, gruir, grulhar.

Insectos: garritar, trilar, zenir, zinir, ziziar, zoar, zumbir, zunir, zunitar.

Leão, tigre e urso: bramar, bramir, fremir, rugir, urrar.

Leitão: bacorejar, bacorinhar, coinchar, cuinhar.

Lobo: uivar, ulular.

Macaco: assobiar, guinchar.

Mocho e coruja: chirriar, crocitar, crujar, gréi-gréi, piar, sussurrar, ulular.

Ovelha: badalar, balar, balir, barregar, berregar.

Papagaio: chalar, falar, graziar, palrar, palrear, remendar, taramelar, taramelear, tartarear.

Pato: grasnar, grasnir, grassitar.

Pavão: pupilar.

Perú: bufar, garrir, glu-glu, gorgolejar, grugrulejar, grugrulhar, grugrurajar.

Pombo e rôla: arrolar, arrulhar, gemer, rolar, rular, rulhar, turturajar, turturinar.

Porco e javali: arruar, grunhir, roncar.

Ran e sapo: clach-clach, coaxar, engrolar, gargarejar, grasnar, grasnir, malhar, ralar, ran-ran, relar, rouquejar, tintangalhar.

Raposa: regougar, roncar.

Rato: chiar, chichiar, guinchar.

Seriema: cacarejar.

Tordo: trucilar.

Touro: bramir, bufar, gaitear, mugir, urrar.

Urubú: chem-chem.

Veado: bramar, rebramar.

EXEMPLARIO

Abôo. "Ha o abôo longinquo de um cão, **acuando**, insistente, o silencio, no mysterio da treva e da distancia!" Lima Campos, Confessor Supremo, 181.

Acuar, ladrar (o cão), vigiando a caça junto de uma arvore ou de uma toca, até que chegue o caçador.

Alvorada, canto das aves ao amanhecer.

Amiudar. "Cedo, muito cedo, ao

amiudar dos gallos, acordava."

Julio Ribeiro, A Carne, 78.

Apitar, assobiar, cantar em som agudo (uma ave).

Arensar. "O **Augurio**, que é a arte de adivinhar pelas vozes diversas das aves: como o trinar do rouxinol, o tinir da milheira, o trucilar do tordo, o pissitar do estorninho, o grassitar do pato, o gemer da rola e da pomba, o gruir do grou, o **arensar** do cysne, o pi-

piar do falcão, o cacarejar da galinha, o pupilar do pavão, o zunir da abelha, o gloterar da cegonha, o remedar do papagaio, o tringar da andorinha, o cocular do cuco, o fretenir da cigarra, o que tudo são vozes próprias de cada um desses animaes, e significativos, como diz o auctor da **Philomela**," Castilho, Os Fastos de Ovidio, III, 324.

Arruar, dar certo mugido o boi, quando separado dos outros; grunhir o javali, perseguido pelos cães.

"Emquanto, de eco em eco, um berro immenso atroava
A selva, e o touro a ouvil-o, hispido o pêlo, *arruava*
"Nas planicies umbrosas."

Alberto de Oliveira, Céu, Terra e Mar, 158.

Arrulhar, soltar a voz, a rola ou o pombo. Existem as fôrmas **arrular**, **arrolar**, **rolar**, **rular** e **ruilhar**, esta ultima em Cortesão. Dicc.

Assobiar. "Melros **assobiavam** nos trigaes alem." G. Junqueiro, Os Simples, 32.

Atitar. "Estes gaviões **atitam** e fogem do homem." Diogo Fernandes, Arte da caça, I, 31.

"Mas não é para ouvir como em teu seio,
"Mangueira amiga, vem seteando a altura,
"Atitar azulões e gaturamos,"

"Sahys e encontros, que eu alli passeio."
Alberto de Oliveira, Poesias, 2.^a série, 188.

Aulido, latido do cão ou do lobo.

Azoinar. "Nuvens de mosquitos **azoinavam** giro-girando." Coelho Netto, Treva, 309. Tambem se usa a fôrma **zoinar**.

Au, au. "Os corcoricós dos gallinaceos, os **au, au**, dos cães de guarda." Julia Lopes, Correio da Roça, 77.

Bacorejar ou **bacorinhar**, o leitão. João Ribeiro, Livro de Exercícios, 121.

Badalar.
"A pedir aos anjos para ouvir ainda
"Badalar ovelhas numa noite linda."

¶ Junqueiro, Os Simples, 88.

Balar, dar gritos, a ovelha.

Balir. "O balir innocente dos re-

banhos". Castilho, Colloquios aldeões, 59.

"Leda **balia** ao longe ovelha humilde." Castilho, Fastos de Ovidio, I, 109.

Balsar, ladrar. Figueiredo, Dicc.
Barrir, dos elephantes. Fig., Dicc.

Barroar, ladrar, usado no Rio Grande do Sul, segundo Fialho Dutra, Composição, 37.

Berrar, voz do boi, da cabra e de outros animaes. "O **berrar** do tucano". Julio Ribeiro, A Carne, 42.

Berregar, berrar muito; balar. Existe a fôrma **barregar**.

Bezoar, diz-se da cabra quando berra. Fig. Dicc.

Besoirar, produzir um som semelhante ao zumbido do besoiro: "Contando-lhe quanto elle era maneiroso ao dizer missa, as graccas que fazia **besoirando** pelo altar." Dr. Augusto Silva, A Devota.

Blaterar, soltar a voz, o camelo.
Bodejar, (bras. do norte), emitir a voz, o bode.

Bramar, voz do veado e de outros animaes:
"As vaccas, vindo o dia, derramadas,
"De mim desamparadas, vem **bramando**."
Camões, III, 122.

Bramir, voz das feras e de outros animaes. "**Bramir** do crocodillo horrendo". Franklin Doria, Evangelina, 104.

Bufar. "Num relance o touro achou-se no meio da extensa liça, parou e olhou em roda, **bufando** e escarvando a terra." A. Herculano, O Bobo, 315.

"Quando tornei a virar a cabeça, **bufou** a primeira baleia." Xavier Marques, Praieiros.

Bufido, som, que o animal produz, **bufando**.

Cacarejar, cantar a gallinha e ainda outras aves: **Piavam** os pintos e **cacarejava** a gallinha." Alencar, O Garatuja, 119.

"Ao longe se ouvia o metalico **cacarejar** das seriemas nos campos." Taunay, Innocencia, 191.

O Dicc. Figueiredo registra as fôrmas **carcarear** e **carcarejar**.

Cainhar, o mesmo que gannir: "Cães **cainhando** baixinho com o pruir da lepra." C. Netto, Rei Negro, 12.

Cantar, voz do gallo, dos passarinhos e de outras aves. "Nem um gallo a **cantar** pelas casas distantes!" B. Pato, Livro do Monte, 60.

Carpir. "**Carpia** entre as mou-tas o mocho azlago." Bocage, Liv. Classico, I, 36.

Cegarrega. "Como eu tenho saudades da monotonia dos olivaeis, da **cegarrega** das cigarras..." V. de Almeida, Coisas que eu penso, 36.

Chem-chem. "Outros urubús mais atrevidos... brigando entre si a bicoradas fortes, grasnando o seu enfadonho **chem-chem**." J. Veríssimo, Vida Amazonica, 52.

Chiar, diz-se do som produzido pela cigarra, pelo rato e por alguns passaros. "As cigarras cham nas oliveiras". Fialho, Cidade do Vicio, 10. Ha o composto **rechiar**, empregado no mesmo sentido.

Chichiar. "As cigarras entravam a **chichiar**." C. Netto, Sertão, 308.

Chilrear, voz das aves. Notem-se as fórmas **chillar**, **chalrear**, **chalrar**. Exemplo desta: "Os papagaios **chalravam**". C. Netto, Sertão, 14.

Chilido, a voz aguda e fraca dos passarinhos. Aulete, Dicc.

Chirriar, voz da coruja, da cigarra e do gafanhoto. "As cigarras **chirriam ao sol**." C. Netto, Kosmos n. 5. "Gafanhotos voavam **chirriando**." C. Netto, Agua de Juventa, 96.

Chocalhar. "**Chocalham** as cascaveis innumeradas." Euclides, Os Sertões, 137.

Ciciar. "Ultimas cigarras da tarde, já recolhidas, **ciciavam**." C. Netto, Sertão, 354.

Clach-clach. "Silencio profundo, que só foi interrompido pelo ranger do portello e pelo **clach**, **clach** das rans." Herculano, Monge de Cister, I, 94.

Clarinar. "**Clarinando**, na treva silenciosa, os gallos annunciavam

que era meia noite." G. Penna, Além dos Mares, 231.

Coaxar, gritar, a ran. Do substantivo **coaxo** este exemplo: "**Coaxo** rispido e vibrante de um sapo." C. Netto, Sertão, 27.

Cocoriar. "**O cocoriar** nobre de um gallo clarineou triumphalmente na luz!" Lima Campos, Confessor, 199.

Cocoricar. "Os gallos... levantavam a voz vibrante **cocoricando**." C. Netto, Tormenta, 14.

Cocoricó. "Gallos cantavam longe e perto, por fim de todos os poleiros partiram **cocoricós** estridentes." C. Netto, Inverno em flor, 168.

Cocular, voz do cuco, vide **aren-sar**.

Coinchar. "O bacorinho **coinchava**." C. Netto, Sertão, 207.

Corruchar, chilrear, pipilar; diz-se com referencia a certo canto baixo e seguido do canario da terra e outras aves canoras. Rodolpho Garcia, Dicc. de brasileirismos.

Corvejar, o mesmo que crocitar. Cras-cras. "Tomavam agouro... de pousar no tecto da casa algum corvo e alli cantar o seu **cras cras**." Bernardes, Nova Floresta, V, 295.

Cri-cri. "E pelas moitas altas da estrada, o **cri-cri** fino e metalico dos grillos." V. Varzea, Mares e Campos, 30.

Cricrilar. Nelson de Senna, Anuario de Minas, I, 387.

Crocitar. "O corvo a **crocitar**." B. Pato, Livro do Monte, 18. "Por cima do telhado esvoaçavam corujas a **crocitar**." Camillo, Vulcões de lama, 203.

Crujar, soltar a voz, a coruja e outras aves. Dicc. de Moraes.

Cucuritar. "E, por noite morta, quando os gallos **cucuritavam**..." Camillo, A Corja, 15.

Cuincar, (prov. trasm.) ladrar. Fig. Dicc.

Cuinhar, grunhir o porco, quando o ferem. Fig. Dicc.

Dobrar. "A rapariga casará ao entardecer, sob um poente de purpura e o **dobrar** dos canarios nas



ramagens dos caminhos." V. Varzea, Mares e Campos, 109.

Engrolar. "Os sapos **engrolavam** no açude." C. Netto, Rei Negro, 180.

Esganiçar, o mesmo que gannir.

Esgabrichar, (prov. trasm.) o mesmo que gabrejar. Fig. Dicc.

Estribilhar. "A ave que **estribilha** no ramo." C. Netto, Conf. litt., 72.

Estridular, diz-se do som da cigarra e do grillo.

Estrillar. "Continuo **estrillar** de grillos, roncarejo monotonico de sapos faziam extranho estridor no silencio." C. Netto, Rei Negro, 305.

Falar, diz-se do papagaio.

Fremir, o mesmo que rugir: "Os ursos da montanha albina "Não vêm *fremir* junto aos casaes."

C. Netto. Saldunês, 24.

Fretenir, voz da cigarra, vide arensar.

Gaguear, (prov. trasm.) Diz-se da gallinha, quando canta, a chamar o gallo. Fig. Dicc.

Gaguejar. "O **gaguejar** dos bodes lubricos." D. Olympio, Luzia Homem, 68.

Gaitear, (bras. do norte), urrar, o touro. Raymundo Magalhães, Voc. Popular.

Gallicinio, gallicanto, canto do gallo.

Galrar, diz-se do som de algumas aves. "Corujas passavam em vôo surdo, raspando o silencio com o **galrar** sinistro." C. Netto, Treva, 296.

Galrear, galrejar, o mesmo que galrar. "Uma camaxirra **galreava** indo e vindo." C. Netto, Inverno, 350.

Gannir, dar gritos de dor, o cão. Gannizar, o mesmo que gannir, falando-se de um cão pequeno. Fig. Dicc.

Gargantear, gorgear, trinar, gargantar. Dicc. Moraes.

Gargarejar. "Os sapos **gargarejavam** alto." C. Netto, Rei Negro, 77.

Garrir. "No serralho emplumado além **garría** o Perú senhoril." F. Doria, Evangelina, 14.

Garritar, voz da cigarra e de outros insectos. "Desde a terra e os troncos levantam varios insectos seu estridulo **garritar**." Dr. Augusto Silva, Farfalhas, XXIV.

Garrular, gorgear, chilrear.

Gazillar. "Aves **gazillavam**, vinham voar perto do seu corpo." C. Netto, Miragem, 89.

Gazear, cantar a garça; chilrear, gorgear. "Ouvia alegre o **gazear** dessa ave." Casimiro de Abreu. "E abrindo o vôo, um bando de anuns, garrulo e louco, passava **gazeando**, chilreando." Raymundo Corrêa, Poesias.

Gemer, diz-se da voz lamentosa de algumas aves, como a rola, o pombo, o rouxinol.

Gloterar, voz da cegonha, vide arensar.

Glu-glu, voz do Perú.

Gorgear, cantar a ave. Ha o composto **regorgear**.

Gralhar, diz-se do canto de certas aves. Encontra-se a fórma **gralhear**: "Os gaios, esvoaçando-se escorraçados, **gralheavam** nos pinheiraes." Camillo, Volcões de lama, 109.

Grasnar, soltar a voz, o corvo, o pato ou a ran.

Grasnir, o mesmo que grasnar. "As rans que estão **grasnindo**." Castilho, Georgicas, 49.

Grassitar, voz do pato, como se vê em arensar.

Grazinar, voz do papagaio, da pèga e de outras aves. "Já se ouviam **grazinar** os maracanás entre os legues sussurrantes da carnaúba." Alencar, O Sertanejo, I, 116.

Gréi-gréi. "A coruja esvoaça á pequena altura soltando o seu grito rouco — **gréi-gréi** — acompanhado ás vezes de uma especie de sopro que lembra um resonar intenso. e, na primavera, de gemidos que parecem suspiros." Trindade Coelho, 2.º Livro, 151.

Gri-gri. "E o **gri-gri** dos melhucos vivo e musical na altura." Fialho, Cidade do Vicio, 101.

Grilharia. "Retrocedi, de modo que o ruído dos meus passos se perdesse na **grilharia** dos grillos

e cigarras." Camillo, *Scenas da Foz*, 136.

Grinfar, diz-se do canto da cahandra e da andorinha. Fig. Dicc.

Gritar. "As gralhas **gritavam** nos cerrados; piavam as perdizes no relvoso chão." Taunay, *Innocencia*, 399.

Gruir, voz do grou. Veja-se arensar.

Grugrulejar. "Emquanto elle latia de cão e **grugrulejava** de peru." Camillo, *Volcões de lama*, 157.

Grugrulhar. "O peru **grugrulha**va desmanchando-se a andar tanto d'um lado e d'outro." C. Netto, *Inverno*, 173.

Grugrurajar. "E fazia esforço para engulir, com o tregeito de um peru que **grugruraja**." Camillo, *A Corja*, 98.

Grugrujar, voz do grou, conforme Fialho Dutra, *Comp. Portugueza*, 37.

Gruhar, diz-se da voz do grou. Grunhir, soltar a voz, o porco.

Guinchar, serve para exprimir a voz do macaco, do rato e de outros animaes.

Guizalhar. "Os grillos campes-tres **guizalhavam** na herva." C. Netto, *Miragem*, 242.

Him. "Emfim ouvi-lhe, que Deus o guardasse da mula que faz **him**, e de mulher que sabe latim." F. Manuel de Mello, *Guia de Casados*, 120.

Ladrar, latir, gritar (o cão).

Ladrído, a voz do cão.

Laidrar. "Em Marco de Canarecyes parece usar-se esta fórma, bastante singular, em vez da geral, **ladrar**." Gonçalves Vianna, *Apostilas*, II, 55.

Latir, o mesmo que ladrar.

Malhar. "A noite enchia-se de vozes estranhas: os sapos coaxavam, gargarejavam, **malhavam**; eram trissos, zizios subteis, estrilhos, píos crebros..." C. Netto, *Rei Negro*, 197.

Maticar, parece corresponder ao verbo **acuar**:

"Aos coelhos, isso então, os podengos **espertos**,

"Atroam, **maticando**, os barrocaes desertos!"

B. Pato, *Livro do Monte*, 86.

"**Maticam** os cães — signal

"Que a lebre sae do covil". *Ibidem*, 129.

Miar, gritar, o gato e outros felinos.

Modular.

"O sonoro canario, **modulando**, Engana a grave pena que padece."

Camões, 3.º, 184.

Mugir. "O longinquo **mugir** dos touros na planície." Alb. Oliveira, *Poesias*, 2.ª serie, 103.

Nitrir.

"E a **nitrir**, entre as filas derrotadas "Rojam arduos corseis vasilos carros."

Odorico Mendes, *Iliada*, 139.

Ornear, ornejar, o mesmo que zurrar.

Palrar, diz-se do papagaio e de algumas aves. Existe a fórma **palrear**.

Papear. "**Papeia** e grita a ave chorando." João Ribeiro, *Versos*, 115.

Piar. "**Piam-lhe** á frente, em bando, codornas e irerês." Alb. Oliveira, *Poesias*, 2.ª serie, 115.

Picuinha, os primeiros pios da ave.

Pipilar, pipilar, pipitar, o mesmo que piar, falando-se das aves.

Pissitar, gritar, o estorninho.

Pri-pi-pi. "No **pri-pi-pi** matinal das andorinhas na cimalha dos campanarios." Fialho, *Cidade do Vício*, 196.

Pupilar, gritar, o pavão, conforme exemplo em arensar.

Quebro, ou requebro, o mesmo que trinado: quebros dos rouxi-noes, requebros das aves.

Ralar. "**Ralavam** as rans." Camillo, *Romance homem rico*, 48.

Ralhar. "Agora era um bando de jandaias que atravessava o espaço grasnando e **ralhando**." Alencar, *Sertanejo*, II, 18.

Ran-ran.

"Crebra, arrastada, em seu **ran-ran** horrivel,

A algazarra dos sapos nas charnecas." Alb. Oliveira, *Poesias*, 2.ª, 179.

Rebramar. "O **rebramar** do veado." Julio Ribeiro, *A Carne*, 42.

Rebusnar, o mesmo que zurrar. Encontra-se a fôrma **resbunar**.

Rechinar. "E enxerga harmonias no **rechinar** da cigarra." L. Guimarães, Samuraes, 14.

Regougar, diz-se do grito da raposa.

Relinchar, rinchar, do cavallo.

Remedar, diz-se do papagaio.

Resmuncar. "O gato se remexia no regaço do dono, **resmuncando**, e afofando o ninho." Camillo, Livro da Consolação, 11.

Rifar. "Os cavallos em bandos e os magotes de eguas nitriam alegremente ao avistar a comitiva, e a seguiam por algum tempo, **rifando** de prazer, enquanto os pol-drinhos curveteavam travessos á cola das mãos." Alencar, Sertanejo, 2.º, 18.

Roncar, diz-se do porco, e tambem do cão, em vez de rosnar.

Ronronar. "Ronronando ao lume, dorme o cão e o gato." Junqueiro, Simples, 44.

Rosnar, diz-se da voz do cão, differente do latido, quando ameaça e mostra os dentes. Aulete.

Rouquejar. "A ran **rouquejava** no turbido lago." Bocage, Liv. Classico, I, 36.

Rouxinolar. "E o passaro **rouxinolava**." C. Netto, O Paraíso, 141.

Rouxinolear.

"*Rouxinoleia*, em rubras clarinadas, "Uma ave azul por minha vida afôra."

B. Lopes, Val de Lyrios, 89.

Rugir, o mesmo que bramir:

"Vagueiosinho á mingua e sem conforto "Pelos palmares onde rugo o tigre."

Garrett, Camões, 85.

Serrar. "Uma araponga **serrava** estridulosa." J. Ribeiro, A Carne, 269.

Sibilar. "A cada passo ouvia o **sibilar** de cascaveis." F. Tavora, Lourenço, 181.

Silvar. "Onde **silvam** cobras doudas e bravias." Junqueiro, Simples, 69.

Soar.

"Aqui sôa a calhandra na parreira;

"A rola geme; palma o estorninho."

Camões, II, 230.

"As roucas rans *soavam*

"Num charco de agua negra."

Idem, III, 21.

Suspirar.

"Nas sombras a ave garrula *suspira*, "Sua magua espalhando ao vento frio."

Camões, III, 10.

Sussurrar.

"Vão as doces abelhas *sussurrando*."

Camões, II, 230.

"Piasse o mocho e *sussurrasse* a coruja."

Garrett, Viagens, II, 162.

Taralhar. "Nos altos ramos aracarys chocarreiros **taralhavam**." C. Netto, Sertão, 118.

Taramelear. "A demais, **tarameleava** ao falar, a modo de papagaio." Dr. Augusto Silva, A Escrava. Ha a fôrma **taramelar**.

Tic-tic. "Os grillos picavam o silencio elegiaco das Ave-Marias com o seu **tic-tic** de prato." V. Varzea, Mares e Campos, 26.

Tinir, ou retinir, diz-se da araponga. "O **retinir** da araponga." J. Ribeiro, A Carne, 42.

Tintangalhar. "Os sapos nos açudes **tintangalhavam**." C. Netto, Miragem, 311.

Trillar. "Por toda a parte ouviam-se gorgeios e assobios, uivos e bramidos de amor. Era o **trillar** do inambú, o piar do macuco, o berrar do tucano, o grasnar gargalhado do jacú, o retinir da araponga, o chiar do serelepe, o rebramar do veado, o miar plangente, quasi humano, dos felinos." J. Ribeiro, A Carne, 42.

Trinar, o mesmo que gorgear.

Trinçar. "Andorinhas, sahindo dentre as telhas, **trinçavam** e recolhiam-se." C. Netto, Inverno, 261.

Trinfar, voz da andorinha, vide arensar.

Trinir. "Entre o mugido dos bois, o **trinir** dos cavallos, o balar das ovelhas." Malheiro Dias, Cartas de Lisboa, 164.

Trissar.

"E a andorinha emigrada

"Torna de longe e nos telhados *trissa*."

C. Netto, Saldunes, 23.

Tricular, o canto do tordo.

Turturinar. "Pombos **turturinaavam**." C. Netto, Sertão, 53. Encontra-se a fôrma **turturejar**.

Uivada. "A uivada dos cães pelos curraes." Fialho, Paiz das Uvas, 96.

Uivar, soltar latido lamentoso e prolongado, o cão; gritar, o lobo. "No silencio estrellado **uivavam** lobos." F. Doria, Evangelina, 25.

"A baleia estendia a galha para os costados da lancha, **uivava**, andava á roda." Xavier Marques, Praieiros.

Ulular. "Os cães, espavoridos, **ululam** sinistramente." Junqueiro, Patria, 41.

"Noites formidandas, lobos a **ulular**." Idem, Simples, 87.

Uviar, (prov. trasm.) o mesmo que uivar. Dicc. Fig.

Urrar, bramir (o touro, o elephante, o leão e outros animaes.)

"A baleia tornou a fugir, **urran-do**." Marques, Praieiros.

Zangarrear. "**Zangarreiam** as cigarras nos cimos das arvores." Azevedo Junior, Quadros, 33.

Zerechia, (prov. beir.) o zum-

bido que acompanha o vôo rapido das abelhas. Fig. Dicc.

Ziziar. "As cigarras **ziziavam** ao sol." C. Netto, Tormenta, 212.

Zoar, o mesmo que zumbir. "Borbotão de vespões rebenta, ferve, **zôa, cobre-o**." Castilho, Fastos de Ovidio, II, 87.

Zornar, o mesmo que zurrar.

Zumbar, o mesmo que zumbir.

Zumbir, fazer ruido, falando-se de insectos:

"A vespa: é ascua viva que arde

"E irrita este ar! **zumbo** e **rezumbo**..."

Alberto Oliveira, Poesias, 2.º, 151.

Zunir, diz-se dos insectos, havendo tambem as fórmas **zuir, zenir** e **zinir**.

Zunitar. Nelson de Senna, Anuario de Minas, I, 387.

Zungar, zumbir; silvar. Fig. Dicc.

Zunzunar, fazer zum-zum, zumbir.

Zurrar, soltar a voz, o burro. Encontra-se a fórma **azurrar**.

FERMINO COSTA.



RESENHA DO MEZ

DOIS PINTORES PAULISTAS

A Revista publica neste numero tres desenhos de dois pintores paulistas, dos mais novos dentre os que foram pensionados pelo governo e ora residem entre nós. São caracteristicos no denotar a segurança da visão artistica como tambem a mestria de traço que os distingue. Paulo do Valle revela altas qualidades de compositor. Sabe agrupar figuras, subordinar umas ás outras com o fito posto no destaque da acção principal, a modo de resultar a scena um verdadeiro quadro submisso aos preceitos eternos da esthetica. Na *Scena do Quo Vadis* apprehendem-se claras todas as finuras desta face preciosa do seu temperamento. Ella dá boa amostra de quanto pôde vir da sua palheta, se o desanimo lhe não carunchar a volição ao voltar o pincel para a mina virgem dos themas nacionaes. Washth, como temperamento diverso, mais ardente e audacioso, arma salto para transpor uma barreira tremenda. Victima, como Paulo do Valle e todos os outros, da absurda orientação esthetica que o governo imprime ás vocações fortes nascidas em nosso meio, consistente em desnacionalisal-as e suffocar ao nascedouro o temperamento racial, pelo transplante, na idade em que apenas se inicia a crystalisação da individualidade, a meios exóticos, que lhe poderão dar todos os apuros da technica mas que exigem em troca o sacrificio nas aras do volapuck da já de si insta-

na sua arte a eiva corruptora e vilvel alma brasileira, Washth percebe gorosamente reage. Reage reencetando á custa propria uma seria aprendizagem nova para a adaptação da technica européa ás exigencias do ambiente.

A paisagem bravia, a natureza em bruto, despenteada, aqui já domada pelo homem — numa victoria de Huno que é o arrazamento de tudo; alli ainda em lucta com elle — assumindo aspectos de campo de batalha; além intacta, defendendo com ferocia a virgindade millenaria e esmagando o espectador pelo imprevisto da sua miseria ou da sua magestade, exige do pintor um pincel mais atrevido e tintas mais energicas do que as vezeiras no reproduzir a frisada paisagem européa onde o homem já destruiu tudo quanto era selvatiqueza, ordenando-a aos caprichos do seu desejo. A paisagem é lá a victoria do homem sobre a natureza. Aqui é a lucta, cem vezes a derrota, nunca a victoria.

Pouca gente comprehende a nossa paisagem. Inda agora a Avenida Central, por bocca d'um seu freguez, malsinou-a, em livro, de "banal".

Detenhamo-nos por um momento na elegante tolice. Paisagem é o revestimento superficial do globo num quadro só que vae de polo a polo, — por meio da arvore, da agua, do relevo do solo, — desenho inadjectivavel que o sol pela manhã transforma em pintura viva, pintura que sem parar exgotta a gamma inteira dos valores e dos tons até que após á apothese do occaso, se desfaz em trevas para o resurgimento da manhã

seguinte. Paisagem brasileira é essa tela desdobrada por oito milhões de kilometros quadrados, na amplitude dos quaes a natureza assume todas as modalidades — campos nativos, floresta tropical, carraças, deserto, pantanos, cordilheiras, rios e pampas.

Figure-se a grandeza deste quadro na tela da imaginação e apponha-se-lhe em baixo, á guiza de titulo, o muxoxo qualificativo do escriptor fluminense: “banal”.

Como soa engraçado o gallicismo que o homem tirou de si para engastar num quadro que a palavra humana não resumirá nunca num só vocabulo! A explicação de conceitos deste jaez é que o artista em face da nossa paisagem se sente pequenino demais *pour la besogner*, e atem-se a breves contactos epidérmicos. Falta-lhe aquelle musculo leonino do bandeirante que rasgava de extremo a extremo, implacavelmente, a carne viva das sertanias virgens. A tarefa exige a alma de Rubens refundida na bigorna que temperou Fernão Dias Paes Leme.

O artista educado no velho mundo sente-se desarmado, percebe que o espadim da technica haurida na Academia Julien não é arma seria em frente do que pede tacape. E esmorece. Achincalha-se, então, a falsear a paisagem, ou escolher della somente os trechinhos mansos relembrativos da paisagem de lá. Só isso — breves manchas microscópicas que mentem á terra — parece-lhes pictural.

Este embate, este peito a peito é a grande crise do pintor nacional educado fóra do ambiente nativo.

A’ maioria ganha o desalento; caem na calaçaria da pintura de *atelier*, com apostrophes de odio contra a natureza incomprehendida, e entram a vegetar a triste vida do artista impotente para quem a cavação perante o governo é o Supremo engodo. Outros desistem de viver numa terra “impossivel”. Outros, rarissimos, os fortes, adaptam-se.

Reencetam com paciencia uma nova aprendizagem, e vencem.

Nesta categoria está Wash Rodrigues. Elle concentra energias

para a grande batalha. Vae penetrar no sertão, estudar os segredos dos verdes agrestes, senhorear o typo e o modelado das arvores, apanhar os tons e relevos da terra, captar em flagrante a poesia das sombras n’agua, sondar a alma das taperas, ouvir o gemido da matta quando o machado lhe estraçoa as entranhas, e seus uivos de dôr quando o fogo a constringe no amplexo de labaredas. Vae estudar a tiguéra — campo de batalha em que a vegetação destruida lança por mil brotos tenros o grito da renascença. Vae sentir o sombrio da matta virgem onde o raio de sol nunca despertou da sonneira secular os velhos musgos acamados sobre os velhos troncos mortos.

E vae tambem estudar a attitude do homem mettido nesse ambiente. Não do homem pechisque das cidades, incharacteristico e grotesco na sua casquinha de *plaquet* lustrada a gesso pela manhã e revendo á tarde o azinavre dos metaes de ruim liga. Mas o homem incontaminado, grosso de casca, intraduzivel em francez; o bruto cuja vida é uma luta de todos os instantes contra as forças vivas da ferocidade ou contra as forças negativas, retracteis, fraudelissimas da safaria. Vae estudar esse homem em acção, no contacto directo com a terra de que é uma resultante e que, na ancia de subsistir, vae, sem normas, sem leis, sem arte, modificando a ferro e fogo com a barbaridade de quem mata para viver.

O Brasil, inda é o caboclo, empunhando o machado e o facho incendiado, na luta, arca por arca, contra a hispidéz envolvente, para que nas clareiras entreabertas tome assento a civilização.

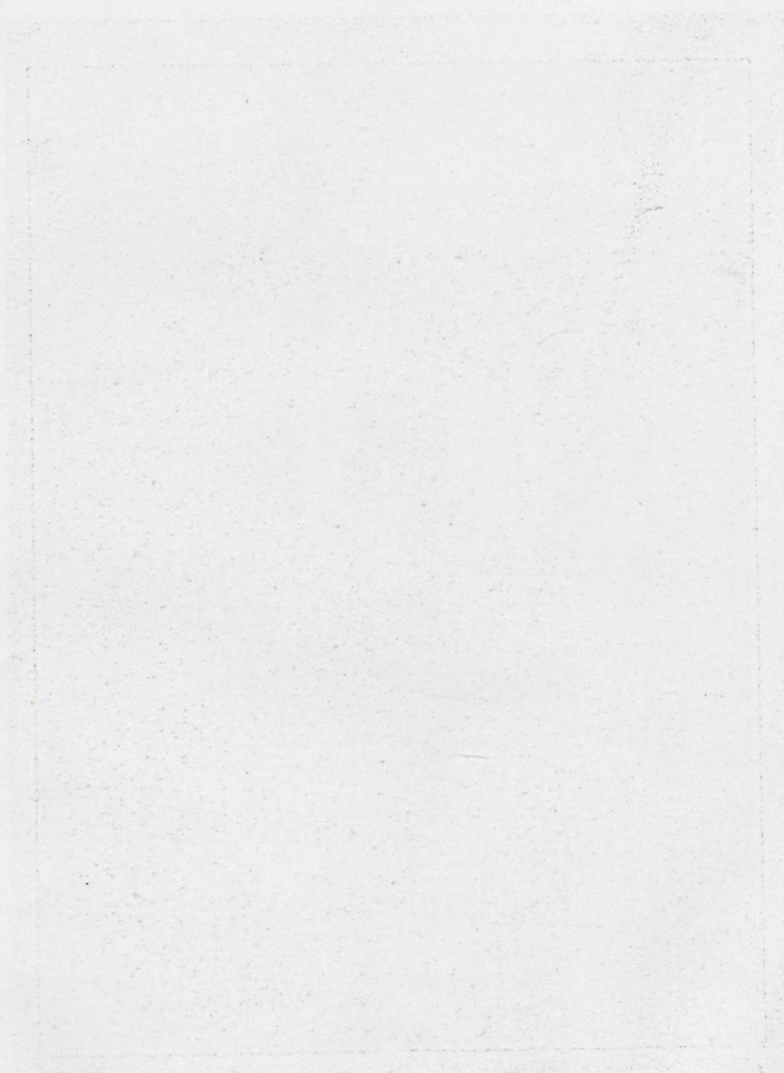
A pintura brasileira só deixará de ser um *pastiche* sem valor, um mamembe por sessões, quando se penetrar que é mister *comprehender* a terra para bem interpretal-a. Foi esta comprehensão da terra que possibilitou o surto das escolas hollandezas e flamengas até esses cimões chamados Rembrandt e Rubens.

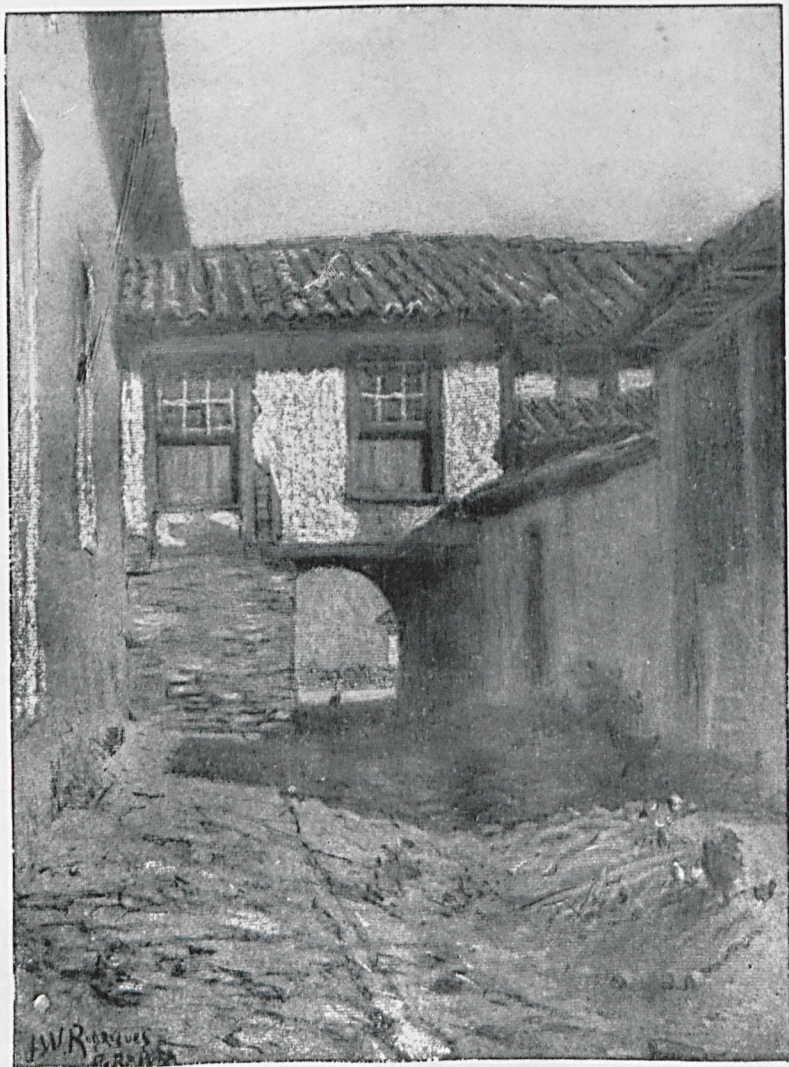
Wash Rodrigues tem a alma aberta a estas luzes. Comprehende o erro



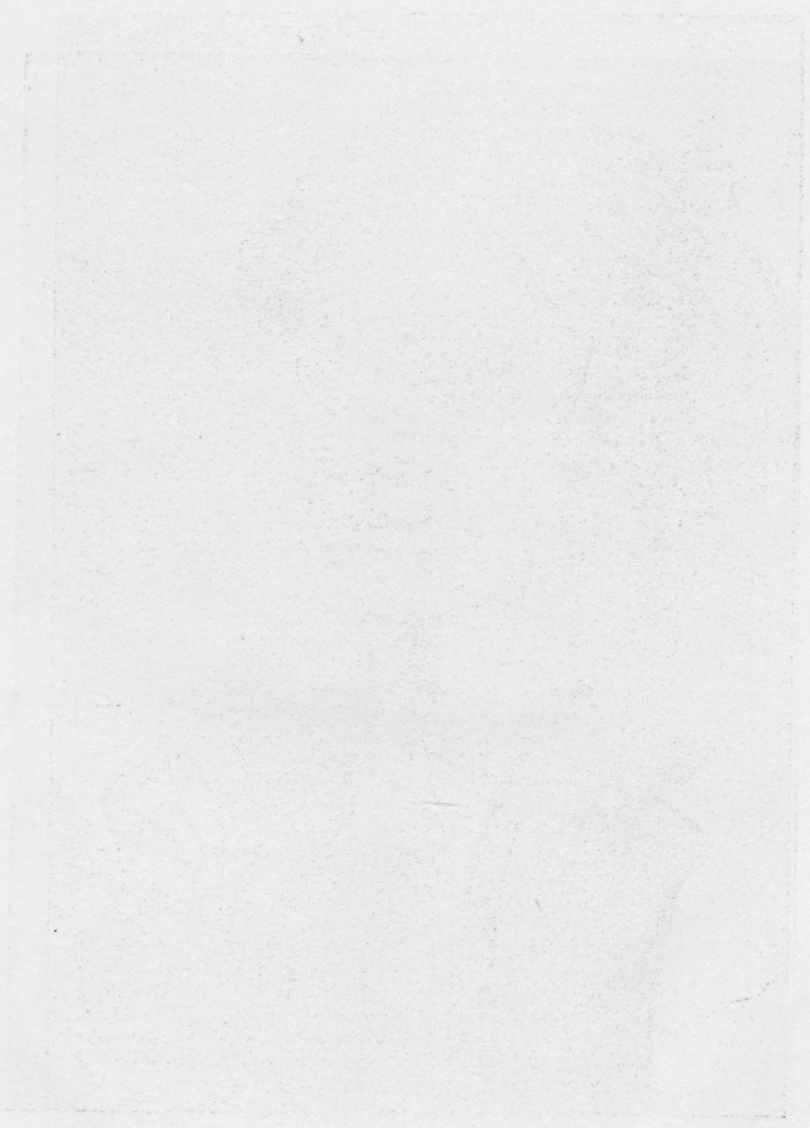


PAULO DO VALLE: Cena do "Quo Vadis?"



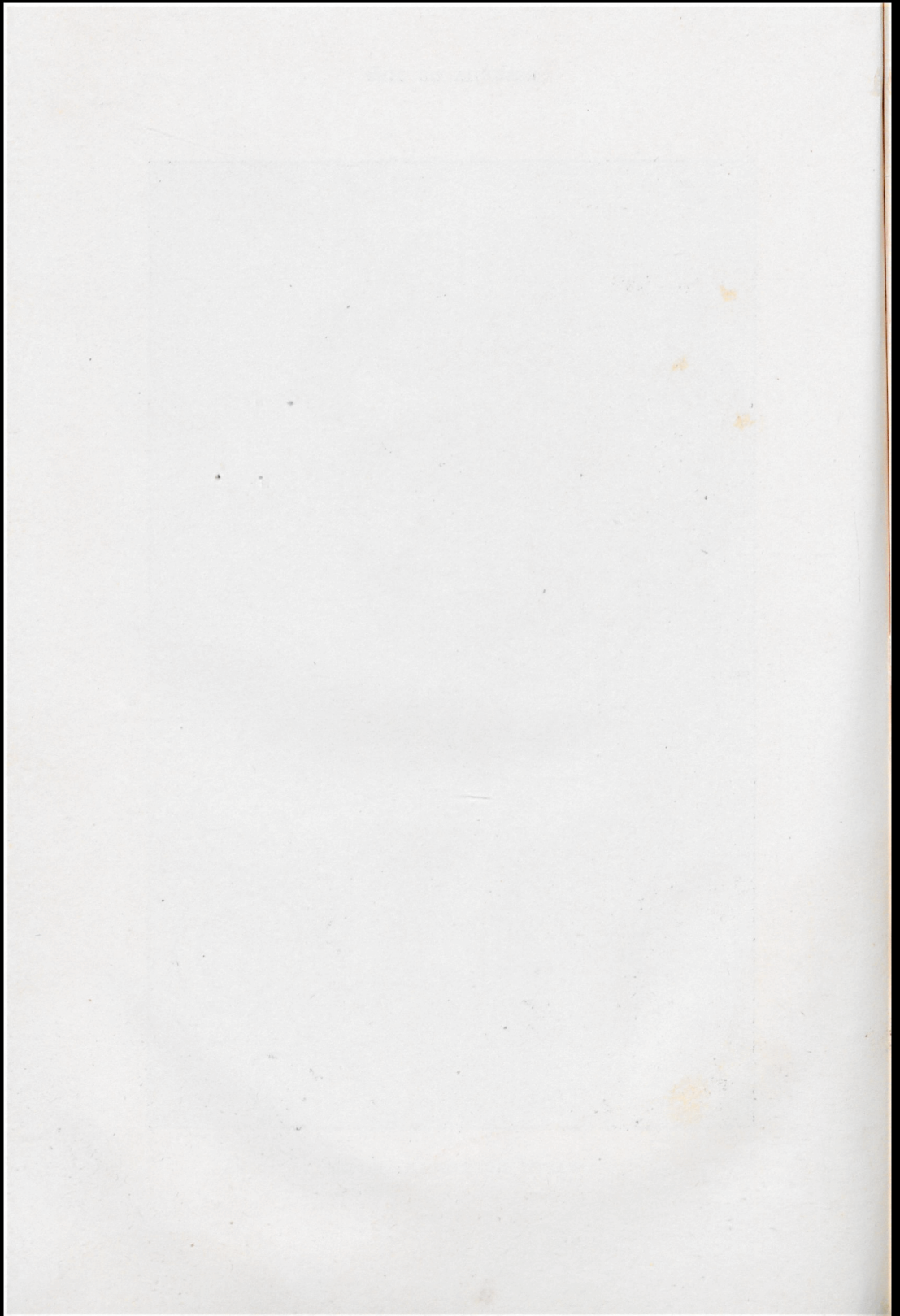


WASTH RODRIGUES; Casa de Pirapora





WASTH RODRIGUES: Estudo



e vê o caminho. Vae deixar o *atelier* constrictor pela unica officina donde saem os grandes artistas: o ar livre, o campo, a matta, a roça.

No dia em que as demais vocações artisticas embicarem pela mesma senda, teremos pintura. Até lá teremos uns productos muitissimo logicos da irrisoria esthetica official — cadinho de verter para o francez o que é por essencia intraduzível. — M. L.

PHYSICA MEDICA

(Um novo methodo para a delimitação dos órgãos internos nos seres vivos).

Os jornaes medicos inglezes acabam de publicar alguns detalhes sobre um novo methodo de delimitação dos órgãos internos nos feridos, o qual funciona ha alguns mezes com notaveis resultados na frente do exercito inglez, em operação de guerra na França. Este methodo não tem por fim reproduzir o contorno das estruturas densas, como os ossos, o qual pôde ser facilmente obtido pelo exame ou photographia pelos raios X; mas sim os contornos e os vasos sanguineos de órgãos molles, taes como o rim, o figado, os intestinos, difficeis de obter pelos processos conhecidos.

O novo methodo, devido a um cirurgião do "Royal Army Medical Corps", de nome J. Shearer, baseia-se no emprego de dois campos electricos rigorosamente eguaes e perpendiculares atravessando a região do corpo a examinar. Para produzir os dois campos, utilizam-se dois electrodos metallicos, designados sob o nome de anteparo A e anteparo B, o primeiro disposto verticalmente sobre um pedestal movel que pôde ser collocado á mesma altura que o corpo do paciente e na sua visinhança immediata, o segundo suspenso horizontalmente por um fio ao longo do qual elle se desloca no ar, 1,m20 a 1,m50 acima do centro do primeiro. Estes electrodos são ligados a duas baterias electricas separadas, com a mesma intensidade de corrente; esta

pôde ser variada á vontade por dois interruptores, mas de um modo identico para as duas baterias.

Quando os dois campos electricos alternativos eguaes assim creados encontram-se em um ponto de um órgão, o estado electrico deste órgão influe, segundo o autor do processo, sobre o campo resultante, e esta influencia traduz-se pela produção de uma fraca corrente electrica, a qual pôde ser recolhida no anteparo B por um detector apropriado, que communica com um estylete deslocando-se sobre um cylindro registador coberto por uma folha de papel impregnada de cera. A' medida que se desloca o anteparo B por cima da região do corpo do paciente a examinar, o estylete traça na cera o contorno dos órgãos correspondentes. Uma vez obtido o registro, transforma-se em negativo photographico pelos methodos ordinarios.

A explicação do methodo dada pelo autor deixa sem duvida a desejar sob o ponto de vista scientifico, e ha ainda uma grande dõse de empirismo no seu funcionamento.

Por exemplo, a frequencia da corrente deve variar segundo os tecidos de que se quer obter o contorno; assim, tratando-se da delimitação de vasos sanguineos, só se obtêm resultados com correntes de muito rapida alternancia, ao passo que o contorno do coração é desenhado por meio de correntes de frequencia muito menor.

O autor obtem em tempo muito curto, da ordem de um minuto, resultados verdadeiramente extraordinarios: assim por exemplo, em uma figura publicada pelo "British Medical Journal" (numero de 30 de Setembro de 1916) pode-se examinar a delimitação do cerebro, em um caso de ferida por projectil. O tecido cerebral não pôde na realidade ser reproduzido pelo methodo Shearer, mas na figura mencionada pode se acompanhar os vasos sanguineos, e observar uma grande mancha irregular, que é a sêde da lesão; no centro desta observa-se uma pequena marca que é formada por um corpo estranho. Outras revistas inglezas publicaram outras figuras não

menos características, do rim, do fígado, do intestino, etc., attingidos por projecteis, e mesmo do appendice em casos de appendicite.

O novo methodo de exame de órgãos internos em organismos vivos representa um enorme progresso em relação á radioscopia e radiographia, com as quaes nada tem de commum. Basta dizer que estas ultimas apenas fornecem a sombra da estrutura ossea, e são incapazes por completo de desenhar os finos conductos sanguineos, que o methodo Shearer tão brilhantemente põe em evidencia. — L.

CONGRESSO MEDICO PAULISTA

O acontecimento capital do mez foi a reunião do Congresso Medico Paulista, cuja iniciativa coube á Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo.

Foi designada uma comissão composta dos drs. Arnaldo Vieira de Carvalho, Silvio Maia, Vital Brazil, Franco da Rocha, Oliveira Fausto, Ayres Netto, Xavier da Silveira, Alcino Braga e Americo Braziliense para organizar os estatutos e dirigir os trabalhos do Congresso.

A comissão nomeou delegados na Capital da Republica e dos Estados, expediu convites a medicos, engenheiros, pharmaceuticos, cirurgiões-dentistas, parteiras e Institutos Scientificos e quasi mil adhesões correspondendo aos convites affluiram de todos os pontos do paiz.

A sessão inaugural realisada a 3 de Dezembro foi presidida pelo dr. Oscar Rodrigues Alves, secretario do Interior, e honrada com a presença do dr. Altino Arantes, presidente do Estado, e membros do governo e altas autoridades.

A adhesão entusiastica dos governos estaduais que enviaram seus representantes, o comparecimento de illustres professores das Faculdades de Medicina da Bahia, Rio de Janeiro, Bello Horizonte, a cooperação dos Institutos Scientificos e corporações medicas do paiz, deram ao Pri-

meiro Congresso Medico Paulista um singular brilhantismo e o elevaram á categoria de Congresso Medico Brasileiro.

O comparecimento dos membros do governo ás festas do Congresso, a recepção do sr. presidente do Estado, o banquete offerecido pelo secretario do Interior aos directores, delegados, professores e presidentes de commissões; a cooperação da Directoria da Escola Polytechnica, da Camara Portugueza de Commercio e do Instituto Historico e Geographico, a hospitalidade de d. Abbade, de S. Bento, o auxilio das directorias das estradas de ferro, o espectáculo de gala e o sumptuoso baile offerecido aos membros do Congresso attestam a alta consideração e a cor-deal homenagem prestada á classe medica.

Realisaram conferencias o dr. Emilio Ribas, os professores Fernando de Magalhães, A. Austregesilo, Henrique Rôxo, Ed. Rabello, do Rio de Janeiro, o prof. Linneu Silva, de Bello Horizonte e o dr. Oscar Lisboa.

O dr. E. Ribas discorreu sobre a lepra, assumpto que vem estudando ha dois annos; o seu trabalho vale por um relatorio officioso apresentado ao governo que o commissionou para resolver o problema da prophylaxia da lepra em S. Paulo.

Analysou a questão com elevado criterio, expendendo conceitos sobre a transmissibilidade e concluiu condemnando o isolamento insular e todas as medidas vexatorias.

O prof. Fernando de Magalhães fez uma magistral dissertação sobre as infecções puerperaes. Depois de se referir á attitudo de muitos clinicos, receiosos do desprestigio em face de uma infecção post-partum, que attribuem geralmente a vicios de technica obstetrica, e por isso illudem e disfarçam, sonegam o diagnóstico e olvidam o tratamento — covardia e immoralidade profissional que verbera com vehemencia — o conferencista termina preconizando com entusiasmo a drenagem metallica no tratamento das infecções puerperaes.

O prof. A. Austregesilo desenvolveu com didactica e elevação o the-

ma "das reacções nervosas elementares", synthetizando em formulas geraes os grupos de phenomenos simples dependentes do concurso dos diferentes apparatus e systemas organicos. O prof. H. Roxo escolheu para objecto da sua conferencia a momentosa e tão interessante neurasthenia, a nevrose da fadiga. A sua exposição fluente e methodica, profundamente scientifica, foi illustrada com episodios clinicos muito pittorescos e terminou com as indicações therapeuticas.

O prof. Ed. Rabello discorrendo sobre a prophylaxia da syphilis, condemnou as medidas de disciplina sanitaria do meretricio, cuja regulamentação em diversos paizes da Europa foi contraproducente, acabando por ser abandonada, por ter ocasionado o augmento da prostituição clandestina. Adduziu considerações sobre a importancia clinica da syphilis, que determina todas as syndromas e ataca todos os orgãos.

Lamenta que nas faculdades de Medicina do Brasil a frequencia das clinicas syphiligraphica e ophthalmologica seja facultativa.

O joven prof. Linneu Silva, galante e estheta, fez o "elogio dos olhos". Dando ao assumpto uma feição litteraria e graciosa, despertou a attenção para a importancia da ophtalmologia, que offerece dados propedeuticos de summo valor e domina um vasto campo clinico.

O. Lisbôa, analysando as condições da vida rural no Brazil, sob o duplo ponto de vista economico e sanitario indicou uma serie de medidas simples, praticaveis e importantes.

A's diferentes commissões foram apresentadas theses de contribuição, trabalhos originaes muito preciosos; os annaes do Congresso dirão o numero e o valor das memorias que não poderão ser arroladas nesta breve noticia.

De passagem mencionamos as brilhantes communicações do prof. Adeodato de Souza, dos assistentes da Maternidade do Rio de Janeiro e do dr. R. Briquet que deram realce á secção de obstetricia.

Os drs. Garcia Braga e Cantidio M. Campos demonstraram que a função biligenica da secretina é apparente, consistindo na excitação excretoria sobre a vesicula, por meio da vaso-dilatina de Popliski. Esse trabalho de folego destróe todas as noções classicas a respeito e honra os jovens physiologistas.

Lemos Torres contrapondo-se ao conceito dos cardiopathologistas, demonstra pelos processos graphics e por dados analyticos a existencia de uma nova causa do bloqueio cardiaco.

O prof. Rubião Meira assignala o augmento da pressão aortica na syphilis incipiente e conclue firmando o valor propedeutico do reforço do respectivo tom (2.^a bulha) para o diagnostico precoce da syphilis — phenomeno que será conhecido em propedeutica pelo nome de "Signal dr. Rubião Meira", segundo proposta do Prof. H. Rôxo.

Fernando Vaz apresenta um novo e elegante processo de peritonização, applicavel nos casos de hysterectomia por fibromas, com os annexos livres. A exposição foi illustrada com projecções assignalando os tempos do processo que é rapido e seguro e que tem merecido a preferéncia do autor.

O prof. Sergio Meira Filho leu uma communicação sobre appendicites amoebianas. Tendo encontrado lesões amoebianas especificas em seis appendices por elle extirpadas e notando o numero crescente de appendicites em S. Paulo, correspondendo ao augmento da epidemia dysenterica nestes ultimos quatro annos, o autor, firmando-se nos trabalhos do dr. Theodoro Bayma e nas estatisticas dos hospitaes e das clinicas particulares, conclue que a causa mais frequente das appendicites em São Paulo é a infecção amoebiana, o que será facilmente confirmado pelo exame systematico dos appendices que se extirparem.

Os drs. R. Puech e Paula Souza, firmados em 29 observações denunciaram a frequencia da calculose vesical infantil em S. Paulo.

Os drs. Moncorvo Filho e Puech apresentaram notas sobre o emprego da heliotherapia no Brasil.

O prof. J. Britto apresentou um magistral relatório sobre o trachoma.

Além destes trabalhos cumpre mencionar os relatórios sobre a regulamentação do meretricio, o segredo medico, os dispensarios, nosographia, etc.

O dr. A. Netto fez um historico sobre os Congressos Medicos.

O engenheiro Albuquerque apresentou um relatório sobre construções urbanas; a orientação e a largura das ruas, a altura dos predios — todos os detalhes de construção foram regulados por indicações faceis e racionais.

A Pharmacopéa Paulista, base do Codex Brasileiro, foi organizada por uma comissão de illustres pharmaceuticos, designada pela mesa diretora do Congresso.

A Exposição de Hygiene demonstrou o progresso e o aperfeiçoamento da industria de drogas e substancias chimicas no Brasil. O Congresso organizou um jury de concurso para conferir medalhas e menções honrosas aos industriaes que concorreram ao certamen.

Foram organisadas excursões e visitas ao hospital da Santa Casa de Misericórdia, transbordando de enfermos, vindos de todos os pontos do Estado e que a administração tem accomodado, sobrearregando as enfermarias com o dobro da sua lotação; ao hospital militar, onde uma companhia da Força Publica executou interessantes exercicios de bayoneta; ao Butantan, o instituto modelar, com os seus bellos serpentarios e ricos laboratorios, dirigido pelo eminente dr. Vital Brasil; ao leproario de Guapyra; ao hospicio de Juquery, um dos meliores e mais bem installados da America; á Faculdade de Medicina e Cirurgia, onde professores e alumnos receberam festivamente os congressistas e dirigiram saudações aos illustres professores das Faculdades de Medicina que vieram a S. Paulo tomar parte nos trabalhos do Congresso.

No grande amphitheatro o prof. Ovidio Campos saudou os professores excursionistas, representantes das Faculdades do Rio e da Bahia — as primazes do Brasil, de onde vieram

os elementos de formação da Faculdade de S. Paulo creada pelo governo com o intuito de integralisar o ensino superior no Estado e prover ás reaes necessidades clinicas da sua crescente população.

Saudaram-nos tambem dois alumnos.

Os professores A. Austregeliso e Fernando de Magalhães agradecendo, manifestaram o seu enthusiasmo pelo criterio com que o dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, director da Faculdade de Medicina e Cirurgia escolheu os professores, e organizou o ensino medico em S. Paulo, pondo em destaque a cultura e o brilho e o animo elevado dos professores paulistas, cujo prestigio os membros do Congresso levarão a todo o paiz e cuja obra finca um marco nas phases do ensino medico brasileiro.

Em seguida percorreram os congressistas os museus de anatomia, laboratorios de parasitologia, physiologia, anatomia pathologica, physica e chimica. O director expôz na secretaria as plantas da construção do Palacio da Faculdade.

Todos puderam admirar e render homenagem á liberalidade do governo de S. Paulo, que não recúa diante dos maiores sacrificios para alastrar, diffundir, ampliar e aperfeiçoar a instrução publica, com que despende annualmente 21.000:000\$000.

Entre os assumptos relevantes e momentosos que não foram trazidos ao conhecimento do Congresso destacam-se os serviços de hygiene estadual e municipal — taes como a defesa sanitaria do Porto de Santos, a assistencia aos immigrantes, a inspecção das escolas e dos estabelecimentos industriaes; a hygiene domiciliar, a assistencia nas penitenciarias, a inspecção dos matadouros, estabulos, açougues e tavernas e a fiscalisação do leite e de outros generos alimenticios.

Entretanto pela importancia e pelo numero de seus trabalhos, pela sua concorrência, pelo seu brilho e seus resultados o Primeiro Congresso Medico Paulista bateu o *record* entre todos os Congressos Medicos brasileiros. — X.

DEFESA NACIONAL

O sr. dr. Pedro Lessa resumiu admiravelmente, em poucas linhas, com seu costumado vigor de expressão, os fins principaes que visa a Liga da Defesa Nacional. Cumprimos um dever elementar de civismo passando para as nossas paginas as palavras do eminente brasileiro. São estas:

"Anda a Liga da Defesa Nacional muito vivamente empenhada em realizar um dos seus fins principaes, que é, mediante concursos com premios convidativos, publicar e distribuir gratuitamente um catecismo cívico e livros de educação patriótica, destinados á infancia e á adolescencia.

Precisamos fazer aqui por esse meio aquillo, que já têm conseguido outras nações pelo esforço espontaneo dos seus filhos mais illustres. Bem perto de nós a Argentina conta nesse genero de literatura alguns trabalhos excellentes; e na França foi o proprio actual presidente da Republica, um dos espiritos mais cultos, mais finos e mais altos, que honram a humanidade, quem, antes de occupar o cargo que actualmente exerce, mas quando já era um dos politicos mais activos e um dos advogados mais atarefados do seu paiz, escreveu, para as crianças que saem da escola um livrosinho de educação cívica, que é um primor, pelos assumptos que versa, pela forma adequada ás intelligencias infantis, e até pelas estampas proprias para estimular os sentimentos patrióticos.

Já antes de Poincaré, Léon Bourgeois, um dos estadistas e dos homens de sciencia mais notaveis da Europa, quando ministro da Instrução Publica, havia expedido em 1890 a celebre circular, ou instruções ministeriaes de 1890, cheias de admiraveis conselhos ao professorado, e em que, depois de accentuar a necessidade de produzir gerações sans, vigorosas, promptas sempre para a acção e até para o sacrificio, e de recomendar muito encarecidamente aos mestres que proscressem de suas aulas tudo o que pudessem levar os discipulos ao scepticismo

e ao desanimo, terminava por estas memoraveis palavras: "Le maître qui conseillerait á ses élèves la lecture d'une seule page capable d'affaiblir leur vigueur morale et de les détourner de l'action trahirait son devoir." Ainda em discurso de 30 de julho de 1891, na distribuição dos premios do concurso geral, dizia o eminente autor de *Solidarité*: "Avoir un idéal c'est avoir une raison de vivre... Si donner á l'homme un idéal, c'est donner une orientation á toute son existence, une raison et un ressort á tous ses actes, nous reconnaissons lá le but dernier de l'éducation".

Eis ahí o que tem em vista a Liga da Defesa Nacional, com os concursos que vae abrir dentro em pouco. De todos os pontos do paiz serão convidadas todos os mestres e todos os escriptores brasileiros, que se interessam pelo futuro da patria, a escrever pequenos livros, em que acima de tudo se esforcem os autores por inculcar no espirito das crianças e dos adolescentes o amor á acção util, á actividade patriótica, á vida sem preocupações inferiores, ou morbidas, mas norteada por um ideal são e bom.

E' preciso convencer os brasileiros de que com algum esforço, com alguma comprehensão da verdade e energia de vontade, podemos fazer da vida em todo este vasto paiz uma coisa tão agradável, tão util e tão boa, como a das nações melhores e mais felizes.

Ocioso fôra notar que muito longe está a Liga da Defesa Nacional de condemnar a critica e a censura. Constituem estas o que pôde haver de mais indispensavel á realização do nosso ideal. Sómente o que muito importa, é deixar a critica e a censura para a occasião opportuna, para a idade propria, para o homem que já tem o caracter formado, a intelligencia enriquecida de superiores motivos de actividade moral e patriótica, e o criterio necessario para bem comprehender que indicar e combater os nossos erros, os nossos vicios e os nossos crimes, é fazer o que nas mais fortes e cultas nações se tem feito e se faz, sem que daí

der Moderador. A 12 de agosto de 1834 votou-se o Acto Adicional. Não podendo supprimir o poder moderador, contentaram-se os liberaes em "annullar a sua essencia". E a existencia do Conselho de Estado como complemento do poder moderador, ficou sendo a pedra de toque dos partidos. Depois do golpe de 1834, o seu restabelecimento passou a constituir o empenho de honra dos conservadores, que aproveitando a maioridade, conseguiram o seu intento, quasi que de surpresa pela lei de 23 de novembro de 1841. Começou então a longa controversia entre o Partido Liberal e o Partido Conservador, sobre a natureza e limites do poder moderador.

Percorra-se a lista dos conselheiros de Estado desde 1842 até a sua suppressão. Nella se encontrarão todos os grandes nomes da nossa politica, entrados para o illustre areopago como coroação de uma carreira brilhante, trazendo para os conselhos da Corôa as luzes do seu saber, a independencia das suas opiniões, o prestigio do seu patriotismo. Raros foram os homens de real valor que trilharam no Brasil a vida publica a quem não tivesse cabido, mais cedo ou mais tarde, tomar assento na gloriosa companhia. Dizia-se nos ultimos tempos do Imperio que estava descendo o nível do Conselho de Estado. E' possivel que assim fosse. A nossa geração conheceu, porém, João Alfredo e Lafayette, Andrade Figueira e Silveira Martins, Paulino de Souza e Ouro Preto, Souza Dantas e Teixeira Junior, Paranaguá e Sinimbú. Não pretendo fazer uma fastidiosa enumeração de nomes á maneira dos heróes da Illiada. Quem não reconhecerá, entretanto, neste pugilo de nomes tudo o que houve de representativo nos ultimos annos da Monarchia, como talento, illustração, caracter e serviços á nação? Subamos um pouco mais pelo passado. Encontraremos os nomes gloriosos de Caxias, Rio Branco, Martinho Campos, Nitheroy, Inhomirim, Nabuco, Uruguayana, Bom Retiro, Araxá, Souza Franco, São Vicente, Uruguay, Itaborahy, Euzebio de Queiroz... Não estou esgo-

tando a lista. No ultimo plano, entre os primeiros nomeados, apparecem as figuras veneraveis dos grandes ancestraes, os gigantes das luctas heroicas em que se firmou a nossa individualidade do povo. Evocam-se as sombras majestosas dos nossos superhomens: Bernardo de Vasconcellos, Olinda, Abrantes, Paula e Souza, Abaeté, Albuquerque, José Clemente, Jequitinhonha, Sapucahy... Ha muitos paizes em que uma corporação de tal ordem possa contar tão ininterrompida fulguração de homens notaveis?

Examinem-se todas as grandes questões nacionaes, em que andou envolvida a responsabilidade do Governo Imperial, ou se trate das nossas infundaveis complicações com as Republicas platinas, ou das medidas financeiras em que se debatia a argucia dos ministros da fazenda, ou das variadas reformas propostas ao Parlamento, e sempre nas discussões do Conselho se encontrará o apanhado fiel das varias correntes de opinião, expostas com clareza, competencia e lealdade. O Governo podia errar e errou muitas vezes. Nunca, porém, poderia dizer que o fez por não estar devidamente aconselhado, tendo perfeitamente pesado o pró e o contra.

Devia a Republica ter mantido o Conselho de Estado, tal qual estava organizado em 15 de Novembro de 1889? E' difficil, em boa fé, responder pela affirmativa. Já figurava no programma do Ministerio Ouro Preto, juntamente com a temporariedade do Senado, a reforma do Conselho de Estado para constituil-o meramente administrativo, tirando-lhe todo o caracter politico. E' claro, pois, que mesmo entre os monarchistas mais adiantados a opinião dominante era de que o velho Conselho exigia remodelado. Reflectindo a orientação de cincoenta annos atraz, necessitava adaptar-se ás condições da vida moderna. Os velhos servidores do Imperio não poderiam evidentemente servir sob o regimen que começava. Os republicanos de 1889, encontraram-se relativamente a elles na mesma situação dos liberaes de 1834 quanto ao Conselho de Estado

creado por D. Pedro I em 1823. Não podia deixar de haver a supressão.

Desde o começo da Republica tem o governo lançado mão dos mais inconcebíveis recursos para se aconselhar em materia de alta administração. A primeira victima foi o Supremo Tribunal Federal, ao qual, talvez por simetria, se entendeu a principio estar reservado o papel de Conselho de Estado. Um dos primeiros actos do Supremo Tribunal foi declarar ao Marechal Deodoro, que apenas proferia decisões, e não podia responder a consultas do Governo. De então em diante, mais de uma lição elementar de direito, da mesma natureza, tem sido obrigada a nossa alta côrte de justiça a dar, tanto aos governantes como aos governados. Em 1893, não se haviam ainda inventado os "habeas-corpus" com que se forçou a intervenção do Poder Judiciario nos casos estaduaes. O marechal Floriano, cedendo á logica irresistivel da revolução que o levava ao poder, começava a intervir nos Estados para desmontar a politica montada por Deodoro. Um grupo de politicos de certo Estado, ameaçado da perda de cargos politicos, lembrou-se de recorrer ao Supremo Tribunal, que naturalmente não tomou conhecimento do recurso, em accordão unanime, bem fundamentado. A revista do Instituto dos Advogados, cuja Commissão de Redacção era então composta de Bulhões Carvalho, Valentim Magalhães, Rodrigo Octavio, Isaías de Mello, e de mim, inseriu o accordão onde se lia com espanto este considerando rubro: "Contra os abusos do Executivo ou do Judiciario ha a lei de responsabilidade, mas contra os do Legislativo, afóra a inexecução dos seus decretos, só ha o *appello* ás armas." Assombrado com este ronco de anarchia partido do mais elevado tribunal do paiz, o saudoso Bulhões Carvalho, inseriu na Revista a seguinte nota: — "A doutrina e os outros fundamentos deste excellente accordão bem poderiam dispensar um argumento armado em guerra." Imagine-se o escandalo nas rodas forenses. Não direi nas rodás governamentais, por ser pouco provavel que a

nossa serena revista chegasse ás regiões agitadas do Itamaraty, onde, então, residia o Presidente da Republica. Apurado o caso, verificou-se que se tratava de um erro de cópia. O *accordão* tinha fallado em *appello para as urnas*, e o copista escrevera *appello para as armas*. No numero seguinte explicou Bulhões Carvalho o equivoco, e desfez as intenções bellicosas que o nosso copista tinha attribuido ao Supremo Tribunal.

A ancia do Governo em materia de corpos consultivos tem-no levado a ouvir, em diversas épocas, varias corporações inteiramente alheias á administração, não sómente sobre assumptos de sua competencia profissional, o que é perfeitamente admissivel, mas tambem sobre casos de administração geral. Têm sido ouvidas as Faculdades de Direito, a Academia de Medicina, o Instituto dos Advogados, o Club de Engenharia, a Associação Commercial. Constantemente nomeia o Governo commissões especiaes para elaborarem projectos de reformas. Os decretos do Poder Executivo, preparados ás pressas, no recesso das Secretarias de Estado, apparecem um bello dia no *Diario Official*, sem que antes tenha sido sondada a opinião dos competentes ou dos interessados. Surgem as reclamações e as criticas... e o resultado é a infallivel republicação do decreto, *por ter sahido com incorrecções*. Temos tido casos de cinco ou seis edições do mesmo decreto. As grandes questões entre a administração e os contractantes de serviços publicos, por falta de prévio estudo que poderia ter lugar em um corpo equivalente ao Conselho de Estado, dão constantemente lugar a demandas em que a Fazenda é condemnada. E' commum fazerem-se concessões, logo annulladas sob a pressão da opinião, de onde resulta, ás vezes, para o concessionario o direito de pleitear uma indemnização. Finalmente, nas grandes crises politicas que dependem de medidas administrativas, tem-se visto o Presidente da Republica reunir ás pressas um conselho de notaveis, arbitrariamente escolhido, segundo as sympathias ou affi-

nidades politicas. E' sempre o principio darwiniano. A necessidade da funcção inventando o orgão.

Fala-se muito hoje em revisão. A' frente da campanha revisionista está collocado o vulto culminante de Ruy Barbosa, que se pôde considerar duas vezes autor da Constituição, por lhe ter redigido o projecto, e por ser o creador da doutrina que lhe deu a interpretação definitiva. Não é aqui o lugar de discutir o assumpto. Sou, ha muitos annos, revisionista convencido, para o fim de se restaurar a unidade da justiça e do processo, fazer melhor distribuição das rendas publicas, e tornar mais apertados os laços da federação. Não me pude ainda convencer das vantagens da republica parlamentar. Parece-me que o mal da Republica não vem do regimen presidencial, o qual exige apenas ser bem comprehendido. Se a França republicana e parlamentar tem um Conselho de Estado, que dizer de uma Republica em que o Presidente, directamente responsavel perante a opinião, tem absoluta necessidade de cercar-se de elementos que lhe ministrem, fóra das preoccupações subalternas da politicagem, as suggestões indispensaveis para bem governar? Tal seria o papel do Conselho de Estado, que, restricto á sua funcção meramente consultiva, nem exigiria uma reforma constitucional.

Logo que se normalizarem as condições financeiras do Brasil, a primeira reforma reclamada pelas necessidades da administração, é a criação de um alto corpo collectivo, formado dos homens mais competentes do paiz, ao qual o Governo consulte sobre os projectos de lei sobre as reclamações das partes, e sobre as grandes questões de administração geral. Amemos a Republica e tratemos de prestigiar o regimen que possuímos. Não é porém com declamações banaes sobre as excellencias do regimen que poderemos *republicanizar a republica*, na phrase de Joaquim Murтинho. E' fazendo della um governo serio, apoiado na opinião, equilibrado, esclarecido, que não receie confrontos com o regimen transacto. O respeito do direito dos cidadãos, a obediencia á lei, o severo

cumprimento dos contractos, exigem um repousado estudo que se não adapta á actividade vertiginosa dos homens publicos quando no governo. Em geral elles adquirem, á custa da nação, uma experiencia que só podemos mostrar quando fóra do poder. E' o que acontecia com os conselheiros de Estado sob a Monarchia. Quantos homens de merecimento tem tido a Republica que, havendo commettido erros no governo, estariam, por isso mesmo, em condições de conseguir evital-os, si fossem consultados pelos seus successores?

Continuar a tatear no escuro, presos do mais grosseiro empirismo, não é obra de estadistas que se presem. O grande fio da tradição nacional não deve ser quebrado. A Monarchia sahio do governo colonial. A Republica sahio da Monarchia constitucional. Não insistamos no erro de considerar o Brasil descoberto em Quinze de Novembro. E' necessario remontar ás nossas tradições e vincular a Republica ás solidas raizes do passado. E' o melhor processo de consolidação do regimen."

FRUCTAS BRASILEIRAS

O sr. Henrique Silva fez recentemente, na Sociedade Nacional de Agricultura, uma conferencia sobre fructas campestres e silvestres do nosso paiz. O conferencista occupouse apenas de especies fructíferas indigenas, algumas dellas sómente conhecidas nos campos e mattas do Brasil central. Eis um resumo dessa interessante conferencia:

"Os ensaios de cultura das fructas brasileiras são devidos aos primeiros europeus que aqui se estabeleceram, não tendo feito as gerações successivas mais do que aperfeiçoar a cultura de algumas dellas, como a banana, o abacaxi, a pitanga e outras poucas e aliás inferiores ás muitas que ainda ninguem tentou cultivar, de maneira que nesta materia não tem havido, até ao presente, o que se possa dizer trabalho de brasileiro, ou comprehensão da botanica applicada. Quando dizemos que muitas das nossas fru-

ctas já cultivadas são inferiores ás também muitíssimas por cultivar é porque razão ha para tal affirmativa. Basta comparar, por exemplo, a mangaba, sem cultura alguma nos campos do interior, com qualquer outra fructa nossa que já mereceu os beneficios da cultura. Entre as familias das nossas plantas cultivadas ha especies que, mesmo em estado selvagem excellen em sabor, delicadeza e perfume nativo ás do mesmo genero que cultivamos. Haja vista a pitanga dos campos, os araticuns também dos campos, que são incontestavelmente mais deliciosos do que as especies de *myrtaceas* e *amanacéas* que se cultivam no litoral, e até mesmo as importadas.

E quem ignora que a cultura opera milagres, transformando fructos intragaveis, no seu estado nativo, como a banana, em fructos saborosíssimos?

Não o eram também, nos tempos recolhidos do Velho Mundo, fructas atôa: o pecego, a uva, a pêra, a maçã, antes de cultivadas?

O cultivo, pois, das nossas fructas campestres e sylvestres, impõe-se, é um dever patriótico, é um caso de honra e de dignidade nacional.

A. Glaziou, o conhecido botanista, que todos sabem, e que tantos annos viveu entre nós, escrevia:

"Quem percorre o planalto Central do Brasil, de clima tão ameno e regular, admira-se ao ver uma profusão de especies de fructas sylvestres das quaes muitas são saborosíssimas. Interessa de tal fórma ás primeiras necessidades do homem a generalidade dessas arvores e arbutos que, ainda que summariamente, convém assignalar as mais notaveis e a vantagem que haveria em reunilas para cultural-as racionalmente num Viveiro Experimental do Estado, estabelecimento de maxima utilidade logo que diz respeito á alimentação e ao progresso da sociedade.

Ao ver essas bellas fructas quasi a vingar, a imaginação do mais simples cultivador attenta immediatamente á conveniencia que haveria em cultivar cuidadosamente essas arvores para melhorar-lhes o pro-

ducto, acóde naturalmente á lembrança os vegetaes primitivos dos bosques da Europa cujas fructas eram apenas aproveitadas pelos animaes selvagens e as aves.

Basta lançar as vistas sobre as variedades de pêras, as maçãs, pecegos, as uvas, as ameixas, etc., cujos typos ainda se vêm no Estado primitivo para reconhecer os esforços perseverantes do cultivador na senda do melhoramento dos fructos: basta comparar as especies primitivas com esses bellos e deliciosos productos que hoje constituem o luxo da mesa do rico como da do pobre.

Visto tal exemplo, materialmente provado, estou convencido de que o espirito de progresso que anima o Governo, relativamente ao assumpto da transferencia administrativa e politica da Capital dos Estados Unidos da Republica do Brasil, não se cuidará de concentrar toda a sua attenção sobre este ponto da industria alimentar, assim como sobre outros muitos que fornecem ainda o reino vegetal neste afortunado torrão? Interrogação significativa. Tratando-se de fructos, dentre os quaes alguns já apreciados, citaremos da familia das Anonaceas alguns generos vulgarmente designados pelos nomes Araticum, Cherimoya, Biriba, etc., que, entregues aos cuidados intelligentes do cultivador, graças aos processos da enxertia, da sementeira de sementes fecundadas artificialmente e com outros meios de que dispõe praticamente, independente da cultura intensiva poderiam permittir-lhes attingir o seu ideal.

Exemplo de uma fructa brasileira ainda não cultivada, mas de seguras possibilidades economicas, ahi temos na chamada fructa de Lobo (*Solanum lycocarpum*) — nome botânico este que corresponde ao seu vulgar, ou melhor, traduzido da lingua indigena para a grega pelo sabio botanista Saint'Hilaire. Da fructa de Lobo se fabrica excellente doce, pelo sabor e mais qualidades comparavel ao do marmello, a nossa marmellada.

Nas forças de Matto-Grosso, disse Taunay, os negociantes vendiam a bom preço caixas desse doce sob o

titulo de legitima marmellada, e a differença não era tão sensivel que muitos se queixassem do logro.

Mas o interessante é dizer que na Argelia a fructa de Lobo foi já acelimada, sendo cultivada em larga escala, e os seus productos, consumidos em França, Pariz principalmente, guardam o nome de origem — marmellada de Goyaz!...

Faz-se pois mister, urgente mesmo, neste momento em que iniciamos a permuta commercial das nossas fructas com as das Republicas do Prata, em ensaio de cultura de muitas das especies que vamos mencionar, de modo a fazel-as conhecidas de nós mesmos e do estrangeiro.

E quem mais nos casos de o promover, iniciando-se desde já, senão a benemerita Sociedade Nacional de Agricultura?

Aqui vai uma relação dos nomes indigenas ou vulgares, de algumas das nossas fructas por assim dizer, ainda desconhecidas:

Cajá do campo, Cajiy, Guarióba, Guabirova, Piqui, Pitanga do campo, Muricy, Cabacinha, Marmellada de cavallo, Marmellada de espinho, Mamminha de cadella, Araçá, Mangaba, Pitomba, Guapéva, Fructa d'Éma, Fructa de Lobo, Fructa de voador, Jaracatiá, Gravatá, Aratium, Uvalha, Pecego do campo, Melancia do campo, Maria-Preta, Fructa de Jacú, Marmellada de areia, Bananinha do matto, Corôa de frade, Bacupari, Guavira, Piquiá, Taruman, Amóra, Marmello do campo, Velludo, Cabo de machado e muitissimas outras cujos nomes triviaes não nos occorrem neste momento.

Trabalho de Brasileiros, pois, deve ser o da cultura das nossas fructas indigenas.

Tratando-se de fructas de *habitats* definidos como as que vivem nos campos do interior, e as que habitam as zonas de matas, é obvio que as não poderemos cultivar, todas, conjuntamente sob o mesmo clima e no mesmo sólo. Ha para isto uma solução: fazer-se a cultura das especies campestres para além da Serra da Mantiqueira, no sul de Minas, em qualquer localidade á margem da Estrada de Ferro Central do Brasil ou da Oés-

te de Minas, Barbaçena, por exemplo.

Quanto ás especies sylvestres, particularmente as da Amazonia e da região costeira, ha ahí o seu melhor *habitat* — toda essa funda Baixada Fluminense.

O Horto da Penha, dependencia da Sociedade Nacional de Agricultura, bem pôde ser o ponto inicial de cultura de muitas das nossas especies de fructas indigenas, e o nome daquelle que em tão boa hora foi indicado para o dirigir, e o dirige com tanta competencia quanta dedicacão, é uma garantia segura do bom e esperado exito de um "tentamen" patriotico, que ha de ficar como trabalho de Brasileiros, para exemplo de outras gerações."

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

A OBRA EDUCADORA DE EÇA DE QUEIROZ

Dizer-se que Eça de Queiroz procurou apenas, com os seus typos, amesquinhar e escarnecer a sociedade portugueza é inepcia igual á de se lhe attribuir, na acção dos seus romances, o proposito de fazer immoralidade. Uma e outra noções correram mundo, lançadas por dirigentes da opinião que, para além daquillo, nada enxergavam ou perfida e teimosamente fechavam os olhos para não ver mais nada... Os clarividentes e os sinceros immediatamente reconheceram a intenção do observador desassombrado, do critico superiormente inspirado que, apontando a macula ou o erro onde elles de facto existiam, descobrindo as torpezas, as disformidades, os ridiculos onde se pretendiam esconder ou dissimular, o que fazia era prestar o mais digno e precioso concurso a uma obra de remodelação e aperfeiçoamento, obra essencialmente proveitosa e educadora. O Pickwick, de Dickens, tambem a principio passou por uma ficção meramente jocosa e escarninha; tambem Balzac, Flaubert, Zola foram accusados de immoralidade... Ora, nada mais curioso de observar que, se os primeiros ro-



mances de Eça de Queiroz escandalizaram, levantaram uma indignação celeuma, esse effeito gradualmente se veio transformando até acabar em geral respeito e pura admiração. O *Crime do Padre Amaro* e o *Primo Basílio* provocaram, na alma dos defensores, mais ou menos encartados, da moral publica em geral e da moral lisboeta em particular, accessos de colera assassina. Já os redactores das *Farpas* haviam prasenteiramente consignado a furia de certos Catões, no entender dos quaes ás verdades professadas e defendidas naquelles pamphletos, só se devia responder com bordoadas... Ora, os romances de Eça iam mais longe, feriam mais fundo as susceptibilidades puritanas; e a immoralidade do autor só devia parecer punivel com a morte. Eram livros realistas; e a palavra "realismo", até então desconhecida em litteratura portugueza, espalhou-se, como synonymo de indecencia. Indecencia, immoralidade! Entretanto, os exemplares voavam das livrarias; os milheiros esgotavam-se com uma rapidez de que não havia memoria; e quanto mais os Catões berravam e barafustavam, mais avultava o exito dos livros condemnados. Era ainda um effeito daquella pretensa "immoralidade". Gente sem conta, em Portugal e Brasil, adquiriu os livros de Eça de Queiroz, na supposição de que fossem libidinosos. Conta-nos até um chronista carioca do tempo que certo livreiro da rua do Ouvidor tinha sobre o balcão exemplares do *Primo Basílio*, com as paginas já abertas naquelles lugares onde o catonismo descobrira mais revoltante escabrosidade... Assim, os sacerdotes da critica pudibunda tinham prestado á vulgarização das obras de Eça o auxilio de um reclamo que, por ser inteiramente estúpido, nem por isso se tornara menos efficaz; e succedeu até que alguns delles, desorientados, atordoados diante desse triumpho imprevisita e sobretudo com inveja delle, em breve mandassem imprimir na capa dos seus livros o letreiro explicativo "Romance realista", a ver se a clientela, com a mesma curiosidade malsã, a mesma avidéz de li-

bertinagem, lhes arrebatava as edições.

Mas o grosseiro equivoco formado em torno dos romances de Eça não podia durar sempre. Gradualmente, o publico se foi convencendo de que não sómente elles prestavam o culto mais sincero e mais honesto á verdade, mas ainda do que delles se podia apurar, deduzir, concluir, ressaltava a mais evidente moralidade. Compreendeu-se que, sem serem romances para meninas, aos homens e mulheres pensantes, conscientes, só podiam suggerir boas idéas e boas acções. Ao demais, romances para meninas, não os ha capazes. Os mais idealistas e assucarados podem causar nessas cabecinhas que ainda não reflectem, não discriminam, aceitam tudo, pavorosas, fataes perturbações. Os mais lindos são os mais perigosos, sim, porque dão á creaturinha uma falsa noção — que ella insensivelmente guarda — das cousas da vida. A influencia que esses livros exercem nos cerebros incompletamente formados é quasi sempre traiçoeira; e ai das leitoras que, imbuidas de tal optimismo, mais cedo ou mais tarde se lembrem de o praticar, a serio! Não, Eça de Queiroz não escreveu romances para meninas, mesmo porque meninas não devem ler romances de qualidade alguma. Mas se já, em lingua portugueza, obras de imaginação, de ficção litteraria encerraram uteis conselhos e um fundo de puro ensinamento, essas são, sem duvida, as suas obras. Eis o que se havia de esclarecer um dia e para sempre ficar estabelecido. Camillo, que, de certo, não morria de amores por Eça de Queiroz, mas, nos momentos de se pronunciar formalmente ácerca dos seus meritos ou das suas intenções, não deixava de lhe fazer justiça, qualificou o *Primo Basílio*, no *Cancioneiro Alegre*, como sendo "o livro mais doutrinal que ainda sahira dos prelos portuguezes." E mais tarde, na famosa polemica com Alexandre da Conceição, desenvolveu o sentido daquelle adjectivo: "*Doutrinal*, escrevi, como synonymo de *moralizador*. Em minha consciencia entendo que, se já houve livro que pudessem e de-

vesse salvar uma mulher casada na aresta do abysmo, é o *Primo Bazilio*." — (De uma conferencia do sr. João Luso, realisada no Rio de Janeiro).

OS ARTISTAS FRANCEZES E A GUERRA

Realisou-se recentemente em Roma, na Galeria Colonna, uma grande exposição de quadros e desenhos de artistas francezes, executados durante a guerra. No salão vastissimo, de 72 metros de comprimento por 12 de largura, reuniram-se cerca de oitocentos trabalhos, quasi todos, senão todos, executados em campanha, pois todos os artistas se achavam em serviço. Havia pintura, desenhos e caricatura, estas em muito maior numero, o que se explica naturalmente pela facilidade maior de execução. Grande parte das telas era consagrada ás figuras principaes da guerra: Poincaré, Joffre, Sarrail, Gallieni, etc. Entre os expositores destacavam-se: Bouchor, Berne Bellecour, Raymond Devareux, Georges Scott, Jonas, Henry de Groux, Lalauze, Flammeng, Hoffbauer, Bruyer, Ibels, Léandre, Bourgain, etc. Eram visões da guerra ou apenas typos encontrados: as ruínas de uma cidade bombardeada, um grupo de prisioneiros, destruições, incendios, egrejas arruinadas, "poilus", enfermeiras — artistas compraziam-se em fixar pelo lapis um aspecto tragico ou curioso, uma scena emocionante, uma "silhuetta" interessante. E como não os abandonara o bom humor, faziam comentarios: havia caricaturas, diz um critico italiano, que valiam por batalhas ganhas, tal a azorragante ironia dos artistas. Os artistas francezes não consideram a caricatura como uma forma de arte inferior. E com effeito, a caricatura participa da arte, da literatura e da politica, tanto que um bom caricaturista deve, além do seu proprio valor artistico, ter uma boa cultura literaria e um exacto conhecimento da politica do seu paiz, senão até da de todo o mundo. Ninguém, mais do que elles, deve acompanhar tudo quanto succede e fixar a nota justa. A sua obra é, pois, além de artistica pela execu-

ção, ainda literaria e politica. Os artistas registraram tudo quanto lhes passou deante da retina e os commoveu. Como era de esperar de trabalhos executados muitas vezes sob o fogo inimigo, a exposição dos artistas francezes foi mais interessante do ponto de vista politico do que do artistico.

A produção de desenhos e caricaturas é que foi extraordinaria. Os ção — literaria pelo pensamento, e politica pelo objectivo.

Abel Favre, Jeannot, Steinlen, Robida, Simont, Renouard, Leven e Lemmonier figuravam entre os desenhistas; e, entre os caricaturistas citavam-se: Forain, Abel Truchet, L. Bering, Barthelemy, Poulbot, Hansi, Jean Ray.

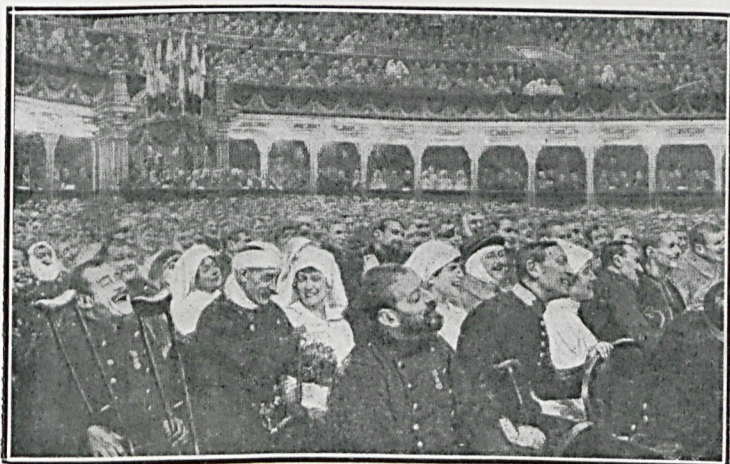
Alguns dos quadros e desenhos expostos pelos pintores francezes em Roma, são reproduzidos neste numero da *Revista do Brasil*.

A DEMOCRACIA E A DIPLOMACIA

Variam, como é natural, as opiniões sobre as causas determinantes da grande guerra européa. Alguns asseguram que a conflagração foi provocada pelo militarismo — uma expressão tão vaga e convencional como essa outra — socialismo; outros attribuem-na a competições commerciaes, outros ainda a ambições de mando e outros á vontade mutua das nações de se destruirem e ás más paixões do homem. Dentre todas as opiniões, porém, uma das mais espalhadas é a de que a immensa catastrophe é devida directamente ás intrigas e manobras da diplomacia. Os que assim pensam pintam a democracia como uma victima desamparada dos máus diplomatas cuja alegria suprema foi a provocação desta horrivel guerra mundial. O grito popular que agora se ouve é o da abolição da *diplomacia secreta*, que deve ser substituida pela *democratização da politica estrangeira*. Ha quem ingenuamente pense que o povo será capaz de promover negociações diplomaticas na praça publica...

Um escriptor inglez, o sr. Walter Lippman dedicou a esta these um livro interessante — *The stakes of di-*

RESENHA DO MEZ



SIMONT: A festa dos embelezados no Trocadero



P. RENOARD: Os cegos

UNIVERSITY OF SÃO PAULO
BIBLIOTECA DE ECONOMIA



RESENHA DO MEZ



G. SCOTT: A guarda da bandeira



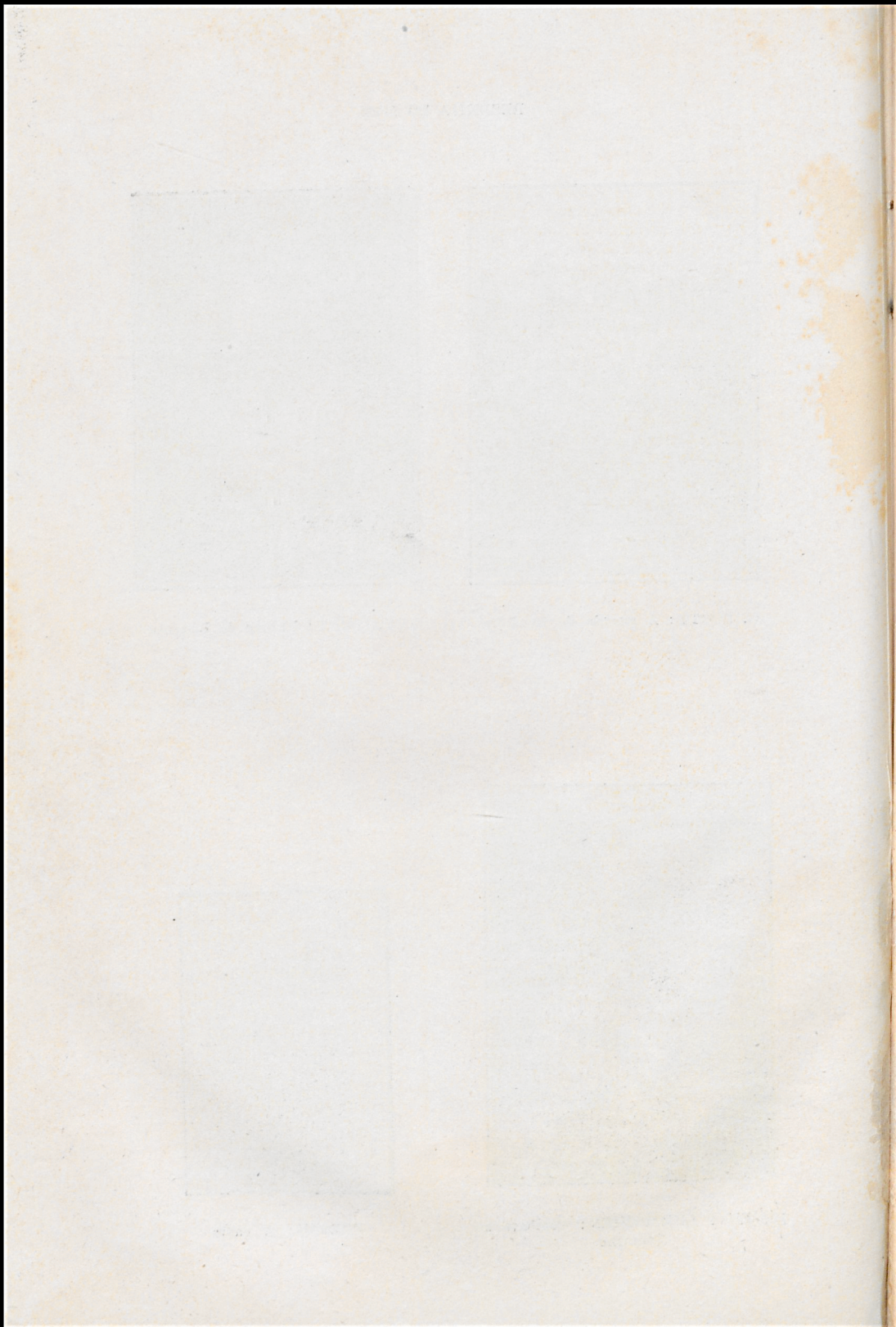
FRAIPONT: Ruínas de Louvain



LEVEN e LEMMONIER: Combate no
Trentino



FORAIN: A carta



plomacy. Elle defende a sua these com uma notavel habilidade dialectica, mas não convence. O seu raciocinio é mais ou menos o mesmo que seria o de alguém que invocasse os serviços de um veterinario para um caso de appendicite ou de cancro que os mais habéis medicos não pudessem resolver.

Essa these é impraticavel. A publicidade de negociações diplomaticas só males traria para as nações. O que se tem passado nos Estados Unidos com os agentes allemães, se fosse trazido a publico officialmente pelo governo, a esta hora já teria levado os Estados Unidos, pelo menos, a cortar as relações com a Allemanha.

A discussão na praça publica pela intervenção directa do povo nas relações internacionaes traria para o paiz difficuldades muito serias. E' contrario á experiencia e á razão pensar-se que a democracia teria mais habilidade para evitar as guerras que a diplomacia secreta. Não faltam, aliás, os exemplos, na historia de todos os povos, para attestar a incapacidade diplomatica das democracias. Lembre-se apenas, de passagem, a estúpida intromissão do parlamento francez na política da França, quando a Inglaterra convidou aquelle paiz para intervirem juntos no Egypto...

Essa incapacidade é devida a tres razões: primeira, a impossibilidade de ser o publico em geral completamente informado dos factos e a sua incapacidade para comprehender todos os factores que actuan nos acontecimentos; segunda, a necessidade indeclinavel de guardar segredo em certos momentos para conseguir determinados objectivos que se prendem á segurança do Estado; terceira, a incapacidade da democracia para, usando da phrase de Tocqueville, "regular os pormenores de uma empreza importante, para perseverar num designio determinado e para levar a termo esse designio, a despeito dos obstaculos que se lhe oppuzerem".

E' um erro fundamental confundir a diplomacia como profissão com os politicos chamados a exercel-a; identificar o agente com o principal, criticar o instrumento em lugar dos

homens que o manejam. Os methodos diplomaticos dependem principalmente da personalidade dos estadistas responsaveis pela direcção dos negocios estrangeiros. A politica pela qual se orientem esses estadistas e a nação no seu conjuncto pode ser boa ou má, cautelosa ou imprudente, clarividente ou opportunistá, corajosa ou covarde, conforme os casos. A determinação da politica de um paiz, quer nos periodos de calma, quer nos periodos de tempestade internacional, reside em grande parte nas mãos dos estadistas escolhidos pela democracia para salvaguardar os interesses da nação. O segredo exigido para proteger os interesses nacionaes, o conhecimento dos factores que essa protecção envolve, a segurança de visão, o senso da responsabilidade, não só em relação á presente como ás gerações futuras, a tenacidade de proposito que essa tarefa exige, tudo, em summa, repelle a intervenção do povo na praça publica para prover á defesa dos interesses nacionaes. Seria uma loucura que a democracia, chamando a si o direito de iniciativa ou de *referendum* nos negocios estrangeiros, recusasse a sua confiança e o seu apoio aos estadistas, nas occasiões de perigo internacional e de complicações diplomaticas. A larga dose de liberdade que deve necessariamente ser concedida ao presidente da Republica na direcção das relações exteriores implica logicamente uma liberdade ainda maior na escolha dos agentes diplomaticos para a execução da politica e para a effectiva representação dos interesses do paiz.

Um corpo diplomatico permanente e classificado não é, para esse fim, o mais adequado e desejavel. Para a formação do corpo diplomatico deve-se ter em vista sobre tudo o merito dos individuos. Deve ser condemnado tambem, e condemnado vigorosamente, o systema de fixar para os diplomatas vencimentos baixos. A diplomacia deve occupar uma posição elevada e os diplomatas devem ser bem remunerados. Em resumo: Para o seu proprio beneficio a democracia não deve embarçar o seu



chefe, e as medidas que o mesmo adoptar, na direcção dos negocios estrangeiros. (Philipp Marshall Brown — *The North American Review* — New-York).

VARIEDADES

AS FORÇAS PSYCHICAS

A expressão forças psychicas serve para indicar phenomenos naturalissimos que ainda não comprehendemos. O espaço cheio de mysterios será um campo interessantissimo de estudos no futuro. O ar que vibra e palpita com as mensagens radio-telegraphicas occulta aos nossos sentidos ignorantes quem sabe quantos outros phenomenos prodigiosos. Condições novas de vida engendram necessidades novas e estas conduzem a novas descobertas. E' possivel que o ambiente em que vivemos, quando modificado dê á raça humana novos sentidos que se não podem ainda prever, ou desperte nella sentidos latentes. Não é inerivel que possa se desenvolver em nós um sentido pelo qual nós tenhamos maior exteriorisação. A indagação scientifica ou o acaso poderá dar-nos um dia essas forças que os nossos sentidos por enquanto não percebem, como não percebem ainda os raios X e as ondas hertzianas. Não são porventura estes exemplos convincentes de que existe em torno de nós o occulto que está ainda para ser percebido? O desconhecido se manifesta sempre a nós de modo mysterioso; e frequentemente nos encontramos deante de phenomenos que não podem ser explicados por leis conhecidas. Mais sabio é, portanto, procurar conhecer o que nos é obscuro do que negal-o. Eu me encontrei deante de um desses phenomenos e confesso que fiquei muito embaraçado: um amigo meu apresentou-me um dia um homem dizendo-me: "Bert Reese faz cousas estranhas. Desejo que o conheças. Talvez conseguireis explicar as suas faculdades." Reese veio ao meu laboratorio e pediu-me que chamasse

um dos meus operarios para experiencia. Veio o operario, um norueguez, e elle propoz-lhe que fosse ao aposento visinho, escrevesse sobre um pedaço de papel o nome de sua mãe antes della se casar, o lugar onde ella nascera e varias outras coisas. O norueguez executou o pedido, e em seguida conservou bem fechado na mão o pedaço de papel. Então Reese disse tudo quanto continha o papel como se lesse sobre uma folha estendida deante dos seus olhos. Depois que Reese repetiu a experiencia com outros empregados, quiz submeter-me eu tambem á prova e passando para outro edificio escrevi: "Haverá alguma coisa de melhor do que o hydroxydo de nickel para uma bateria de materias alcalinas?" (Eu fazia naquelles dias experiencias nesse sentido e acreditava não ser bem succedido). Depois, para que Reese não lesse em meu pensamento, pensei num problema e volvi toda a minha attenção em resolvel-o.

Absorvido por esse problema, reentrei no quarto em que se achava Reese, que logo me acolheu com estas palavras: "Não; não ha nada de melhor que o hydroxydo de nickel para uma bateria de materias alcalinas." E com effeito nada encontrei até hoje. Dois annos depois achava-me no meu laboratorio quando me annunciaram Reese. Tomei um lapis e escrevi num pedaço de papel, em letras microscopicas a palavra *keno* e puz o pedaço de papel no bolso. Reese entrou e depois de breve saudação perguntei-lhe: "Reese, tenho um pedaço de papel no bolso: que é que escrevi nelle?" Sem hesitar, respondeu-me: "Keno".

Quando exprimi a minha admiração pelos phenomenos que vira muitos cientistas americanos riram-se de mim e o ex-presidente da Academia de Medicina de Nova York, doutor William Hanna Thompson, declarou abertamente que eu tinha sido victima de uma burla. Reese, considerando-se então offendido, não quiz prestar-se a uma experiencia, mas eu o induzi a isso. E o dr. Thompson teve que se persuadir,

pois numa sessão em sua casa, presente o autor deste artigo, Reese disse ao doutor: "No fundo da caixa da esquerda da vossa gavetinha ha um pedaço de papel com a palavra *Opsonic* escripta. Debaixo do livro que se acha sobre a vossa mesa ha um pedaço de papel com a palavra *Ambiceptor*. Em outro pedacinho de papel está escripto: *Antigen*".

Thompson declarou-se convencido, reconhecendo numa carta a mim (31 de outubro de 1910), que o facto era verdadeiro e accrescentou: "Eu não comprehendo como Reese consegue fazer tudo isso. Não lhe dou, portanto, nenhuma explicação".

Tenho tentado ha alguns annos diversas experiencias de transmissão de pensamento mediante um appparelho electrico de fabricação minha que applicava na cabeça dos operadores. Nenhum resultado obtive. Entretanto Reese não precisa de appparelho nenhum nem de condições especiaes. — (Thomas A. Edison — *New-York Times*).

OS QUE FAZEM OS ESCRIPTORES FRANCEZES

O *Figaro* fez entre os escriptores francezes uma "enquêta" para saber em que se têm occupado elles durante estes dois ultimos annos. Ainda não lhe chegaram todas as respostas, mas as recebidas já deixam ver que a "enquêta" será interessante. Pierre Veber, por exemplo, confessa que teve de continuar o seu trabalho no *New-York Herald*, edição de Paris, jornal em que elle se occupa da imprensa franceza e em que faz mesmo o resumo dos debates do Parlamento. Além disso precisou escrever algumas comedias que serviram para dar sustento ao pessoal dos theatros, onde se representaram com successos e insuccessos. Veber accrescenta que devem continuar a trabalhar os que não combatem: não occupam o lugar de ninguem, e quando os que se acham em campanha voltarem, encontral-os-

ão promptos a ceder-lhes o "tour de faveur". Tambem Maurice Hennequin escreveu duas comedias: "Le Poilu", de collaboração com Veber; e "Madame et son Filleul" com Veber e Gors, coisas da actualidade, como indicam os titulos. Todos os personagens masculinos, excepto um, são soldados, e a acção tem lugar nos dois ultimos annos de guerra. "Os poetas, conclue Hennequin, têm cantado em versos heroicos a coragem sublime dos nossos admiraveis soldados; nós, que não somos mais do que "vaudevillistas", cantamolo tambem á nossa maneira. Cada qual dá o que pode..."

Pierre Wolff fez-se, entretanto, carvoeiro. Jacques Des Gachons o encontrou no mesmo bairro em que vive, á rua d'Annale, deante de um grande indicador, onde o autor do "Secret du Polichinelle" tem os nomes e os endereços das nove mil pessoas ás quaes tem fornecido kilos e kilos de combustivel nos dois ultimos invernos. Todas as manhans quatro carroções automoveis militares fazem o gyro de Paris distribuindo carvão a literatos, pintores, esculptores e artistas dramaticos que se acham na miséria. E esse serviço, que Pierre Wolff instituiu, ajudado pela philantropia de senhoras e cavalheiros é justamente chamado o "bon feu". Um bello dia um empregado do governo foi á sua casa e lhe perguntou onde eram os escriptorios e onde estavam os empregados da sociedade do "Bon feu". Wolff teve de responder que os escriptorios eram alli e que os empregados eram elle e um dactylographo, durante todo o dia occupados. Trabalho extraordinario, quasi bestial, quando se pensa que só esses dois homens têm a seu cargo não só recolher as numerosissimas offertas de carvão como distribuir cinco milhões de kilos de combustivel. Entretanto, apesar da sua fadiga, Wolff fez representar na "Comedie Française" uma nova comedia sua, em um acto: *Les deux gloires* — "doze grammas de literatura", como elle disse, brincando, ao jornalista que o fôra visitar.

O INVENTOR DO CINEMATOPHOTOGRAPHO

Quem inventou o cinematographo? A questão é controvertida, e para decidil-a preciso é, antes de tudo, saber se se deve entender por invenção a origem primeira de uma idéa ou o aperfeiçoamento que permite pol-a em pratica. Ha boas razões para crêr que a invenção seja de origem britannica. W. Friese-Greene, affirma ter sido elle quem ideou pela primeira vez a pelicula de cellulóide continua, mas são precisos dados mais positivos para estabelecer com segurança os direitos desse pretendente. Como em muitos outros casos em que simples tentativas para attingir um escopo precederam a invenção propriamente dita, succedeu que imagens moveis ou animadas já se apresentavam na Inglaterra muito antes que se descobrisse, pelo processo photographico, a chave do cinematographo. Já em 1833 um mechanismo chamado "Roda de Vida" representava o movimento de um cavallo em galope: consistia num cylindro girando em torno de um eixo vertical e com a superficie cheia de varias perfurações; no interior se dispunham as imagens representando as varias "poses" da figura movel que se queria reproduzir; e quando o cylindro girava, o observador, olhando atravez das perfurações, tinha effectivamente a illusão de ver o objecto em movimento.

Cincoenta e dois annos mais tarde Friese-Greene iniciou as suas experiencias com outro character, projectando as figuras sobre uma tela. A primeira representação publica foi dada numa reunião onde se mostrou a imagem de uma rapariga que virava os olhos para a direita e para a esquerda. Uma senhora, que se achava presente, ficou tão surpresa que scepticamente se approximou da tela e insistiu para que a deixassem tocar com os dedos os olhos da rapariga — acreditando sem duvida que algum parceiro se houvesse escondido atraz da tela branca. Todavia, o cinematographo não estava ainda inventado, nem foi por meio dos sub-

sequentes aperfeiçoamentos feitos nesse primeiro aparelho de Friese-Greene que se chegou a obter o que é hoje o cinematographo. Isso só se conseguiu depois da invenção da pelicula continua de cellulóide. Quando se viu que era possivel imprimir as photographias sobre uma unica pelicula em vez de ser sobre folhas separadas, estava aberto o caminho a todos os aperfeiçoamentos. Narra Friese-Greene que elle tinha confiança na sua descoberta, chegando a pedir o privilegio della e despendendo cerca de 1.000 esterlinas para lançal-a. Em 1889 conseguiu formar uma pelicula do comprimento de seis metros, que reproduzia o movimento dos vehiculos e dos transeuntes em Hyde Park Corner. Quasi faz rir hoje, observa Friese-Greene a idéa de uma pelicula de seis metros: mas naquella occasião custou não pequenas fadigas e alcançou grande successo. Americanos e allemães, sobretudo allemães, se apoderaram depois da invenção, aperfeiçoaram-na e dentro de pouco tempo não deixaram a Friese-Greene mais do que a satisfação intima de ter feito uma descoberta tão importante. — (*Science Monitor*, Boston).

OS TOLOS CLASSICOS

Calino chama-se na Italia monsenhor Perrelli. Monsenhor Perrelli não é uma criação phantastica; foi uma pessoa verdadeira e real, quasi um personagem historico. Pertencia a uma antiga e nobre familia napolitana e tantas tolices fazia ou dizia que se tornou logo conhecido na região e foi elevado a symbolo da tolice na Italia. Chamava-se Pietro Paolo Perrelli. Uma vez, chegando tarde para observar um eclipse e sendo por isso observado pelas pessoas presentes, respondeu-lhes:

— Oh! Sou amicissimo do director do Observatorio e elle me fará repetir o eclipse.

Numa de suas prédicas, fazendo o panegyrico de Sant'Anna disse, entre outras cousas, que a Santa, por piedade dos napolitanos tomara o



terremoto pelos cabellos e o afundara no Vesúvio.

Um dia confessou um penitente, e tendo este blasphemado tres vezes, ordenou-lhe que por penitencia jejuasse um dia inteiro. Apresentou-se-lhe logo um outro penitente, que confessou ter blasphemado uma só vez. Monsenhor viu-se embaraçado para lhe dar a penitencia: sahiu-se da confusão mandando que blasphemasse mais duas vezes e jejuasse um dia inteiro como o outro.

Como bom servo de Deus, monsenhor Perrelli não amava os escandalos. Ora, um dia, vendo dois namorados que não podendo falar-se faziam signaes de longe um ao outro, fel-os vir em sua casa durante uma hora por dia. E andava radiante pela boa acção que fizera. Logo viu, porém, os effeitos, e monsenhor Perrelli teve mesmo de despender dinheiro por causa dessa tolice.

Muita anedota corre á conta de Perrelli, sem que entretanto elle tivesse sido heróe de todas ellas. Mas ha na Italia ainda outros tolos famosos: o toscano Giuoca, o bolonhez Bertoldino, o siciliano Giufá, o veneziano Marco Paparelli, os piemonteses Simonet e Conde di San Vitale, etc.

A França tem Caline, personagem grotesco que se tornou popular; tem Bobéche, Janot e Jocrisse, este ultimo a personificação mais perfeita do imbecil, que tudo mistura e confunde; e tem, sobretudo, dois symbolos deliciosos — Monsieur de La Palisse e Joseph Prudhomme. Como Monsenhor Perrelli, Jacques de Chabannes, Senhor de La Palisse, foi uma pessoa real, valoroso marechal de França, morto com heroismo em 1525 na batalha de Pavia. Provavelmente os seus soldados ou qualquer poetaastro teve a desgraçada idéa de celebrar a sua morte gloriosa em versos, dois dos quaes eram estes:

Un quart d'heure avant sa mort
Il etait encore en vie...

O poeta queria, evidentemente, dizer que o heroico soldado se havia batido vigorosamente até o fim. Mas

em 1770 um poeta burlesco, Bernard de La Monnoye, encontrou esses versos e compoz, em memoria do glorioso heróe todo um canto em doze estrophes, cada uma das quaes contem um conceito profundo á maneira daquelle; e então surgiram as "verités palisiennes", que como se sabe se multiplicaram ao infinito.

Tem tambem uma origem litteraria, mas de outro genero, Joseph Prudhomme, typo creado em 1800 por Henry Monnier, actor, escriptor e artista.

Prudhomme é o typo da nullidade magistral, da estupidez magestosa ou, como disse Theophile Gautier "la synthése de la bêtise bourgeoise". Das suas phrases tolas e vãs, mas solennes e retumbantes os caricaturistas se apoderaram, fazendo Prudhomme intervir sempre nos acontecimentos mais importantes, nas polemicas mais vivas de arte, politica, litteratura, com os seus conceitos idiotas. Aqui vão algumas amostras: "Otez l'homme de la société, vous l'isolez. — Le char de l'Etat navigne sur un volcan. Napoléon etait un ambitieux; s'il avait voulu rester simple officier d'artillerie, il serait peut-être encore sur le throne."

Como a França tem La Palisse e Prudhomme, os povos germanicos têm Till Eulenspiegel, tambem esse, segundo parece, um personagem que existiu verdadeiramente no seculo XIV. Delle se narravam varias aventuras, que recolhidas em volume logo se diffundiram e se tornaram populares. (S. De Pilato, *Rivista d'Italia* — Roma).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

BRASIL:

ANNUARIO DEMOGRAPHICO, com a estatistica demographo-sanitaria do Estado de S. Paulo, anno XXII, 1915.

A GRANDE GUERRA — Poemeto por Teixeira de Souza.

DISCURSO do Padre Sylvano de Souza na Escola Normal do Ceará.

REVISTA FEMININA — N. 31

— S. Paulo — Dezembro. A destacar: "A noche buena", por Gomes dos Santos; O Feminismo, por C. Magalhães de Azeredo; Cega, por Mario Sette; O anjo da paz, por Leoncio Corrêa; A mulher pernambucana na historia patria, por Fonseca Oliveira.

A VIDA MODERNA — Ns. 300 e 301 — S. Paulo.

ESTRANGEIRO:

ATLANTIDA — N. 13 Anno II — Lisboa — 15 de novembro de 1916. — Summario: Atlantida — 15 de Novembro — O catholicismo no Brasil, por Antonio Torres; Russa de má pêlo, por Teixeira de Queiroz; Terra desconhecida, por Flexa Ribeiro; "O Perigo americano", por José de Campos Pereira; As Universidades, por J. M. de Queiroz Velloso. Revista do mez, Noticias e Commentarios.

REVISTA ARGENTINA DE CIENCIAS POLITICAS — Buenos Aires, 12 de Dezembro de 1916 — N. 75 — Anno VII — A destacar: El deber de justicia, de Rodolfo Rivarola; Circulación monetaria. Commentarios al proyecto del poder ejecutivo, de Roberto A. Ramm Doman; El presupuesto y su contralor, por Joaquim Spinelli; El problema de la vialidad, por Mario A. Rivarola; Los judios, por Natan Gesang; Medios de acelerar los procedimientos judiciales, por J. Honorio Silgueira; Responsabilidad de los escribanos públicos, por Alejandro Rayoes.

RIVISTA DELLE NAZIONI LATINE — Florença, 1 de novembro — Artigos principaes: La voce della Rumenia, por G. Lacour-Cayet; La quova Italia contro la Germania, por G. Papini; La responsabilitá morale dei filosofi tedeschi, por A. Pastori.

REVUE HEBDOMADAIRE — Ns. 44, 45, 46, 47 e 48 — Outubro e Novembro de 1916 — Paris — Artigos principaes: Union economique contre l'Allemagne, por R. Georges Levy; La Revanche Latine, por A. Gérard; La Décadence et la fin prétendue des races, por E. Perrier; Le General Lemann (poema) por E.

Vernhaeren; Robert Dubarle, por Louis Barthou; Vieilles doctrines de guerre, por G. Proust; Quelques reflexions sur la science et l'industrie, por Emile Picard; L'Ame du soldat russe, por M. de Bibikoff.

LA GRANDE REVUE — Novembro de 1916 — Paris — A destacar: Le Joug de la Guerre, por L. Andrieux; Le Musée Rodin, por E. Linossier; E. Quinet, annonceur de l'Allemagne moderne, por F. Crenieux; L'Amérique intellectuelle et la France, por J. Menlant.

MERCURE DE FRANCE — N. 442 — Paris, 16 de Novembro de 1916 — La Création de l'Autriche-Hongrie, por Jules Chopin; L'Essor de la Vie theatrale et musicale en Allemagne, por Marc Henry; Quelques reflets de l'Ame italienne, por Maurice Vallis; Les Visionnaires de l'épouvante, por Henri Aimé; Le Machinisme, le Progrés et la Morale, por Louis Narquet.

RASSEGNA NAZIONALE — 1 de Novembro de 1916 — Florença — Ricorsi storici di un secolo fa, por Mario Zucchi; L'Emerologia e la data dell'Esodo degli Israeliti, por Enrico Masini; Come nacque la Compagnia Reale Sarda, por Giuseppe Deabate; La felicità (novella), por Luigi Venturini; Una rievocazione di Antonio Ciseri, por C.

REVIEW OF REVIEWS — Londres, Novembro de 1916 — Principaes trabalhos: Mouquet Farm, a personal narrative; Platon E. Drakoules, por F. R. Scatcherd; Trad and the War, por Ernest P. Benn; Ireland and conscription, diary of the war.

THE NORTH AMERICAN REVIEW — Novembro de 1916 — Nova York — Summario: The paramount issue: character, pelo sr. George Harvey; America and World peace, por Willis Fletcher Johnson; The new era in Japan, por William Elliot Griffis; Democracy and diplomacy, por Philip Marshall Brown; The morality of force, por Hartley B. Alexander; Pure "asépsis", por Paul M.



AS CARICATURAS DO MEZ

CHEGOU O SABINO



Os papaveis (meditando) — Tambem será candidato?

(“Caretá” — J. Carlos)

INABALAVEL



Constantino — Hei de manter a paz no meu reino, embora para isso seja obrigado a entrar na guerra.

(“Careta” — *J. Carlos*)

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA—Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO—Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angelica, 141 — Telephone 3012.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Cons.: R. Quintino Bocayuva n. 4 (esq. R. Direita). Res.: R. Albuquerque Lins, 92. Tel., 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA—Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças—Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

DR. ALVARO CAMERA—Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO — Corretores officiaes—Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

CORRETOR OFFICIAL—JAYME PINTO NOVAES — Rua São Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738—Compra e venda de apolices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas, S.
Paulo". Telephone 626 (Cidade)
— Rua Alvares Penteado — S.
Paulo.

DESPACHANTES:

BELI & COMP. — Santos:
Praça da Republica, 23. Teleph.
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Can-
delaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa,
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.
Telegrammas: "Belli".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-
lio Rocco — Novidades em case-
mira ingleza. — Importação di-
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
5151 — S. Paulo.

ALFAIATARIA—Donato Plas-
tino — Emprega só fazendas ex-
trangeiras — Rua do Thesouro, 3
(1.º andar) — S. Paulo.

**INDUSTRIAS E IMPORTADO-
RES:**

C. MANDERBACH & COMP.
— Papelaria, typographia, enca-
dernação—Telephone 792—Caixa
545 — Rua S. Bento, 31. — S.
Paulo.

A INTERNACIONAL — Gran-
de Fabrica de Malas e Canastras
Officina para concertos. — Do-
mingos Macigrande. — Rua São
João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cau-
telas de casas de penhores e do
Monte de Soccorro de S. Paulo
— A CASA MARCELLINO com-
pra e paga bem.—Praça Antonio
Prado, 14 — Telephone 4.692 —
S. Paulo.

Loteria de S. Paulo
Em 29 de Dezembro

100 contos { 20:000\$000
20:000\$000
20:000\$000
em 5 premios { 20:000\$000
20:000\$000
de { 20:000\$000

Plano inteiramente popular

O custo de cada bilhete é apenas de 2\$000

Os bilhetes estão á venda em toda parte

Para Pinturas finas, Trabalhos de Mechanica e de
carrosseries para Automoveis, procurar, de preferencia, as
acreditadas e bem montadas officinas da

Casa Rodovalho

Rua da Moóca, 82 e 84 - Telephone, 583

Os automoveis de mais luxo
e conforto são os da CASA RODOVALHO

HORA A 10\$000

Trav. da Sé, 14 e 14-A - S. PAULO

Telephone, 384

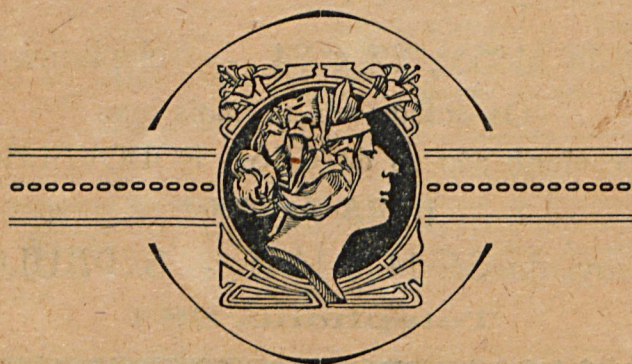
Vicente Lattuchella
Alfiate

RUA BÔA VISTA 56

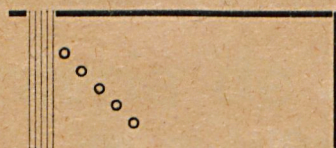
S. PAULO

ETABLISSEMENTS BLOCH

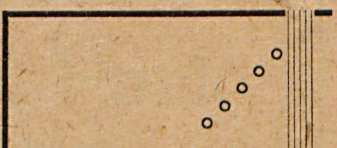
Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.



RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega



S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

REVISTA DO BRASIL

Por motivo da crise que atravessa a industria do papel, a "Revista do Brasil" vê-se obrigada a augmentar o preço da assignatura, que de janeiro em diante custará: anno, 15\$000 réis; semestre, 8\$000. Esse augmento, que é, como se vê, muito insignificante, permitirá, entretanto, desenvolver a collaboração da Revista, tanto literaria como scientifica e artistica, de forma a tornar ainda mais interessante a nossa publicação. Pedimos aos nossos assignantes que reformem as suas assignaturas até Janeiro, afim de que lhes não seja suspensa a remessa do numero desse mez.

Com este fasciculo a "Revista do Brasil" completa o seu terceiro volume, de mais de quatrocentas paginas, como os anteriores, sendo o respectivo indice alphabetico e analyticó distribuido com o proximo numero de Janeiro. Cada volume da Revista, compreendendo quatro fasciculos, custa, por emquanto: 9\$000 réis, encadernado; 6\$000 réis, em fasciculos; pelo correio, mais 500 réis. No proximo anno estes preços serão augmentados.

Os fasciculos anteriores da "Revista do Brasil" trouxeram trabalhos dos srs. Alberto de Oliveira, José Verissimo, Augusto de Lima, Mario de Alencar, Medeiros e Albuquerque, Pedro Lessa, Carlos Magalhães de Azeredo, H. Inglez de Souza, João Ribeiro, Oliveira Lima, Souza Bandeira, Olavo Bilac, todos da Academia Brasileira; Amadeu Amaral, Adolpho Pinto, Arduino Bolivar, Armando Prado, Conselheiro Antonio Prado, Luiz Pereira Barretto, Monteiro Lobato, Mario Pinto Serva, Octavio Augusto, Valdomiro Silveira, Veiga Miranda, Heli Lobo, Julio Cesar da Silva, A. Carneiro Leão, Carlos de Carvalho, E. Roquette Pinto, F. Linhares, Jacomino Define, Aurelio Pires, Paulo Pestana, Plinio Barreto, Victor Freire, Alberto Seabra, Antonio Salles, Alvaro da Silveira, Souza Reis, João Kopke, J. A. Nogueira, F. Schmidt, Martins Fontes, Octavio Mendes, Olympio Portugal, Rocha Pombo, Samuel de Oliveira, João Ferraz, Veiga Lima, R. von Ihering, Alceu Amorooso Lima, João Luso, Frederico Villar, Lindolpho Xavier, Garfield de Almeida, Mario Sette, Antonio Piccarolo, Eusebio de Souza, Carlos de Lemos, Humberto de Campos, Mauricio de Medeiros, Americo de Moura, etc.

O sumario do ultimo numero da Revista, correspondente ao mez de Novembro, é o seguinte: **As minas do Ipú**, por Eusebio de Souza; **O A. B. C.**, por Carlos de Lemos; **A Escravidão**, por Armando Prado; **Sonetos brasileiros**, por Humberto de Campos; **Pedro Americo**, com illustrações, por Monteiro Lobato; **Justiça e Assistencia**, por Mauricio de Medeiros; **Um capitulo de semantica**, por Americo de Moura; **Resenha do mez**.

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para **CAFÉ**

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua
Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado
e pertences

GLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua de São Bento N. 29-G

SÃO PAULO